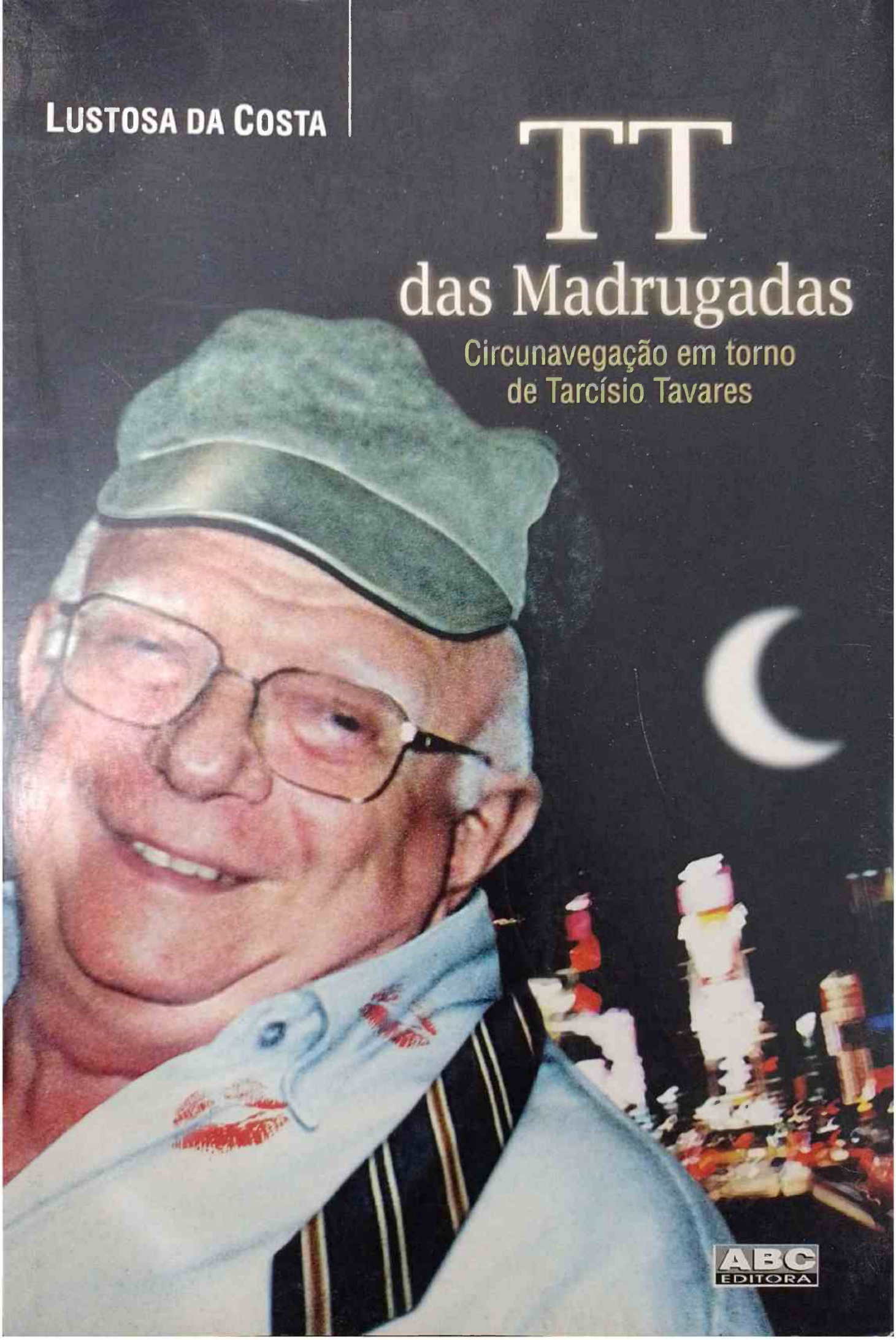
LUSTOSA DA COSTA

TT das Madrugadas

Circunavegação em torno de Tarcísio Tavares



ABC EDITORA

Digitalizado com CamScanner

Lustosa da Costa, colunista do Diário do Nordeste, em Brasília, onde reside desde o final de 1974 e onde foi repórter de "O Estado de S.Paulo" e colaborador do "Correio Braziliense", coordenou a publicação de "TT das madrugadas", em homenagem a seu amigo, o homem de propaganda Tarcísio Tavares, da mesma maneira que o fez quando outro amigo, já desaparecido, o cirurgião Régis Jucá chegou aos sessenta anos.

Lustosa já publicou mais de vinte livros, entre os quais:

- Anuário do Ceará, em co-autoria com Dorian Sampaio, edições de 1971, 1972, 1973.
- Ideologia do favor – curral e cabresto, Stylus Comunicações, Ceará.
- Por que sou candidato, Fortaleza, Edição do autor, 1978.
- Sobral do meu tempo, Coleção Lima Barreto do Senado Federal, 1982.
- A Travessia, Brasília, Coleção Hipólito José Costa do Senado Federal, 1984.

Digitalizado com CamScanner

LUSTOSA DA COSTA

TT DAS MADRUGADAS

(CIRCUNAVEGAÇÃO EM TORNO DE TARCÍSIO TAVARES)

ABC EDITORA

Rio – São Paulo – Fortaleza
2006

Capa:
Heron Cruz

Editoração Eletrônica:
Egberto Nogueira

Revisão:
Francisco J. Carvalho

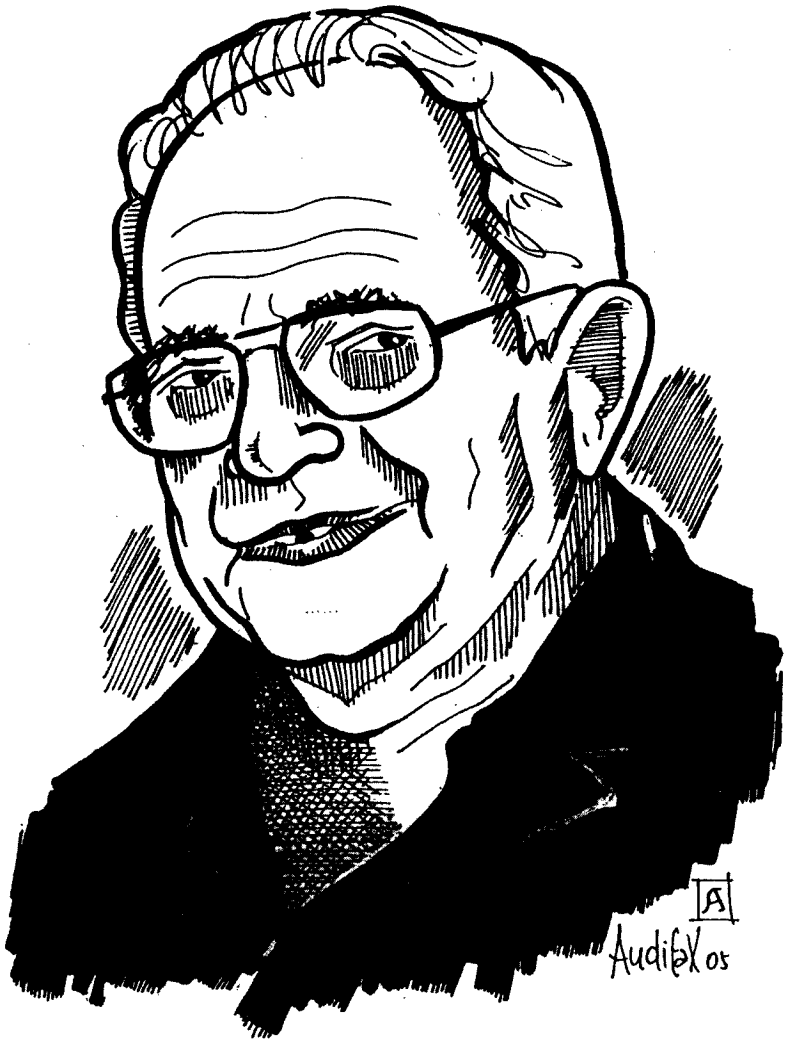
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C231t Costa, Lustosa da.
TT das Madrugadas (Circunavegação em torno de Tarcísio Tavares) / Lustosa da Costa. Rio - São Paulo - Fortaleza: **ABC Editora**, 2006.

228 p.

1. Tavares, Tarcísio - crítica e interpretação. I. Título.

CDD: 920.71


A
Audifax 05

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

ALFRÍZIO MELO – GRANDE TT 11

ANTÔNIO ROMCY – DEPOIMENTO A ANDRÉ MARINHO 13

ASSIS VIEIRA FILHO – DEPOIMENTO A ANDRÉ MARINHO 18

AUDIFAX RIOS – TT É UMA FESTA 23

AUGUSTO FIGUEIREDO – TT E EU 31

AURORA MIRANDA LEÃO – TERRITÓRIO DA ALEGRIA 33

AYRTON ROCHA – TARCÍSIO TAVARES E O BANCO NACIONAL 51

B. DE PAIVA – TA-TÁ E SUA LU...TA!!! 60

BLANCHARD GIRÃO – TARCÍSIO TAVARES – VARIAÇÕES SOBRE UMA FIGURA SINGULAR 65

BRAZ HENRIQUE – TARCÍSIO INVENTOU TT 69

CORDEIRO FILHO – NA CRISTA DO SUCESSO 78

DIMAS MACEDO – T(Ê)T(Ê) PARA PRINCIPIANTES 82

FERNANDA QUINDERÉ – TARCÍSIO, UM HOMEM SEM IDADE 84

FERNANDO COSTA – AO MESTRE COM CARINHO 86

FROTA NETO – TARCÍSIO TAVARES – O AGITADOR CULTURAL 88

GERVÁSIO DE PAULA – O TT QUE CONHEÇO 91

GILMAR DE CARVALHO – BRIEFING PARA UM TEXTO SOBRE TARCÍSIO TAVARES 94

GLICINEIDE SALES – PERSONAGEM DE RICAS EXPERIÊNCIAS 100

GUTO BENEVIDES – SOBRE O NOSSO TT 111

INÁCIO DE ALMEIDA – UM TIPO INESQUECÍVEL 113

JOSÉ AUGUSTO LOPES – TT É COISA DE CINEMA 117

JOSÉ MAPURUNGA – SOBRE FORTALEZA, TT E OUTROS PAPOS MUNDANOS 119

JUAREZ LEITÃO – TARCÍSIO TAVARES NOS TEMPOS DA BRILHANTINA 127

L.G. MIRANDA LEÃO – TT, FIGURA ÍMPAR DE FORTALEZA 137
LUCIANO DIÓGENES – O FILÉ MAIS CARO DO MUNDO 140
LÚCIO BRASILEIRO – GOSTO PELA VIDA SOCIAL 142
LUSTOSA DA COSTA – TARCÍSIO, CINQÜENTÃO 143
MINO CASTELO BRANCO – PILOURAS SEDUTORAS 144
MAURÍCIO SILVA – DOSSIÊ TT 146
NARCÉLIO LIMAVERDE – DESDE O COLÉGIO CEARENSE 150
NILTO MACIEL – GRITOS DE AMIGO 153
PAULO ROBERTO PINTO – A BOEMIA ESPIRITUAL DO TT 154
NEWTON FREITAS – TARCÍSIO TAVARES, INCENTIVADOR DA CULTURA 157
NEWTON PEDROSA – "MULHERES, MULHERES, WHISKY, AVE"! 160
PAULO LIMAVERDE – AS 3 FASES DA VIDA DE UM HOMEM... 162
PEDRO CASEMIRO – ANDAR DE ÔNIBUS PARA CONHECER O POVO 177
PEDRO MARTINS FREIRE – UMA PESSOA ESPECIAL 184
RICARDO BACELAR – TT – O ÁS DA COMUNICAÇÃO 186
SALES ANDRADE – O PULO DO GATO 188
TARCÍSIO TAVARES – DEPOIMENTO 189
WILSON IBIAPINA – ESSE TT É UM DANADO 193
XYCO THEÓPHILO – SORRIA, TT CHEGOU... 201
ICONOGRAFIA 213

APRESENTAÇÃO

Lustosa da Costa

Quando decidi editar livro, comemorativo dos sessenta anos do saudoso Régis Jucá, amigo comum, a princípio se disse constrangido de escrever sobre uma pessoa, proclamando-se mais à vontade se o tema fosse uma instituição a que esta personalidade estivesse ligada. Retruquei-lhe que meu prazer maior consiste em puxar o saco dos amigos, agradá-los enquanto vivos, podem ouvir minha voz, saber de meus elogios e do apreço que lhes tenho. Não teria sentido, para mim, exaltar a Faculdade de Medicina, o Hospital de Messejana ou a Casa de Saúde São Raimundo, – a qual o respeitado cirurgião prestava serviços. Afinal era com ele e não com tais instituições que bebia, trocava confidências, e, sim era com sua convivência que experimentava prazer.

Foi assim que, conversando, uma tarde na sucursal do "Diário do Nordeste", aqui em Brasília, com o jornalista Wilson Ibiapina, deu-me na telha fazer o mesmo com Tarcísio Tavares.

Não o faria por ser ele rico ou importante. Porque não é uma coisa nem outra. Rico de benquerença, importante para a família e os amigos, seguramente. E. sim, por se tratar de personalidade que marcou, com talento e inteligência, os principais veículos de comunicação eletrônica do Ceará. Sem falar que se trata de amigo estimadíssimo que, com a solidária e prestante Marcília, acolheu, tantas vezes, o grupo boêmio que integrei quando residia no Ceará cuja sede tentou matar com a abundância e a qualidade de sua garrafeira.

De imediato, Ibiapina se solidarizou com minha idéia e se dispôs a fazer, – como logo fez, – contatos com muitos

ilustres cearenses que dispensassem colaboração literária ao empreendimento.

Todos a que mencionei a idéia da homenagem, não apenas a elogiaram como se dispuseram a colaborar para seu maior brilho, porque TT é dessas raras unanimidades cearenses. Minha proposta veio, assim, ao encontro, do desejo da maioria.

Ao falar a Lúcio Brasileiro de meu temor de que o livro ficasse monótono por repetir as mesmas estórias, envolvendo nossa personagem, ele espancou meus receios, afirmando que Tarcísio é uma figura tão rica, um cara tão múltiplo que, por si só, garantiria a variedade e o brilho da obra em torno de sua vida.

Lúcia Benevides, minha irmã, achou que quem merecia também um livro era sua mulher Marcília, cuja generosidade, cuja solidariedade e cuja liderança, tem tido oportunidade de registrar, nos últimos tempos de convivência.

Por isso, lá vai o livro sobre este TT conhecido, na mocidade, na Praça do Ferreira onde ficava até altas horas como o TT das Madrugadas. Dele não se sabe se foi maior como homem de rádio ou de tevê que deu graça, pimenta e inteligência aos meios de comunicação, se foi como publicitário que revolucionou a propaganda do varejo cearense. E que, ao mesmo tempo, não sabe onde se encontra medalha de bronze que ganhou em Nova Iorque, em 1973, por conta de filme de propaganda da Esmaltec, empresa do Grupo Edson Queiroz para quem, então, trabalhava.

Pode-se falar também dele como animador cultural, desde os tempos em que, ao lado de B. de Paiva, foi diretor de peças teatrais até a animação da arte do cinema no Ceará, o trabalho de promotor cultural que hoje exerce na OBOÉ.

Pode-se falar dele como Pigmalião que, a partir de escassa matéria-prima, gerou galãs que levavam moças suburbanas ao desmaio, de emoção, ou que tornou famosos colunistas sociais. Ou valorizou os clubes suburbanos onde reinou antes de se tornar um dos mais prestigiados membros do café soçaite.

Este livro é homenagem a um amigo cujo afeto me sensibiliza e me honra. E que é também homem de talento excepcional. Constitui miniatura do Ceará e dos meios de comunicação, nas décadas em que foi ele figura de primeiro plano. Procura retratar personalidade rica, divertida e multifacetada que, com seu talento, sua inteligência, seu senso de humor, sua gaiatice, suas gaitadas, tornou Fortaleza mais alegre e mais divertida.

Quis editar livro que fosse prazeroso e acho que o consegui. Não só pelo nível dos colaboradores, como, principalmente, pela riqueza da personagem, o nosso TT das Madrugadas. Aos que emprestaram o brilho de seus nomes escrevendo para este livro, aos que deram seu estímulo e sua torcida, a Raquel Lustosa que me ajudou a pôr em ordem as colaborações que se seguem, deixo meu agradecimento.

Brasília, 1 de março de 2006

ALFRÍZIO MELO – GRANDE TT

Escrever sobre nosso Tarcísio Tavares, essa figura livre, leve, solta e fagueira, para utilizar umas das muitas expressões dele mesmo, que sempre eram ditas com muita alegria quando se referia a figuras que eram mesmo a definição daquelas palavras, é para mim muito gratificante, porque foi esse TT que deu o impulso na minha carreira de publicitário, por um acaso da idéia do não menos fantástico Lúcio Brasileiro, figura queridíssima da sociedade cearense, quando me colocou na recém-criada Publicinorte, não para trabalhar lá, mas apenas para ser meu ponto de contato, já que eu era uma espécie de office-boy do nosso Lúcio, levando buquês de rosas às mansões dos colunáveis. Foi uma felicidade estar naquele ambiente alegre e cheio de gente inteligente, que sob a regência de Tarcísio Tavares a Publicinorte era uma referência da publicidade cearense. Ali, no Edifício Triunfo, na Liberato Barroso com Senador Pompeu, um prédio que tinha escola de datilografia e tudo mais, muito movimentado, a Publicinorte estava muito bem instalada. Arquitetura moderna com cara de agência de propaganda com muito bom astral.Era freqüentada por clientes, contatos de veículos, jornalistas, colunistas, artistas, teatrólogos, amigos e etc e tal.

Vi no TT um homem múltiplo, com visão de futuro, ágil nas idéias e bom de texto, como se diz do cara que disserta fácil sobre qualquer tema. Freqüentemente os clientes estavam na agência para brifar ou aprovar campanhas. E os mais assíduos eram Assis Vieira da Ocapana e Abarama e Antonio Romcy, que no próprio sobrenome estava a denominação da sua cadeia de lojas. Afinal quem não se lembra das Lojas Romcy? Na minha memória, ainda a Fábrica Fortaleza, as Lojas Damasceno, Casa Parente, Cimaipinto, King

Jóia, Saronord. Digo que TT é um homem múltiplo, porque, além da competência de fazer campanhas de sucesso de vendas para seus clientes, ele sempre foi um cara bom de trabalho, não tinha hora, incansável, criou a Investinort para vender títulos de sócio do Clube dos Diários, estava em todas, promovendo até festas da Angel Face e Glamour Girl com José Rangel no roof garden do San Pedro Hotel, lugar muito charmoso. Para contrapor, promovia festas também nos subúrbios de Fortaleza, como a Miss Suburbana, que era patrocinada na época pela Bacardi, que se não me falha a memória era representada por Beni Veras, grande figura humana, que se tornou depois um dos melhores planejadores do Ceará, sendo Ministro da República e Governador do Estado. Na TV, TT tinha um programa aos sábados, onde incentivava novos conjuntos musicais.

Mariozinho Monteiro, que tinha como aliado o grande Cordeiro Filho, era o festeiro da Publicinorte, a quem era confiada toda a organização das promoções e concursos. Um camarada do espírito do TT resolvia tudo na maior alegria e rapidez. Tarcísio Tavares tinha sempre à sua volta pessoas que gostavam de conviver naquele ambiente descontraído e ele, evidentemente, tirava proveito disso. Um dos convivas, por exemplo, ficou sendo seu "cinemeiro". Como TT não tinha tempo para assistir a determinado filme, lá ia o tal conviva pro cinema, pra depois contar a história e comentar sobre a produção e a atuação dos atores. Claro que para agüentar toda aquela movimentação, TT tinha um sócio, Maninho Brígido, filho do seu DUDU, dos Diários Associados, muito bom camarada, também agitado como não poderia deixar de ser, era mais comercial e das estratégias da Publicinorte. Certo momento a Rádio Dragão do Mar, que tinha sido fechada na Revolução de 64, estava sendo reaberta e nosso TT man-

dou que eu fosse pra lá, para representá-lo na área comercial. Passado algum tempo, a Norton Publicidade abriria escritório em Fortaleza para atender à conta da Mesbla Magazine, e lá fui eu para minha caminhada solo pelo impulso do nosso Tarcísio Tavares.

ANTÔNIO ROMCY – DEPOIMENTO A ANDRÉ MARINHO

O DESOGARNIZADO GENIAL

A marca Romcy ainda hoje está na memória dos cearenses como referência em supermercado. Os números atestam: cerca de 4.600 funcionários, com 7 lojas em Fortaleza, nos bairros Centro, Montese, Papicu, Monte Castelo, Meireles... Campanhas na principal TV local. Brindes que iam do automóvel ao liquidificador, passando pela geladeira e televisor.

Mas muito desse sucesso deve-se ao trabalho do publicitário Tarcísio Tavares (TT), que, durante mais de duas décadas, comandou a comunicação da empresa. Quem atesta é Antônio Romcy, que dirigiu o Supermercado por mais de três décadas. Foi ele quem levou TT da Rádio Uirapuru para pensar em estratégias para a marca. Mal sabia que estaria selando o futuro do então redator da Rádio Uirapuru, nos idos de 1963. A partir daí TT fundaria a Publicinorte, por causa do Romcy e seu Carnê Dá Sorte. "Ele passou a ser o redator de todos os nossos textos, de toda a nossa propaganda". Mas também nascia daí uma grande amizade, regada pelo bom papo, uísque, confiança e criatividade para bem-sucedidas campanhas.

O publicitário trabalhou para o Carnê na capital cearense, Teresina, São Luís, Belém, Manaus, Natal e Re-

cife. Mas nos anos 70 um imprevisto: o governo federal decidiu criar empecilhos para o Carnê. Das dificuldades o empreendedor Antônio Romcy descobriu a alternativa – partiu para o setor de alimentícios e criou os Supermercados Romcy. A Publicinorte passaria, então, a trabalhar quase que exclusivamente para atender ao cliente. E daí ele fundou a SG, com o Assis Santos e passaram a comandar a comunicação da empresa. "O TT é um grande profissional de empresa, um dos baluartes da publicidade do Ceará, ele tem uma visão ampla de publicidade, é um criador".

Romcy aponta umas das características do amigo, algo que o acompanha até hoje: "apesar da genialidade, TT sempre foi desorganizado (risos), daí tive a idéia de chamar o Assis Santos para ajudar o Tarcísio nos textos", lembra. A partir daí surgiram muitas novidades.

Uma campanha memorável Romcy lembra com vivacidade: "teve o caso das meias 'Não Desfio', um sucesso! Era uma vitrine toda com um pano preto, onde apareciam apenas as coxas da moça, ela inclusive fazia parte de um teatro paulista. Nós contratamos – ela ficava com as pernas paradas e foi um tumulto de gente. Ela possuía as pernas lindas! De repente ela se mexia, daí o pessoal se assustava (risos). Ficava lotada a rua!"

Doutra feita a contratada foi uma atriz da Rede Globo, da qual não se recorda o nome, mas que mexeu com a libido da sociedade alencarina. "Todos davam em cima da moça, mas ela resistia. Ao final soube que apenas um funcionário do TT faturou...", a moça, mas ela resistia. Mas até hoje Romcy não se furta em uma boa conversa com o amigo.

"Gosto demais dele! E como até hoje curto publicidade, sempre que posso conversamos sobre o assunto".

Quem gosta não esquece. Como até hoje o cearense não esquece do Romcy. Culpa do TT...

"Conheci o TT nos idos de 1963, naquela época ele trabalhava, era redator na Rádio Uirapuru. Naquele tempo, quem trabalhava comigo era o Paulo Matos Pinto. Daí fomos contemplados com a permissão de lançar o Plano Romcy Dá Sorte, o Carnê. E precisava de uma pessoa que entendesse de textos, para fazer toda a campanha. E o Paulo Matos indicou o Tarcísio Tavares. Então uma tarde fui à Rádio Uirapuru, (o TT estava batendo à máquina) fazer o convite. Ele concordou e passou a ser o redator de todos os nossos textos de toda a nossa propaganda. Só que precisava de uma pessoa da parte da Imprensa. Entao chamamos o Dudu Brígido, que trabalhava no jornal e passou a fazer parte do nosso grupo. O TT e o Dudu, eles foram os causadores de lançar o Plano Romcy Dá Sorte. Daí foi fundada a Publicinorte, em função do Romcy, do Carnê Dá Sorte. Então o Tarcísio passou a nos acompanhar. Tanto em Fortaleza como em Teresina, São Luís, Belém, Manaus e posteriormente em Natal e Recife.

Ficamos nessa luta vários anos. Mas nos anos 70 o governo trancou o Carnê, botou muitos obstáculos e desistimos de fazer o carnê. Mas o TT continuou a trabalhar com o Romcy. A agência Publicinorte era praticamente totalmente Romcy e ninguém do comércio queria trabalhar com Tarcísio por causa do Romcy. E daí Tarcísio fundou a SG com o Assis Santos. O Romcy passou a ser a SG, no final de 70. Então continuamos a trabalhar com o Tarcísio, que é uma pessoa de quem gosto muito, um grande amigo nosso, gosto muito da amizade dele, da família dele, é um grande profissional de empresa, um dos baluartes da publicidade no Ceará.

Qual foi a campanha publicitária mais ousada?

Foi a do carnê. E além da do Carnê fizemos outras campanhas boas de brindes: demos automóveis, geladeiras, televisores. O Romcy foi a primeira firma do Ceará a dar um carro em sorteio, um Gordini.

E a liquidação após o Carnaval, na Quarta-Feira de Cinzas.

Sempre procuramos criar coisas novas. Tínhamos um slogan muito bonito que foi idéia do Guilherme Neto O BARATO DO DIA ROMCY. Era um comercial logo depois do Jornal Nacional. Posteriormente a Globo mandou cortar, pois ela não queria anúncio no intervalo de um programa para outro.

Durante quantos anos o TT fez as campanhas do ROMCY?

Mais de 15 anos. Daí surgiu também o Assis Santos. Quem o colocou na propaganda fui eu. Ninguém sabia quem era ele. Porque o Tarcísio era e é muito desorganizado (risos). Então um dia estava no meu escritório, na Barão do Rio Branco, olhei para a rua e vi o Assis Santos perto da loja Samaritana, com uma faixa na mão e gritei: "Ei, o que é isso aí". Ele disse que estava vendendo relógio, daí falei que *ele estava*, não estava mais, pois ia trabalhar com o Tarcísio. Daí o Assis passou a organizar e dar assistência ao Romcy.

Na opinião do senhor por que o slogan BARATO TODO DIA ainda permanece tão forte na cabeça do cearense...

Era muito maciça a propaganda, todo dia, na televisão. E a população corria para comprar aqueles arti-

gos, tinha dias que quando dava 11 horas vendia que acabava...

E a localizaçao também era fundamental para o Romcy, né...

Sim, daí depois, em 1971-75, saímos para o ramo de comestíveis.

E as vitrines, teve alguma coisa que ele cuidou...

Sim, teve o caso das meias 'Não Desfio', um sucesso! Era uma vitrine com uma moça, que eu vi em São Paulo, no Mappin e trouxe para cá. Era uma vitrine toda com um pano preto, onde apareciam apenas as coxas da moça, ela inclusive fazia parte de um teatro paulista. Daí contratamos, ela ficava com as pernas paradas e foi um tumulto de gente.

De repente ela se mexia, daí o pessoal se assustava (risos). Ficava lotada a rua...

Você era revolucionário nessas idéias...

Era porque eu gostava, tinha prazer, gosto, daí quando se tem vontade sempre se cria... Das viagens, e algumas se copia mesmo.

Qual foi qual foi a campanha que mais marcou?

Teve uma que vez trouxemos uma moça da Globo, muito bonita, para fazer os comerciais para nós da inauguração da loja do Centro da cidade. Era linda a mulher, o Tarcísio queria ela, eu, era um sucesso. Ela fez comerciais ao vivo, não me lembro se o Esdras bateu fotos dessa menina nua, e ninguém conseguiu comer ela, só um rapaz que trabalhava com o Tarcísio. Eu cantei essa mulher demais, mas ela não caiu! Era uma grande atriz e trabalhou em novela.

Quais as principais características que você vê no TT?

Ele tem uma visão ampla de publicidade, um criador, muito larga, e é um dos precurssores da publicidade no Ceará. Todo o lançamento ele fez daqui até Manaus.

ASSIS VIEIRA FILHO – DEPOIMENTO A ANDRÉ MARINHO

Como conheceu o Tarcísio?

Os donos da propaganda não gostam de ser tomados como conservadores. Com certeza o TT foi, e ainda é, um revolucionário na linguagem, um revolucionário nos atos, nos conceitos. No período da Revolução de 64, conheci o Tarcísio. E esse foi o melhor tempo da Publicinorte (agência do TT), onde o TT era sócio do Maninho Brígido, Dudu.

Naquela época, as relações entre criação e atendimento era um fato curioso porque eram anárquicas, com resultados altamente produtivos para a agência e seus clientes. Era bem anárquico mesmo (risos). E a diferença do TT, na criatividade, ele tem uma criança livre, livre em tudo o que cria. Ele tem uma expressão em sua face de um burguês vitorioso. É um contraste muito grande, o Tarcísio é uma figura humana maravilhosa, mas com contrastes incríveis. Ele é uma pessoa tímida. E dificilmente uma pessoa tímida vai para esse processo. Uma coisa básica na compreensão do Tarcísio. A compulsão dele era em ser perfeito e ser apressado. Olha que coisa impressionante! É notável isso. Eu considero o Tarcísio. Na época e hoje, ainda, é uma pessoa articulada, com velocidade e agilidade. Então isso, são períodos da vida, se formos analisar que a vida são setênios a cada 7 anos

alteramos nossas vidas em alguns aspectos, é intrínseco da própria natureza, encontramos nele esse tripé, sempre. Ele sempre foi desse jeito, uma pessoa notável.

Agora, como conheci o Tarcísio. Tínhamos uma empresa, iniciada pelo meu pai, a Ocapana, já vinda de outra empresa, nossa família toda foi mascate, desde meus bisavós... Mas essa empresa era do meu pai, em 1957. Então instalamos e aí aquela vontade de crescer e viver! Daí o Dudu, pela proximidade do jornal Correio do Ceará, que ficava nos fundos da Ocapana e o meu pai, teve um problema de pele por causa do chumbo, uma alergia. E o papai perguntou ao Dudu, você não tem uma pessoa que possa me apresentar, um corretor de anúncio? E o Dudu disse que estavam montando uma agência de propaganda e vendeu a idéia da agência de propaganda como se fosse uma coisa inovadora. E o papai disse que gostaria de ter um contato. E o Dudu disse que ia falar com o Tarcísio, que era sócio, para fazer o contato. Naquela época tínhamos duas lojas: a Ocapana e a Abarama, uma na Liberato Barroso e outra na Guilherme Rocha. E eu fazia esse trajeto pela Senador Pompeu, entre as duas lojas. E passava sempre por mim, tipo 10h, 11h, aquela coisa insólita, branca, que não levava sol, quase albina.

Eram duas pessoas estranhas, ele e o Lúcio Brasileiro. Todos de roupa branca. Aquela coisa estranha, insólita. E eu achava aquilo muito esquisito. E daí me deparei com o próprio na visita que o papai havia marcado (risos), o esquisito! E no começo não dei muito crédito não, pra falar a verdade. Aí ele propôs uma série de ações que deveríamos fazer, de merchandising, visualização... E naquela época entrei com jornal, rádio, e não me lembro se teve televisão. Posteriormente deve ter entrado

televisão. E aí, ele, usando uma boa deixa, de Nélson Rodrigues, "Toda Nudez será Castigada", bolou o slogan "A ordem é vestir os nus". E o primeiro jingle foi gravado com o Cid Carvalho (radialista e ex-senador) (imitando a voz dele) "A ordem é vestir os nus: Toda nudez será castigada!" Isso foi uma coisa muito corajosa nossa, porque foi uma revolução na cidade. Mas a conta era tão alta, pelo que a gente faturava, que ficamos numa situação complicada. Ficamos numa dúvida enorme, faz ou não faz, o investimento era alto. Eu, muito jovem, não queria decidir sozinho. Daí o Tarcísio falou uma coisa que tirou meu pai de órbita: se nós não atingirmos X do faturamento, você não me paga nada! Ele foi pro risco. E realmente foi aí que nós começamos. O resultado foi maravilhoso e conservamos o TT pela conduta ímpar, diferenciada com a gente, e nós com ele. Se for fazer um levantamento da empresa comercial/industrial mais fiel a uma agência fomos nós. Pois hoje a agência de publicidade é colocada da seguinte forma, me sinto até triste com isso, é tipo modess, use e depois jogue fora. Não existe aquela ligação, respeito, credibilidade, confiança de abrir os seus números, suas finanças, sua lealdade, franqueza. E, às vezes, as agências de publicidade pecam muito por isso. Elas trabalham muito em cima de números, pesquisas – que é fundamental – mas no fundo falta essa confiança. Admitir que a agência erra também! Algumas campanhas que fizemos, tivemos erro, não tivemos tanto sucesso quanto em outras, mas mudar porque não teve sucesso e começar com uma outra? Isso nós nunca fizemos

Durante quantos anos foi a agência de vocês?

Nem me lembro de quantos anos sua agência nos prestou serviços. Anote uma figura da empresa que não

podemos esquecer: a Glicineide. Ela era a secretária dele. Uma pessoa maravilhosa. Ela possuía uma coisa muito especial pelo Tarcísio... Trabalhamos de 1962, ininterruptamente, até os idos de 1984... Imagina mais de 20 anos. E aí a pessoa tem de aprender separar o relacionamento de amizade e a empresa. Ficaram as duas coisas juntas. Mas daí tivemos dificuldades na empresa de ordem familiar, e nessa altura, ela teve um momento difícil, financeiro, não econômico, mas daí o TT num almoço, ficou sem entender por que dar uma virada.

A Ocapana era uma mascote, o cartão de visitas do TT. E naquele momento faltou coragem. De tantas vitórias, senti isso e pensei: colocar a amizade de lado e colocar a empresa em primeiro plano. Na época fomos para outra agência, a da vez, fez um trabalho interessante, retomamos depois de três anos para o TT (risos). E ficamos até os anos 90. E daí entrou a outra geração dos meus filhos, com outra visão, o TT foi entrando em outra coisa também, e aí mudou o rumo. Além dessa parte empresarial, tivemos relação de amizade grande, entre os casais, para o Sul do País. Ele participava muito dos encontros lojistas. Ele possuía metade do CDL: Ocapana, Romcy, Camelo, King Jóia – havia uma identidade grande com a classe lojista.

Uma campanha que tenha marcado, com atriz de fora, uma vitrine.

O faro do TT, pela coisa anárquica, naquela época vivíamos amordaçados pela censura, mas também fui audacioso, daí minha identificação com o TT. Em pleno auge da Revolução de 64, lançamos uma campanha que se chamava "Liquidação Sem Dó", e se dava ênfase à LSD. Isso foi tão pouco, mas foi um tão pouco que fomos chama-

dos para a Polícia Federal para responder inquérito sobre isso. Parou a campanha. E isso englobou Jornal, TV e Rádio. Outra foi um espaço chamado TV JUVENTUDE. Era ao vivo, tínhamos um espaço, um programa, era na TV dos Diários Associados. Quem apresentava era o próprio Tarcísio e numa época também uma pessoa que trabalhava na agência dele e que criou uma identidade com a Ocapana, que era o Mário Monteiro, famoso no Ceará. O TT criou um galã que era um antigalã – ele era baixinho, muito simpático. O TT gostava de fazer isso, fugir do lugar-comum. Criar um espaço diferente. Esse MM chegou a ser tão ousado, cobiçado pelas mulheres, que chegávamos a fazer desfile com o MM em caminhão de bombeiros, ele em cima e a multidão na rua – a Praça do Ferreira cheia de juventude ovacionando, querendo beijar o MM, aquela loucura! Numa tarde de sábado, todo sábado, tardinha.

Aí nesse programa entrava música, moda, o que estava na vez.

Teve uma que o carro batia numa vitrine, invadia?

Teve, montamos e juntou muita gente. Teve outra notável. O TT tinha uma coleção de revistas Playboy, uma das melhores que existiam aqui. E pela confiança que tinha em nós, montamos uma vitrine – na época tínhamos 4 ou 5 lojas – e fizemos a vitrine com as revistas abertas nas páginas mais libidinosas, mas com respeito à censura. Nas partes mais sensuais, nos seios uma gravata, um lenço nas partes íntimas. E ficou linda. Lotada de gente olhando as vitrines e não tinha nada que pudesse mexer com o pudor, era criativa. E estávamos na loja principal, na Barão do Rio Branco. E aquela loja reunia amigos e clientes. Ela possuía uma série de serviços. Uma pessoa

para lustrar os sapatos, servir uísque, desfiles, tudo criado pelo TT. Na época um cliente nosso era da Polícia Federal não me lembro o nome. E chega um carro da PF fechando a loja, aquela confusão e falei com o cara da PF e disse que tinha um colega de vocês dentro da loja. Pedi para chamá-lo. Chamei, mas a ordem que temos é essa: levar todas as revistas e fechar as lojas. Só reabre as lojas depois. Daí falei com essa pessoa que estava na loja, ele era inspetor e disse para ficar tranqüilo. Na segunda-feira ele disse que daria o depoimento. Mas a minha decepção: na segunda ou terça fui chamado e aí o meu advogado, na época era o Pádua Lopes, ele disse que era pra eu ir só. Fui, tranqüilo, falei com o Dr. Laudelino (PF), e disse para ele chamar o inspetor tal e ele contar a história. Para vergonha minha, o inspetor negou, disse que não podia afirmar nada, mas também não deu em nada.

Além das campanhas ele fazia o marketing. Participava do calendário promocional.

Debatia, conversava. O TT é uma pessoa muito fidalga. A gente saía sempre. Íamos para o Trapiche, Panela...

AUDIFAX RIOS – TT É UMA FESTA

A rigor, a propaganda cearense nasceu no rádio e no jornal. A figura do angariador de anúncios era primordial para o sustento destes veículos de comunicação e os redatores dos reclames eram meros acessórios, figuras decorativas. Na maioria das vezes quem redigia o texto era o próprio patrão. Ou a dileta filha.

Com o tempo o público foi ficando exigente e o discurso mais elaborado. Aí a propaganda foi tomando corpo. Com forte tempero – o humor, a irreverência. Marca

registrada deste gênero inovador da nossa publicidade: Tarcísio Tavares.

TT veio do Rádio para a propaganda quando ela ainda não existia de forma concreta. As agências, como se dizia, eram estabelecidas debaixo do braço, no sovaco. A não ser os escritórios como a Mcannerickson, Norton, Deninson e Proene. O Tarcísio foi pescado pela Mcan junto com Ayrton Rocha, o Pequeno Airton (e vai ver que alcunha foi cria dele). Lá trabalhavam, também, Glicineide Sales e José Luz (Zezinho) que por muitos anos foram mídias em diversas agências, Glicineide, decana da Publicinorte, do TT.

NO PRINCÍPIO ERA SÓ O VERBO

Almir Pedreira havia chegado com seu vozeirão do Rio de Janeiro para integrar o *cast* da Rádio Dragão do Mar e aqui fundou a Ilka Publicidade. Contava até com um prelo. Já havia a TV Ceará para a qual a nova agência elaborava blocos de três *slides* (chamada, oferta e assinatura) para vender o peixe do cliente. Quem veio acabar com esta monotonia foi o inquieto Tarcísio Tavares que vinha de se associar com um simpático velhinho, Dudu Brígido Monteiro, na Publicinorte Invest. Foi um Deus-nos-acuda. A revolução na propaganda que mal engatinhava.

O VAREJO PASSADO A LIMPO

Tudo da Publicinorte cheirava a novo. Seu varejo espalhafatoso atingia a massa e o TT carregou com o verbo a cara do produto. Maquiou. Ousou nas vitrines, nos logotipos, nas promoções. A Publicinorte tinha cara de fes-

ta e era referencial de inovação. E fez de duas lojas de roupas masculinas (Ocapana e Abarama) ditadoras da moda jovem. As grifes viraram ditados populares.

Os famosos comerciais ao vivo, muito em voga na época, ganharam nova feição pelas mãos do TT. Não mais a comportada anunciadora frente a um *display*, mostrando o vestido mais que o produto. O TT avacalhou, no bom sentido. Usou tipos bizarros. Gordos para boas ofertas. Magros para pequenos preços. E o que poderia parecer acintoso, chocante, tornava-se cearensemente moleque. E comunicava. E vendia. Daí Tarcísio passou a criar mitos e tanto fez que muita "cocotinha" saiu por aí rasgando as roupas do Mariozinho Monteiro, um símbolo sexual falsificado por sua cabeça gozadora.

A marca da jovialidade da agência, dirigida pelo TT, estava explícita no programa TV Juventude, da antiga TV Ceará, de responsabilidade da Publicinorte, apresentado por Paulo Limaverde, cuja tônica eram as dublagens de roqueiros americanos tipo Paul Anka, Elvis Presley, Bobby Dawrin e Little Richard. Poiõniõn, o contra-regra, enfeitava o cenário com flâmulas (mania) e era neste *set* que, embora pequeno, Mário Monteiro era mostrado de corpo inteiro com roupas Saronord.

UM TIME DA PESADA

A primeira sede da Publicinorte foi no Centro da cidade, na Rua Liberato Barroso, num edifício antigo, premonitoriamente, chamado Triunfo. No vão da escada havia um relojoeiro que anunciava em tosca placa um "concertos em gerais". As dependências da agência também eram acanhadas, mas seus ocupantes primavam pelo português. À época não havia laboratórios ou estúdios. Ape-

nas o departamento de arte ostentava um certo charme. Uma bateria de pranchetas por onde passaram *layout-mans* do porte dos irmãos Katunda (Wálter e Hélio), Bibi, Assis Martins, Igor Borbachiev, Caramuru, Alexandre Grilo, Horestes, Luciano Fumaça, Jales Almembergues, Evandro Abreu, Valnir Lima, Luis Camelo, Carneirinho, Hélder Lima, Luciano Melo, Eduardo Odécio e Carfíl.

Ao lado a pequena saleta dos redatores onde alisaram cadeiras Zé Domingos, Xyco Theóphilo, Nivardo Nepomuceno, Gervásio de Paula, Marcondes, Raimundo Gadelha. Todos sob a batuta do já experimentado Tarcísio Tavares, ele, também redator. Que aliado a Maninho Brígido, Assis Santos e Ulisses Silva ainda dirigiam o pessoal da mídia, atendimento, produção e administração, onde se sobressaíam Luciano Miranda, Paulo Herculano, Paulo Barthô, Arielma Novais, Odimar Santos Dumont, Acidália Guadalupe, Pedro Cinemeiro, Suely, Magra, Vilany, Queiroz, Isaac do Carmo, Hilário Maciel, Fernando Magalhães e muito mais gente.

UMA ESCOLA FRANCA E RISONHA

Tarcísio, na verdade, fez escola. Da Publicinorte, a agência que fazia varejo por excelência e com comprovada competência, nasceram, digamos assim, a SG de Assis Santos e Gomes; a Janela de Nivardo, Jales e Guto Benevides; a Gennium de Ulisses Silva; a Terraço de Xyco Theóphilo, Glicineide, Isaac, Hélio e Queiroz. Mais tarde Tarcísio Tavares uniu-se a Evaristo Castelo Branco e fundou a T&E. Depois a TT&LM com Luciano Melo e hoje o Tarcísio é só TT e tem como principal cliente o Grupo Oboé.

COMO SE FAZ A CRIATURA

A cria mais significativa do TT foi, sem dúvida, Pedro Cinemeiro. Batismo e atividade. Pedro Martins Freire chegara, magrinho, à agência aí pelos anos sessenta, para ser *office-boy,* mas logo teve outra incumbência: assistir a todos os filmes a que o Tarcísio já não tinha mais tempo de ir a fim de cumprir o papel de crítico cinematográfico. De tanto o Pedro assistir e ter que contar ao patrão, e ler resenhas e xeretar *cahiers* e *cinemins* tornou-se um competente analista e respeitado crítico.

No entanto o Tarcísio não conseguiu eleger o Deusenir Braga para uma vaga na Câmara Municipal. Embora fizesse santinhos e organizasse comitês de rua. O Deusenir trabalhava nos escritórios da Empresa Severiano Ribeiro, em prédio vizinho ao Cine São Luiz, nas imediações do qual o Tarcísio punha uma turma de moças com pirulitos na mão a gritar: "Agra, Agra, Agra... Vote em Deusenir Braga!", tão logo ele despontava na esquina da Rouvani, devidamente equipado com uma pasta 007 onde estava impresso em letras garrafais DEUSENIR BRAGA – 76. E o TT às gargalhadas, à sombra dos fícus-benjamins da Praça do Ferreira.

Com o Hilário Maciel foi uma meia maldade. Este havia deixado a Publicinorte para montar sua própria agência, o que fez numa casa de porta e janela da Rua João Cordeiro. Logo o Tarcísio fez veicular um anúncio nas rádios e jornais dando conta que naquela casa recebiam donativos para os flagelados das inundações do Interior do Estado. E haja chegar roupas, cobertores, colchões, lençóis, o "escambau", o que abarrotou a pequena casa, o Hilário sufocado, literalmente, pedindo arrego ao Tarcísio, certamente o autor da sacanagem.

O DISCRETO CHARME BURGUÊS

Tarcísio, um gozador nato. Certa vez gritava a todos pulmões à procura da dupla de entregadores de material dos comerciais a serem gravados na TV, Sílvio Santos e Lombardi. Aí, então, informaram: "Seu Tarcísio, eles foram tomar um caldo lá embaixo!". Tarcísio arrefeceu a fúria, gargalhando: "Ah, um caldo!!! Essa pobreza tem seus encantos!!!"

Em outra ocasião, Peixoto, um camera-man, vendedor de bugigangas nas horas vagas, tentava empurrar uma churrasqueira no Pedro Cinemeiro quando o Tarcísio chega e fica a observar a performance do mascate. Então o Pedro se volta para ele e, espeto à mão, tenta convencer: "Tarcísio, compre, é bom para os churrascos que vai oferecer na sua nova casa!". E Tarcísio sai resmungando: "Logo vi que era coisa de pobre".

O SHOW É O LIMITE

A Publicinorte ia além dos limites da propaganda. Incentivava as artes em geral. Para com o teatro Tarcísio tinha um carinho especial, nascera nele, fora criador, junto com o Zé Domingos e outros de um grupo amador experimental. Com o sucesso da peça de Millôr "Liberdade, Liberdade", exibida aqui no Theatro José de Alencar com Paulo Autran, apoiou a montagem cearense dirigida por B. de Paiva (seu antigo companheiro de escurinho dos cinemas) e encenada por Carlos Paiva, Eliete Regina, João Falcão com produção de Leonan Moreira, da casa.

Quando do lançamento da cerveja Astra, do Grupo J. Macedo, a Publicinorte promoveu na TV Ceará (já havia, também, a TV Verdes Mares) o Festival de Carnaval Astra,

descobrindo talentos da terra e divulgando suas produções durante o período momino. Numa dessas apresentações, um acidente. No ar, Tarcísio tropeçou nos cabos das câmeras e foi ao chão. Ninguém no auditório ousou vaiar, tão querido era o TT. Tarcísio Tavares fez tipo na tevê. Quando apresentador, além dos trejeitos naturais da boca tirava e punha os óculos constantemente no rosto à moda Flávio Cavalcanti. Dividia opiniões. Irritava e agradava. Mas marcou o gestual.

DE PIRES NA CALÇADA

Outra faceta do profissionalismo do Tarcísio Tavares, a ousadia. Não temia investir no novo. Seus *slogans* viravam bordões repetidos na boca do povo porque tinha coragem de falar a sua linguagem. A gíria jovem bebia nas suas águas. E era, também, o importador de novidades. Belas mulheres, artistas, modelos, fizeram comerciais para seus clientes e causaram furor na cidade. Quem não se lembra da apresentadora Samantha? Não só mulheres. O maior sucesso de apresentação de todos os tempos, e que passou a se repetir anualmente, foi um gay assumido que o Tarcísio trouxe para vender cosméticos na Casa Parente, o Pires. O efeminado apresentador reunia multidões à porta da loja da Guilherme Rocha. Mesmo ante a irreverência da canalha do Liceu que ali fazia ponto nos momentos de folga ou de gazeta. Quem não tem cão caça com gato, Tarcísio, (salvo engano foi ele) não podendo trazer o costureiro Denner para fazer uns comerciais ao vivo não se fez de rogado. Vestiu o Lessa de pequeno príncipe e haja Casa Andrade no ar com o clone do estilista controvertido. Que, aliás, deu o recado muito bem.

Tipos extravagantes iam à telinha e vendiam encarnado pra luto. Ninguém acreditava. Tarcísio, sim. Numa época em que os executivos eram comedidos *seu gerente endoidava*. E em junho tocava fogo, quase que de "vera", nas lojas com as quais trabalhava. Tudo a preço de banana como queria um bom varejo. Tarcísio tinha o senso do real embora fantasiasse. Em se tratando de varejo não exigia excessos de criatividade muito ao gosto dos redatores e homens de arte. Deu conta do recado, o cliente gostou, o povo engoliu, o produto vendeu, tá bom. Certa vez Zé Domingos, recém-contratado, redigiu esmerado texto onde criou um título, um subtítulo e uma chamada final a modo de mostrar serviço neste seu primeiro dia de emprego. Ao mostrar a peça, meio justificando, ao Tarcísio, seu antigo companheiro de rádio, este falou: "José, está bom até demais!" E retalhou o texto em três anúncios. Era surpreendentemente prático, o TT.

SÓ PRA FECHAR

Este é o Tarcísio Tavares, em rápidas pinceladas. O TT que conheci quando pintava para sua agência *displays* de CAVs para Carvalho Borges, Casas Pernambucanas e Eletro Grangeiro. Pagos com generosos cachês que suplantavam meu ordenado de cenógrafo do Canal 2.

O Tarcísio irreverente, brincalhão, gozador, fescenino (Acidália, não se vá com esta bunda!), humorado (uma vez pegou um extintor para debelar o fogo da bailarina Maria Júlia). O Tarcísio companheiro dos empregados, torcedor do time da casa que jogava contra rádios, outras agências e clientes num campo improvisado da Santos Dumont em terreno do Tasso Jereissati. (perdeu certa vez de 11x0 para Clemente & Irmãos).

Tarcísio *bon vivant* que encomendava ao Odimar Santos Dumont para trazer da Zona Franca de Manaus Coca-Cola americana, sardinha portuguesa, e outros produtos de origem. O TT identificado com os verdes mares bravios desta Fortaleza. O TT, homem de comunicação que nunca se distanciou de seu público, que hoje anuncia um livro, um show, uma exposição de arte com a mesma desenvoltura com que, anos atrás, mostrava aos distintos telespectadores o carnê do "Romcy Gira a Sorte".

AUGUSTO FIGUEIREDO – TT E EU

Nos meados da década de sessenta, ainda garoto, vi, pela primeira vez, aquela figura anglo-saxônica, creiam-me, eu já sabia o significado dessa expressão. Foi no bairro do Montese onde o Tarcísio tinha ido visitar um primo seu. Confesso que parei e fiquei olhando tal figura que já era lendária naqueles duros, mas bucólicos anos.

Quase três décadas depois, durante o comando do empresário Pio Rodrigues Neto à frente do Clube de Diretores Lojistas – CDL, em uma das reuniões ordinárias, sempre às quartas-feiras, fiquei, pela primeira vez, frente a frente com Tarcísio, observando-o até o final da parte formal. Depois teve uma rodada de whisky e me apresentei ao publicitário em comento, que foi muito gentil e loquaz nas suas observações.

Já decorridas algumas horas de degustação de precioso malte, o TT começou a falar em inglês e o Beto, até hoje prestimoso funcionário da entidade, me disse: "Doutor, quando seu Tarcísio começa a falar assim é porque tá na hora dele ir embora. Vou chamar um táxi".No que retruquei: "Pode deixar que eu o levo". Aí começou uma epopéia que só terminou na casa dele, nas Seis Bocas, sem-

pre me ensinando o caminho na língua de Francis Bacon. E o que é pior, ao sair do veículo jogou-me algum dinheiro e me mandou ficar com o troco, como se eu fosse um dos motoristas de táxi que sempre o transportava. Tal pecúnia serviu para tomarmos alguns goles, dias depois, na companhia de Edison Paixão, amigo comum, no pianobar do então Cæsar Park Hotel.

Por não gostar de dirigir, TT só anda de táxi ou é conduzido, festivamente, por seus colegas de trabalho ou amigos.

Certa vez, um de seus pares fora pegá-lo em casa, no que Tarcísio o recebeu muito bem e pediu que o companheiro o esperasse um pouco, enquanto terminava de se arrumar.

Tal amigo pediu água e o TT de longe disse que pegasse na geladeira. Depois de alguns minutos o anfitrião aparece e é indagado por seu futuro condutor: "Tarcísio, o que são essas garrafas verdes na geladeira?". TT responde: "É que eu só bebo essa água francesa que já vem gaseificada naturalmente". No que seu amigo rebate, abusando da amizade: "É muita frescura!". E Tarcísio calmamente responde: "É por causa destas frescuras que eu só 'faturo' as patroas e você as empregadas". Dá pra discutir?

Certa feita, depois de três eventos, em uma única noite, fomos a mais um que se tratava de um show de competência patrocinado pelo diligente Paulo Matta, onde se encontravam belíssimas mulheres para todos os gostos. Não preciso dizer do estado etílico em que nos encontrávamos. A cada linda jovem que eu era apresentado, a conduzia ao TT e o mesmo pegava uma folha de papel, única, e com sua caneta anotava o nome e o telefone.

Lá pelas tantas, ao apresentar mais uma linda jovem, Tarcísio sacou do papel e notou que não havia mais lugar

para nome algum. De súbito, jogou as mãos para cima e bradou: "Vamos embora, eu não agüento mais conhecer tanta mulher bonita". E saímos, um pouco trôpegos, à cata de um táxi que nos deixasse em nossas respectivas casas.

Isto é uma pequena mostra da trepidante vida de Tarcísio Tavares, onde aquelas quase três décadas, que vivi sem o seu convívio, me refiro a elas como as 'décadas perdidas'.

AURORA MIRANDA LEÃO – TERRITÓRIO DA ALEGRIA

Conheci Tarcísio Tavares ainda na minha adolescência. Ele sempre convidava papai pra ir à sua casa e estivemos lá alguns agradáveis domingos. Era uma delícia ir à "mansão" de TT e Marcília na Seis Bocas, uma espécie de "território da alegria": casa muito bonita com piscina e belo jardim, almoço farto e sempre bons motivos para rir.

Aliás, o som mais peculiar das domingueiras era a gostosa gargalhada de TT, na qual todo mundo embarcava junto e ria-se até sem saber o motivo.

Anos mais tarde, fui convidado a fazer parte do projeto Oboé Cidadania e descubro em TT um agradável companheiro de trabalho. Do projeto, acabei passando para a área de produção do Centro Cultural mantido com tanto carinho pelo Dr.Newton Freitas e é de lá, no agradável espaço cultural da Maria Tomásia, onde toda semana encontro TT, há 4 anos, e lá a conversa flui leve, sem ruídos e sempre caminhando para as gargalhadas. Faz um bem danado à alma.

Pois é nessas conversas onde estou costumeiramente a descobrir novas facetas deste presepeiro sem conserto chamado Tarcísio Tavares, *bom vivant* de primeira categoria, capaz de tornar prazeroso qualquer ambiente. E

entre as tantas histórias dele, vou contar algumas das mais interessantes:

Remédio para Moças Solitárias

Ele se chamava Raimundo Nonato, mas ele detestava esse Raimundo Nonato, ele achava muito plebeu, achava o nome horrível (capricha na dicção). Então ele pediu ao pai que mudasse o nome dele, e tanto que fez, o pai nessa época gastou uma fortuna porque todos esses problemas de troca de nome e colégio, o diabo a quatro, nós éramos todos do Colégio Cearense, já estávamos no ginásio de lá... Então foi uma dificuldade danada, porque ele já havia passado, já havia feito o exame de admissão, que era do primário para o ginasial, era quase um vestibular... Mas o pai dele resolveu gastar um dinheiro e conseguiu enfim com o Ministério da Educação, que era no Rio de Janeiro, ele conseguiu mudar o nome dele para Hermênio (RISOS)... Aliás, até agora eu não sei que graça ele acha nesse nome Hermênio...

(RISOS) De posse deste nome, ele era metido a conquistador... Ele usava umas camisas assim de veludo de aeroclube que por sua vez imitavam as camisas de piloto da força aérea americana, então, ele andava com aquelas roupas, aquela gravata enfiada assim entre os botões, com umas atacas nos ombros e tal, e ele andava conquistando tudo que era moça, se queixando que era um galã e tudo mais... Aí nós resolvemos dar uma lição neste Hermênio. Fomos a uma gráfica, mandamos imprimir a seguinte propaganda:

"Moça – Você está sentindo-se só? Ora, isto não é problema, ligue para o Hermênio: um bom papo a qualquer hora do dia ou da noite. Hermênio é a salvação das moças solitárias. Ligue para o Hermênio!" E lá estava o telefone

dele em letras garrafais. Na madrugada (nessa época não tinha assaltante), saímos nós com uma lata de grude na mão e os impressos pregando na porta dos colégios Imaculada, Escola Normal, Lourenço Filho (que ficava na Floriano Peixoto), Farias Brito (na época já localizado na Duque de Caxias), Colégio São João, o Colégio 7 de Setembro, enfim, todos os colégios onde estudavam mulheres em Fortaleza, nós fomos.

Claro, nós não fomos em colégio de homem porque podia o Hermênio receber telefonema de bicha...

(RISOS)... E não seria interessante. No dia seguinte, uma mão de telefonemas para a casa do seu Hermênio, ensurdecedora: "O Hermênio está?" "Eu quero falar com o Hermênio!..." A mãe dele não suportando tal quantidade de telefonemas, arrancou (exagera na dicção) o telefone da parede e até hoje o Hermênio não sabe por que o nome dele causou tanto sucesso. (RISOS).

O melhor nas histórias de TT é a encenação verbal com a qual ele traveste seus "causos", o tempero da galhofa o qual ele conduz com propriedade invejável e os detalhes enumerados com precisão inglesa.

Picareta no Edifício Diogo

Tínhamos um amigo chamado Hilário Maciel, metido a gaiato e nós resolvemos passar vários trotes contra ele. Um dos grandes trotes é interpretado da seguinte forma: o Edifício Diogo foi construído por um grande sujeito chamado Antônio Diogo, que dá nome ao leprosário. Era um industrial, uma figura muito bondosa aqui no Ceará, era sinônimo de homem bom, generoso com os pobres, os enfermos, aquela coisa toda, então nós resolvemos pregar uma peça de alto nível com este Hilário Maciel. Fizemos o seguinte: descobrimos então que no bairro do Pina, em

Recife, existia um centro espírita, e combinamos então, tudo organizado, fizemos uma carta, mandamos para um amigo que morava em Recife e de lá este amigo remeteu a carta para o amigo Hilário Maciel, que então tinha seu escritório numa sala no Edifício Antônio Diogo.

A carta dizia o seguinte, numa linguagem bem de espírita, num papel timbrado, o envelope, tudo organizado, dizendo que era uma médium, a letra era de mulher, dizendo que o irmão Dioguinho vinha baixando nas sessões no Centro Espírita do Pina, que era uma alma que ainda não tinha se encontrado, que ele vinha sofrendo para entrar no Reino de Deus, aquela coisa toda, e vinha aspeado Irmão Dioguinho, na carta enviada pelo Centro Espírita do Pina, também aspeado, claro, dizia que o Hilário Maciel tinha sido agraciado com uma botija de moedas de ouro. Esta botija estava encravada do lado esquerdo da entrada da sala dele, só que – o Edifício Diogo – quem quiser ir pode ir lá, pode ver isso ainda hoje, é uma estrutura antiga, de paredes grossas, imensas – então, a carta do Centro Espírita do Pina, dizia que ele na sexta-feira fizesse uma oração a Deus, aos bons espíritos, contasse dez passos pra frente, que à sua esquerda, onde estaria a parede, que a sala dele era justamente a última sala, que dava pra escada, que ele ali podia subir um metro e meio e cavar a parede que lá ele encontraria uma botija com moedas de ouro que seria a redenção da vida dele, de rapaz bom, que teria sido agraciado pelo espírito do irmão Dioguinho. Nisso foi criada essa carta e nesse permeio, porque dizia que ele devia fazer isso numa sexta-feira, entrementes um amigo meu perguntou: "E se ele achar mesmo essa botija?" (RISOS). Nós só tivemos outra resposta: "Se ele achasse a botija, nós o mataríamos" (RISOS). Na sexta-feira aprazada, o seu Hilário Maciel, de posse de uma picareta (RISOS),

depois de nove horas da noite, perturbando o filme que estava sendo exibido no Cine Diogo, tacou o pau a abrir essa parede... (RISOS). Arrombou a parede com tudo, abriu um buraco na parede e lá nada encontrou. E nós todos às gargalhadas, esperando ele lá embaixo do Edifício Diogo...

– E quando ele desceu, vocês perguntaram alguma coisa?

– Não, todo mundo sério...

– E ele contou alguma coisa?

– Não, ele não contou nada, ele ficou calado... O bom malandro não berra né?! Mas a risadaria foi muito grande. Depois fomos todos beber cachaça...

A Pistoleira e o Coelhinho Eletrônico

Outro grande trote do Hilário foi quando nós encontramos uma pistoleira (são as moças que dão...)... Era uma pistoleira raivosa, vinda do Rio de Janeiro, muito atrevida, muito danada, então eu cheguei pra ela e ofereci quatro vezes o que ela cobrava por um programa, ofereci dois mil reais (no dinheiro de hoje) para ela executar o seguinte plano (a pistoleira se animou toda com o plano), o projeto ela executou a capricho. Esse Hilário Maciel tinha comprado um carro e não podia dirigir porque era de menor, tinha 17 anos, e emprestou prum cidadão que botou o nome de Coelhinho Eletrônico, que era a firma do cara. Mas esse cara era metido a gaiato e andava conquistando Deus e o mundo. E ele não tinha notícia. Então nós inventamos a história e passamos pra pistoleira. Então ela foi lá:

– Seu Hilário Maciel, o senhor é proprietário de um carro, placa tal, assim, assim?

– Sou, sou.

– Pois, seu Hilário, o senhor fez mal à minha irmã.

– Como?

– Fez, seu Hilário. Não vamos criar problema, não vamos criar atrito, mas o senhor fez mal à minha irmã...

– Mas como, minha senhora?

– Ontem à noite, seu carro parou na Avenida João Pessoa e pegou a minha irmã, e levou, e não sei pra onde o senhor levou, mas sei que ela amanheceu o dia chorando e dizendo que tinha sido deflorada, aquela coisa todinha... Então o senhor vai ter que pagar...

– Mas minha senhora, isso é um equívoco, eu não tenho nada com esse carro não...

– Tem sim. O carro não é do senhor?

– É sim.

– Então o senhor tem sim.

– Mas eu não...

– Mas foi sim. O senhor tava dirigindo porque o senhor é um rapaz bem apessoado, e tava dirigindo esse carro e fez mal à minha irmã, e foi o senhor sim...

– Mas minha senhora, não diga isso, isso é uma infâmia...

E nós todos ouvindo, na escada do Edifício Diogo, que dava pra sala dele, e todo mundo fazendo força pra não rir... Mas aí a pistoleira resolveu então dar o grito final. Havia um investigador de polícia aqui muito valente, muito perigoso, temido por tudo quanto era bandido, chamado Eron Lemos. Aí a pistoleira foi incisiva na última palavra:

– Olhe, seu Hilário, nós somos pobres, mas somos honrados. Eu sou irmã do investigador Eron Lemos e ele vem já aqui lhe buscar (RISOS).

Este Hilário ficou amarelo, de todas as cores, e nós ali embaixo, e foi o momento mais aflito da vida dele, ele esperando a chegada desse Eron Lemos que não chegava

e nem nunca chegou... Ele saiu mais de meia-noite do prédio, olhando pra tudo quanto era lado, esperando esse investigador...

– E aí a pistoleira, foi lá receber devidamente...

– É claro, muito satisfeita, muito atrevida, né... Ela era de um atrevimento, ela se exaltou... E o bom dessa história é que a noiva dele, que acabou nesse dia, ela trabalhava com ele lá na sala, e a vizinhança do prédio, com os gritos da pistoleira, todo mundo deixou a sala de cima, foi uma confusão infernal nesse Cine Diogo...

– E ele nunca descobriu também não?

– Não, nunca descobriu não... (RISOS)

Fascínio pelo Carnaval

– E o Carnaval, o famoso bloco Zombando da Lua?

– Meu sonho quando era menino era pertencer a esse bloco chamado Zombando da Lua.

Achava lindo aqueles caras, bem popular, na cabeça eles usavam uma espécie de touca azul com uma luazinha assim, eu achava lindo, hoje eu acho aquilo meio bicha (RISOS), mas na época eu achava tão engraçado... Meu sonho era sair nesse bloco e no Prova de Fogo...

– E por que nunca saiu?

– Acho que era liseira mesmo (RISOS). Você sabe que Carnaval é preciso ter algum dinheiro pra pagar a fantasia, e depois eu era muito menino, a família não deixava não...

O Sofrimento de Xuxa

– E a história da Xuxa?

– Ah, essa Xuxa foi um dos grandes momentos de visão, né, de erotismo visual, foi uma coisa fantástica. Foi o seguinte: a Xuxa estava aqui em Fortaleza, nessa época

ela ainda não tinha entrado na televisão, mas era a modelo mais famosa do Brasil. Um corpo escultural, cantado em prosa e verso, ela saía muito na revista Ele e Ela, praticamente todos os meses, ela saía na revista Manchete, ela era protegida da Bloch Editores... E ela veio pra Fortaleza fotografar e meu amigo Gutinho disse "Olha, a Xuxa taí, você não quer aproveitar pra ela fazer um comercial?" Não, eu minto, nessa época, ela já estava começando a fazer o programa dela na TV Manchete, quer dizer, ela já tinha alguma prática de fala e tal, e eu disse "Rapaz, é uma boa idéia". E o seu Aluízio Ximenes, dono do Armazém do Sul, estava lançando o cartão de crédito do Armazém do Sul, e eu falei com ele e ele se empolgou e mandou contratar a Xuxa. E foi contratada a Xuxa, em dinheiro de hoje, por uns trezentos e cinqüenta mil reais, era um dinheiro bastante volumoso, mas a Xuxa com medo, ela já tinha levado alguns canos, ela disse: "Olha, eu só trabalho com dinheiro à vista, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro". E eu disse tudo bem, mas já eram quase sete da noite, eu disse essa hora não dá mais pra pegar dinheiro, mas amanhã de manhã, eu lhe garanto que nós vamos lhe pagar em dinheiro. Aí aconteceram dois fatos eróticos dos mais interessantes.

Aí fomos nós, com a Xuxa e tudo, primeiro passamos na casa do seu Aluízio, ele se tremeu todinho com a presença da Xuxa, ele ficou louco – acho que é por isso que ele morreu do coração, e ele tomou logo duas doses de uísque rapidamente, eu tomei uma, aí nós nos largamos pra essa tevê. Quando chegamos na tevê, ela deu logo a primeira demonstração de que o sexo pra ela era uma coisa natural, era uma coisa tão espontânea que chocava a gente. Então, ela estava só com uma blusa e ia passando um contra-regra com a blusa de outro comercial. Aí, ela

disse, "Deixa eu olhar essa blusa aqui". Pegou na frente do assistente e de todo mundo, tirou a blusa dela, ficou de seios nus, e vestiu a outra blusa. Nisso, ela pegou, jogou a blusa que ela estava usando e chamou um assistente pra pegar. E esse pobre desse assistente pegou a blusa dela e ficou cheirando e rodando assim, parecia um peru, nervoso, morto... Eu me lembro demais desse camarada... Aí tudo bem, ela gravando e dando as maiores brechas do mundo, eu só via era o câmera se ajoelhando pra ver as coxas dela, pra ver o fundo das calças dela, uma confusão danada nesse estúdio, e ela não dava nem bola, não queria nem saber. Aí quando foi no outro dia de manhã, umas 10 horas, eu fui pagar o dinheiro dela, levando em dinheiro, em dinheiro mesmo, um embrulho de cédulas; em chegando lá, ela estava naquele Hotel Praiano, eu interfonei e ela disse pode subir, tudo bem, e quando eu entrei, quando ela abriu o apartamento, ela tava nua, simplesmente nua, nua, na maior naturalidade e eu fiquei sem saber o que fazer, não sabia pra onde olhava, eu fiquei estatelado, sem ação nenhuma... A ação que eu tive foi o seguinte: tinha um frigobar assim defronte, e eu disse "Com licença, que eu não me agüento não..." (RISOS), aí peguei uma garrafinha daquelas de uísque em miniatura, e bebi inteiríssima, me lembro como se fosse hoje, um Johnny Walker inteirinho, me refiz um pouco, e ela na minha frente, aqueles seios, aquelas veinhas azuis, né... Eu só me lembrava até duma crônica do Rubem Braga, o sexo meio louro, uma coisa de louco na minha frente e eu perturbando até a alma... E ela, "Cadê o negócio pra eu assinar?..." E eu, "Taqui". E eu fiquei com aquele dinheiro, estatelado das idéias. E ela disse: "Você está se sentindo bem?..." Quando eu desci pra me refazer, tomei outra dose de uísque lá embaixo... Ah, sofrimento! (RISOS)... Foi um sofrimento realmente. Foi um sofrimento muito grande esse,

ver aquela Xuxa nuazinha na minha frente... Igual mesmo só no tempo que eu trabalhava na televisão no Rio de Janeiro, mas essa daí foi terrível.

Culpa do Outdoor

Eu era assistente de direção desse cidadão que hoje é diretor do Zorra Total, o Maurício Shermann, um judeu muito ativo, muito danado. E eu então, no Rio de Janeiro, havia um cigarro, e apareceu uma mulher lindíssima fazendo propaganda desse cigarro. Mas linda, linda, linda demais mesmo. E na televisão, do terceiro artista pra baixo quem escalava era eu – ele escalava o primeiro, o segundo e o terceiro, os três primeiros, eu escalava o resto pra baixo. E eu disse: "Olha, Maurício, apareceu uma mulher lindíssima numa propaganda, os olhos verdes, a coisa mais linda do mundo, e eu achava interessante a gente escalar essa mulher pra esse teleteatro, que era uma peça completa..." Aí ele disse, rapaz, e onde é que tá? E eu disse vambora ali, e nós todos trabalhávamos na Urca, vambora ali que eu vou lhe mostrar... Aí mostrei, ele disse, "Oh, rapaz, que mulher linda... Como é que você descobriu isso?" E eu disse, não, eu vi aqui nesse outdoor, me encantei... Pois caia em campo e descubra, e vamos contratar essa mulher". E eu me lembro como se fosse hoje, era setembro no Rio de Janeiro, um frio... E eu parti pra descobrir essa figura lindíssima. Aí telefonei pra agência de publicidade, que fazia propaganda do cigarro, me deram o nome dela, mas aí eu tive o cuidado de examinar a ficha dela, aí fui atrás de mais informações sobre ela e descobri que ela tinha um caso com um cara que era gerente dum Banco Real lá em Copacabana, mas que não morava com ele, e tal, e esse cara tava até adoentado... E aí eu não sei por que me

deu uma premonição (RISOS), e eu me larguei, com os scripts na mão para falar com ela, e dizer olha você vai fazer esse papel aqui e tal...

Não era um grande papel, era um papel pequeno, mas era uma oportunidade pra ela aparecer na televisão. E me larguei, eu me lembro como se fosse hoje, ela morava na Rua Barata Ribeiro, num edifício cheio de apartamentos de rapazes solteiros, mulheres solteiras, o diabo a quatro, acho que era Barata Ribeiro 210, depois fizeram até uma peça de teatro com o nome desse prédio; então fui pra lá entregar... Era mais ou menos 8 horas da manhã, que isso não é hora de se fazer visita a uma moça, principalmente morando só ela... (RISOS). Em lá chegando, frio lá fora, eu apertei o botão e ela abriu.

Quando ela abriu a porta, estava vestida com uma espécie de habillè, transparente, o pouco sol que dava na janela dela assim, parado pra cima de onde eu tava na porta, dava pra entrever o corpo dela todinho desenhado, e quando ela abriu eu senti um cheiro de sexo impressionante na minha narina, eu fiquei louco... Fiquei louco, soltei os papéis no chão e me agarrei com ela (RISOS). E ela "O que é isso, o que é isso, o que é isso?" E eu me agarrando com ela, e ela "o que é isso, o que é isso, o que é isso?", mas aí eu andava tão a perigo naquele Rio de Janeiro (RISOS), que esse negócio do que é isso, eu agarrado com ela, foi ali mesmo, iuuuu... (RISOS)... Me destrocei todo. (RISOS) Aí: "Oh, você me desculpe...", aquela coisa toda, não, num sei o que, blablablá, você é doido, num sei o que, que é que você tem... Aí eu fiquei por ali, as coisas acalmaram, consegui me controlar, me desculpe e tal, tudo bem, passei o papel pra ela, então à noite ela apareceu lá na televisão e nisso ela foi se queixar ao diretor, seu Maurício Shermann. Seu Maurício Shermann em pleno ensaio

se vira e diz: "Cearense (ele me chamava de cearense), tara não vale não, viu!" (RISOS)...

– E afinal, ela ganhou o papel?

– Ganhou (ri satisfeito)... Ele já tava ganho.

Ocapana e Abarama

– É, no começo era Ocapana e Abarama. Esse caso foi o seguinte... É porque propaganda, comunicação, as pessoas ouvem dum jeito e dizem de outro. A interpretação é um dos maiores cuidados que a gente tem que ter em comunicação é como as pessoas lêem. Porque nem sempre é lido aquilo que você escreve, as pessoas lêem diferente, interpretam diferente, então, surgiu uma história, de que no Interior do Ceará, as rádios chegavam lá, não tinha televisão nessa época, aí chegavam lá e diziam: "Em Fortaleza, tão capando e aparando..." (RISOS) que era Ocapana e Abarama, essa história ficou famosa...

Musa da Pornochanchada

Logo que acabou a ditadura, eu fiz uma temporada... Eu sempre ganhei dinheiro com teatro, eu e o Maurício Xerez, então eu resolvi trazer uma peça chamada "Coragem, Meu Bem, Coragem", então comprei os direitos dessa peça que era estrelada por uma atriz da pornochanchada brasileira chamada Zilda Mayo, que os saudosistas podem ver aí no Canal Brasil, que era um mulheraço. Então, a peça era séria, mas levaram pelo lado do deboche brasileiro. A peça era o seguinte: era a história dum cidadão que ele não podia ouvir o ruído de uma sirene de polícia que entrava em depressão, e se ele tivesse próximo a um ato sexual, ele brochava, como se diz na linguagem popular. Então, a peça, umas das cenas era ela nua em cena, nua, nua, e esse camarada tentando fazer sexo com ela numa

cama de frente pra platéia, bem na cara do povo. Então isso, logo que terminou a censura, isso juntava milhares e milhares de pessoas. Então eu comprei os direitos dessa peça, com elenco e tudo, do Ceará até Manaus. Então, pra você ter idéia, em ordem de grandeza, eu pagava por dia trezentos mil reais nos dias de hoje, à dona da peça. Na época eu fiquei tão preocupado que fiz até um seguro, que se chovesse, por exemplo, aqui em Fortaleza, ou em Teresina, ou em Belém, na hora da peça, a Sul América me reembolsava toda a renda da bilheteria. Mas não aconteceu isso, foi um grande negócio e a Sul América inclusive explorou isso nacionalmente, tanto que depois fizeram até isso com o Frank Sinatra, né, que se chovesse na hora do show do Frank Sinatra, a Sul América teria pago o espetáculo todinho. Mas isso é um detalhe à parte, o principal é que aqui em Fortaleza, numa das primeiras apresentações, um cidadão se revoltou, porque o ator que fazia esse papel, um paulista, ele era bicha mesmo, tentava, tentava, se esfregava todo e nada, num se animava nada; aí aqui um cidadão gritou: "Tira esse homem daí que eu resolvo esse problema" (RISOS). Mas o pior não foi isso, o pior da história dessa peça "Coragem, Meu Bem, Coragem" foi... Tiveram dois fatos muito interessantes. O primeiro começou em Fortaleza e eu vi, "Ih, esse negócio não vai dar certo", mas a renda era um negócio fantástico, eu ganhava tanto dinheiro que tinha medo de levar pra casa. E pedi a um amigo meu, que era gerente do Colonial Praia, pra guardar o dinheiro nos cofres do hotel. Eu passava lá e deixava o dinheiro. E fomos então pra Teresina. Em Teresina, quem entra no teatro, tem um bar lá, no principal teatro de lá, o Quatro de Setembro. Tinha um cidadão, no dia da estréia, eu notei um cidadão, isso a fama já tinha corrido, mulher nua no palco, homem nu tentando fazer

sexo, aquele negócio todinho, a fama já tinha corrido o Nordeste inteiro, e a atriz Zilda Mayo, que era famosa nas pornochanchadas, e todo mundo queria ver ela nua, claro, só que muito boa-praça ela. Então, eu notei um cidadão, bebendo assim com uma certa sofreguidão, e eu "O que é que este homem tanto bebe, meu Deus?", era só bebendo, com uma sofreguidão danada, aí começa a peça, ele entrou, todo mundo entrou, o teatro lotadíssimo – todas as lotações acima da capacidade de cada teatro, então começa a peça e vem a tal cena, e a dona da peça que era a diretora, ela caprichou no deboche, na anarquia, e botou uma cama bem assim em cima da platéia, eles ficavam de cabeça pra platéia e a platéia via assim o sexo bem explícito mesmo, e o cara tentando, tentando... Esse tal cidadão que tava bebendo lá, se afobou e disse: "peraí". Aí quis subir no palco (RISOS)... Eu só tinha uma saída: "Fecha o palco!" Fecharam o pano, foi uma gargalhada geral, aí "Abre o pano de novo, vamos continuar..." Aí eu fui lá, peguei o camarada, chamei a polícia, e tal...

Mas aí essa peça trouxe mais outro fato pior ainda: nós chegamos em Belém do Pará, e a essa altura ela ganhando muito dinheiro, o dinheiro dela era tranqüilíssimo, toda noite ela ganhava uma fábula, vamos dizer eu ganhava 200, ela ganhava 300, e eu com os direitos da peça... Chegou em Belém do Pará, a dona da peça, uma senhora, a essa altura já empolgada com o dinheiro, tinha mandado buscar a filha, o filho que era meio abicharado, assim e tal, então, eu tô aqui muito quieto, tinha mandado uma pessoa amiga minha acompanhar o espetáculo, toda noite dizia quanto era a renda, depositava, aquela coisa todinha, então ela recebeu um convite pra apresentação em Serra Pelada e ficou muito interessada em ir porque eles ofereciam uma fábula – cerca de R$ 800 mil no dinheiro de hoje. E ela me chamou até Belém por-

que queria que eu bancasse a ida deles lá, que eu também fosse junto. E eu disse: "Minha senhora, se a senhora quiser ir, vá. Eu não vou não. Porque esses mineiros, sedentos, esses garimpeiros de lá, caçadores de pepitas de ouro, vão papar a senhora, a atriz, a filha, o namorado da sua filha, e esse ator veado e todo mundo que for junto" (RISOS). É, porque só vinha na minha cabeça a manchete nas revistas nacionais, eu só lembrava do filme com a Elizabeth Taylor – "De Repente, No Último Verão" – em que um veado é comido pela massa de famintos do Terceiro Mundo...

Susto na Madrugada

A cobra de duas cabeças... Esse foi um trote que nós resolvemos passar para esse Zé Milton. Então, foi feita a ligação. Ele acorda de madrugada, nós entramos na linha: "Quem está falando: é o seu José Milton? Seu Zé Milton, olhe, a vida é cheia de percalços..."

– O que foi que houve?

– Não, tenha calma...

– Que foi que houve?

A essa altura, quem está do outro lado da linha imagina morte na família, um pai, uma mãe, um irmão assassinado, atropelamento, tudo... "Olhe, não queira se afobar porque o momento é de extrema gravidade, é nessas horas que a gente conhece os homens, são nesses momentos difíceis da vida, onde Deus se revela... (Aí você entra pelo lado religioso, né), onde Deus dá provas para os grandes homens, as grandes mulheres...".

– Mas o que foi que houve, me diga o que foi que houve?

– Não, não, não, se acalme... Olhe, você tem que enfrentar com muita sobriedade, porque é um desígnio da providência divina...

Essa frase é muito importante nesse trote (Desígnio da Providência Divina), porque desígnio da providência divina aí é que o cara imagina mesmo, "morreu alguém..." (RISOS).

– Mas, pelo amor de Deus, me diga logo, o que foi que aconteceu (RISOS), você me acorda uma hora dessas...

É porque a essa altura o cara num pergunta quem é que tá falando nem nada, ele fica louco pra saber o que diabo é que tá havendo não é? Porque ele num quer saber, ele quer saber é o que é que está havendo... Me diga, me diga, me diga...

– Não é o seguinte, há um atroz problema aqui pra ser resolvido...

– O que é, o que é?

– De que lado fica o cu da cobra de duas cabeças? (RISOS).

Esse cidadão pegou o revólver e saiu atirando (faz o gestual e o som dos tiros), no meio da Rua Barão de Aratanha (RISOS). Quando eu cheguei lá, foi a notícia desse tiroteio. Ele morava na Antônio Pompeu, esquina com a Rua Barão de Aratanha... Oh, esculhambação! (RISOS)

– E você nunca foi vítima de um trote desses não?

– Não, porque eu sempre fui prevenido, né? Você tem que estar muito prevenido, né?!

Conflitos Mundiais e Cinema

– E com relação à Bíblia, esta chamada Divina Providência, como você se considera: um ateu, um herege, um incrédulo...?

– Não. Nem ateu nem herege. Eu acho o seguinte: eu acho que o povo deve ter religião, nós não. (RISOS). Porque sem religião, isso aqui vira barbárie, né? Porque

o que sustenta ainda é essa religião, essa religião é que sustenta...

– Você diria que os grandes filmes nascem da cabeça de grandes mestres? São pessoas que têm uma grande trajetória de vida?

– São superdotados, né?! São superdotados, são vocacionados para o Primeiro Mundo... E também têm uma certa humildade... Eu sou impressionado com esses americanos, né, eu acho eles de uma criatividade brutal, impressionante... Isso aí já peguei a explicação, como é que eles criam tantas coisas originais, esse Clint Eastwood, esses caras, pegam roteiros tão originais e criam com tanta coragem, tanta coisa... É porque lá a concorrência é tão grande que eles são obrigados a pensar. Aí você pode dizer pra mim "é estressante". É estressante e tal, mas ninguém pode negar que eles são uns craques. É estressante, tudo bem, a concorrência individual lá é muito estressante, mas você não pode negar que eles são muito criativos, talvez por isso mesmo. É ruim mesmo, mas eles são terríveis, são altamente criativos. Eu assisto a um filme como aquele "Dívida de Sangue", fico impressionado com a criatividade, o Traffic, esse é fora de série...

Curtição no Ônibus

– Mas você também tem boas histórias andando de ônibus, né?!

– É, ouvir a conversa do povo é ótimo. Uma vez, eu anoiteci o dia com o espírito da riqueza, aí tomamos um uísque, cheguei num ônibus do Parque Manibura, nessa época eu morava nas Seis Bocas, aí cheguei pro cobrador do ônibus – eu fui o primeiro a entrar, tinha uma fila danada, aí disse: "Olha, tá todo mundo pago aqui". Aí peguei logo uns 50 reais e botei na mão dele e disse: "Vá

contando aí, não se preocupe não. Ninguém paga passagem aqui nesse ônibus". Aí eu vi a psicologia popular. O sujeito ia pagar, aí "Não, tá pago, tá pago..." E todo mundo achando bom, né, tá pago, tá pago... Aí lá pelas tantas um se revoltou: "Quem foi que mandou pagar meu ônibus?" (RISOS). Ora, o sujeito liso e se revolta (RISOS). Aí o trocador: "Foi esse senhor aqui". Eu disse: "Meu amigo, vamos festejar, eu tô feliz hoje, então resolvi ser rico, tá paga a sua passagem..." Aí ele: "É, mas eu não mandei pagar minha passagem, não". Ainda tinha raça... (RISOS). Outra vez, muito interessante, num ônibus desse dito Parque Manibura, entram na minha frente dois camaradas, dois cidadãos, lisos, coitados, com aparência cansada, um deles com uma Bíblia debaixo do braço, e conversa vai, conversa vem, passaram a conversar sobre o gado do Zé Macedo, eu achei o máximo (RISOS) – "Olha, porque ele tem um nelore, um zebu, raça tal", olha, fiquei impressionado, acho que eles nunca viram um nelore (RISOS). Como é que o povo pobre vai falar do gado do rico (RISOS). Eu nunca contei essa história pro seu Zé Macedo... Mas é isso aí, a velha psicologia popular, né, porque o pobre gosta da vida do rico, daí o sucesso da crônica social no Brasil. Quem lê crônica social não são os ricos, são os pobres.

Cearense em Boate

Eu tinha um amigo, o Carlos Paiva, infelizmente falecido, nós todos morávamos no Rio de Janeiro, todos nós lisos, e o negócio dele era ler a coluna social, ele achava ótimo, toda noite ele lia Ibrahim Sued, Jacinto de Thormes, quando foi um dia eu resolvi fazer uma peça com ele. Eu escrevi uma carta prum dono duma boate no Rio de Janeiro, chamado Barão Montuca, dizendo que era o Carlos Paiva, tudo mais, eu escrevi a carta no nome dele,

aí citava o nome dos freqüentadores da boate, que o sonho dele era freqüentar a boate e tal, o Barão leu aquilo e achou interessante, achou criativo, modéstia à parte era. E resolveu então convidar o seu Carlos Paiva pra ir à boate (RISOS), por conta dele Barão. Aí o Carlos Paiva quando recebeu:

– Mas eu não fiz isso, meu Deus.

– Fez, fui eu que fiz e você vai ter que ir. Agora, nós ficamos com inveja dele (RISOS).

Aí nós fomos levá-lo. A boate ficava lá no Leme, aí fomos, ficamos embaixo e lá sobe Carlos Paiva com tudo pago, e nessas alturas todos os jornais do Rio de Janeiro já tinham dado: "O Barão vai receber um cearense fã da noite carioca...". Aproveitaram pra fazer a propaganda, claro, acharam um negócio bem interessante, e era realmente interessante um cidadão pobre pedir pra ir a uma boate, aquela dignidade, aquela coisa, e nós lá embaixo esperando esse Carlos Paiva para contar como era essa boate. Aí desce ele "bebo" que só uma cabaça... (RISOS).

(Entrevista concedida em dezembro de 2005)

AYRTON ROCHA – TARCÍSIO TAVARES E O BANCO NACIONAL

Magalhães Pinto era o dono do Banco. Os filhos, Marcos e Eduardo, estavam ainda começando a aprender a contar dinheiro.

José Luiz de Magalhães Lins, sobrinho do dono do Banco, Dr. Magalhães Pinto, Boy, ainda garoto, do Banco vizinho, O Crédito Real de Minas Gerais, depois Deputado Federal, Governador, Senador, Chanceler (Ministro das Relações Exteriores do Brasil) no regime militar de ses-

senta e quatro e exímio conspirador, além de um eterno sonhador à Presidência da República, José Luiz de Magalhães Lins, era de fato, o Big Boss do Império Bancário das Alterosas. Mas seu gabinete era na maravilhosa cidade do Rio de Janeiro.

Ele tinha em suas mãos, além do dinheiro, o poder sobre os políticos, principalmente os da velha-guarda da UDN, partido do tio, Magalhães Pinto.

Dinheiro, que financiava governadores e futuros, senadores e deputados e também os futuros.

Candidatos a Presidentes, eram uma "Conta" à parte.

José Luiz de Magalhães Lins com seu talento e inspiração do tio, não podia deixar de fora a "oposição", o chamado outros partidos amigos. E muitas vezes e quase sempre solidários.

Os "Jornalistas" tinham a segurança do Pão Nosso de Cada Dia, porque o Zé Luiz, nunca faltava, a eles. Os jornais sempre pagaram mal. Claro, com os "ilusórios juros mais baixos", ou seja, os de mercado. Ou talvez mais, pois jornalista "que se preza", não paga a Banco.

Até porque, jornalistas nunca foram chegados a números nem juros.

O que importava era a grana, o "Borel" do Pão Nosso de Cada Dia, ou melhor, o do whisky e muitas vezes da cachaça de toda noite.

E mais, uma graninha que sobrava para levar para casa e alegrar a "patroa" que irritada, só via o marido jornalista na madrugada ou pelo menos de ressaca.

Porque, naqueles anos, depois de sair tarde da redação do jornal, ainda tinha que bater o segundo ponto no botequim da esquina. E lá, o "expediente" era longo.

Esquina que muitas vezes ficava debaixo ou ao lado do jornal.

Os juros "eram baixos" mas na hora de pagar, o jeito era a "Generosa" renovação da promissória com um "pouquinho de mais generosos juros" que com certeza, tinha que ter um "final feliz" nas mãos poderosas do José Luiz de Magalhães Lins.

Já os donos de jornais e outras coisas, tinham a "Bússola" de suas salvações. O caminho a "Midas". E o Zé Luiz, à mídia.

Sem a menor preocupação com os juros e com o principal.

Porque a "permuta", linguagem publicitária, troca de dinheiro por "espaços", lhes dava a garantia da fatura, ou da promissória. Quitada.

Com relação à "OPINIÃO" do jornal, era uma questão "politicamente correta".

Eles sempre estavam a favor das idéias de uma direita democrática do Dr. Magalhães Pinto, o dono da UDN.

Partido de direita, mas que nunca esqueceu as "esquerdas" através do Banco Nacional com sua "generosidade" financeira.

E o Tarcísio Tavares?

Calma gente, eu chego já lá. O poder do Zé Luiz era fascinante. Mas nada de notícia em colunas sociais.

Ele era competente. Ele sabia que o poder, não se ganha com notícias. O poder só se toma com o dinheiro. A notícia é uma "mera" conseqüência do dinheiro. E estas duas coisas, o Zé Luiz tinha.

Dinheiro, poder e um tio, que sabia mais de política, que Freud da Psicanálise.

E o Tarcísio Tavares?

O Tarcísio é todo o sonho desta história que se o leitor mantiver a calma e controlar a impaciência, não vai chegar nunca ao dinheiro e ao poder do Zé Luiz.

Mas no sonho do Tarcísio Tavares, eu não tenho dúvida, vai chegar.

Fim da década de cinqüenta ou talvez quase chegando a de sessenta, é difícil controlar o tempo na memória, trabalhamos juntos pela primeira vez. Eu e o Tarcísio Tavares.

A rádio era a Uirapuru de Fortaleza, do competente Aécio de Borba Vasconcelos, contemporâneo dos meus irmãos mais velhos, família e pais amigos, vizinhos de rua, a Barão do Rio Branco, mais precisamente na Praça do Carmo, o lugar mais bucólico da antiga Fortaleza, onde o jardim da linda Igreja do Carmo era um jardim verde em flor.

O outro dono e sócio da Uirapuru era o Zé Pessoa de Araújo.

O Tarcísio Tavares tocava os sete instrumentos. Era locutor, apresentador, radioator, produtor e tudo mais que for "tô" em Rádio. Comandava inclusive um programa policial no horário nobre, o de almoço.Se a memória não me falhar, tenho quase certeza, que o Tarcísio foi o criador do até hoje, "Nos Bastidores Policiais".

Na Uirapuru, eu era na linguagem publicitária, "Contato Publicitário".

Era o homem que levava a grana dos contratos de publicidade para a rádio.

Aí, nessa época, começou a dobradinha. Eu trazia os clientes e o Tarcísio fazia os textos publicitários.

O faturamento da Rádio estourou.

Lembro-me bem, numa tarde, conversávamos sobre uma novela que iria estrear naquele mesmo dia, no final daquela tarde e não tinha patrocinador.

E a novela de Rádio, naquela época, tinha um custo elevado.

Era uma novela gravada e importada do Rio de Janeiro.

Eu perguntei: "Quanto tempo falta para a novela entrar no ar?".

Ele respondeu: "Uma hora".

Falei: "A novela vai ao ar com patrocinador".

Saí naquela época, a pé até o Centro da cidade.

Entrei na primeira loja que minha intuição mandou: a Tapeçaria Hispano, de um espanhol, evidente, e seu sócio cunhado que acreditou em mim e foi correspondido com meus argumentos de venda publicitária.

Faltavam trinta minutos para a novela entrar no ar.

Telefonei pro Tarcísio, ele fez o texto e a novela e a venda da Tapeçaria Hispano foram um sucesso.

Ainda na Rádio Uirapuru, o Tarcísio já com idéias um tanto exóticas, me convenceu a fazer um programa de entrevistas, onde eu ia à casa do entrevistado com o violão debaixo do braço e nos intervalos de cada pergunta e resposta, o entrevistado me pedia para cantar uma canção.

Parsifal Barroso, uma doce figura, era o governador. Meu primeiro entrevistado.

Às sete da noite, hora marcada, sou recebido por um homem afável, culto e de muita habilidade política, fumando seu charuto cubano na residência de veraneio do governo, na bela Praia de Iracema.

Dona Olga, maravilhosa e brilhante mulher de Parsifal, muito carinhosa comigo: era "meu primo" pra cá "meu primo" pra lá, até porque, na verdade, somos parentes.

Depois que o técnico instalou toda aquela parafernália, começamos a entrevista que nunca foi ao ar. Eu não deixei. Eu achei um fiasco. Não a parte do governador, mas a minha parte.

Com sucesso na Uirapuru, Zé Júlio Cavalcante me convida para dirigir a Rádio Verdes Mares, que estava nas mãos da antiga UDN.

Topei, mas numa condição, levar comigo o Tarcísio Tavares. Proposta aceita. Mas o convite recusado.

O Tarcísio não queria trocar a estabilidade de uma emissora solidificada, por um desafio de me ajudar a levantar uma outra emissora falida.

Só que eu topei e levei a Verdinha para o primeiro lugar em audiência.

Veio o segundo convite.

Ser meu assistente na McCanne Erickson Publicidade: a maior agência de publicidade do mundo com sede em Nova York.

Neste convite, ele começou a se inspirar no Zé Luiz do Banco Nacional. Topou na hora.

Coloquei sua mesa de trabalho no meu gabinete. Aí começaram as surpresas.

Diariamente ele ia à Praça do Ferreira, mais precisamente ao Abrigo Central, que pertencia na época ao bom e amigo antigo Edson Queiroz, comprava os jornais do Rio e São Paulo, sem jamais esquecer seus cigarros americanos. O LM era o de sua preferência.

Cigarro nacional, para ele, já era cafona mesmo antes desta palavra existir.

Numa tarde, ele entra no meu gabinete com a revista Manchete e um frenesi de sonhos e entusiasmo.

Abre a revista com uma foto de página dupla. Era o Zé Luiz em seu gabinete no Banco Nacional.

O gabinete do Zé era mais luxuoso e maior do que o do Presidente no Palácio do Planalto.

Gabinete maior do que o do Zé Luiz, eu só vim a conhecer depois de muitos anos no Rio de Janeiro. Era o do meu amigo Walter Clark na Rede Globo.

Sobre a mesa do Zé Luiz, tinha vinte telefones. Inclusive um vermelho.

Parecia a mesa do Presidente dos Estados Unidos na Casa Branca.

E o Tarcísio quase em estado de orgasmo dizia: "Olha Ayrton, veja que coisa maravilhosa! Veja como a riqueza é fascinante! Eu tenho que ter um dia um gabinete como este!" E gargalhava.

Um dia, eu chego à minha sala e me deparo com uma cena inusitada. O chão da sala cheio de pêlos.

O Tarcísio sentado na poltrona, com os pés sobre a mesa, fumando cigarro americano e um barbeiro cortando seu cabelo.

Quando me viu com cara de espanto, às gargalhadas, bradava: "Isto é a riqueza e a riqueza tem o seu valor".

Para ele, aquele ato de cortar o cabelo em plena sala de trabalho, já lhe dava uma sensação de riqueza, de poder.

Lançamos na velha TV Ceará, o primeiro programa de variedades e entrevistas. O patrocinador era o Grupo J. Macedo.

Pagávamos o espaço à televisão e a produção e direção do programa eram toda nossa, da agência McCann.

Convidamos dois cardeais, que, naquela época, já eram papas do jornalismo. O Lúcio Brasileiro para apresentar as entrevistas sociais e o Lustosa da Costa as entrevistas políticas.

O Tarcísio apresentava o programa. O Manuelito Eduardo, diretor e um dos donos da televisão, era e é Condômino dos Diários e Emissoras Associadas, nunca gostou do programa.

Ele não aceitava a idéia de sua TV ter um programa que tomou conta da cidade, que aliás, o nome do programa era "Eles Fazem a Cidade" não ser produzido pela própria televisão.

Mas ele não deixava de assistir um só programa.

O Tarcísio Tavares abria sempre o programa com o dedo em riste em direção a câmera.

Um dia, o Manuelito não se conteve e irritado bradou: "Isso não é possível, esse dedo, ele está apontando é pra mim".

No lançamento do programa, o Tarcísio queria ter uma chegada triunfal na Televisão.

Pediu a J. Macedo emprestado, um carro com um motorista devidamente uniformizado inclusive de chapéu.

J. Macedo era concessionário da Willys.

Foi a cena mais hilariante que eu já assisti em toda minha vida.

Às vinte horas, pára na porta da TV Ceará, um Jeep de quatro portas de lona com o Tarcísio Tavares sentado no banco de trás do Jeep.

O motorista, Zé Maria, de cor preta, franzino e baixinho, todo uniformizado e de chapéu de motorista de "madame", desce, dá a volta e abre a porta de lona do Jeep para o Tarcísio descer.

A sua descida do Jeep foi triunfal. Parecia que estava descendo de uma Limusine. Para ele, a produção do motorista e daquela cena era tão ou mais importante que a produção do próprio programa.

E logo uma grande platéia se formou na porta da televisão para, com espanto, assistir àquele espetáculo de comédia italiana.

Na agência tinha de tudo, inclusive "propaganda".

Modelos, nem sempre mulheres bonitas para fazerem comerciais e que ele dizia de todas: "Vejam, parece uma Potranca Selvagem!".

Aliás, potranca era a Anália, pedaço de mulher bonita, trabalhava na agência da Varig que eu a chamava de Aeromoça de Terra. Porque ela era tão mais bela que to-

das as lindas aeromoças da Varig naquela época em que a Varig tinha caráter. Suas aeromoças eram todas "Aviões".

Ela foi Miss e teve o título cassado por algum desprezível que "descobriu que a moça não era moça, virgem". Coisas do quinto mundo.

Sua irmã Amália, minha secretária, bela e delicada moça, quase se casou com um amigo nosso que freqüentava a agência, promoção do Tarcísio Tavares, que fez a trama e o amigo acreditou na armação do Tarcísio e quase caiu na presa. Era um homem simples, educado, de alma boa e que na época só usava o mesmo terno. Não tinha outro. A grana era curta.

Logo, o Tarcísio o apelidou de "Paulinho Pouca Roupa".

Inventava colunista social, fazia a coluna do inventado, e o mais grave: o escolhido cedia o nome e ainda acreditava ser realmente um colunista.

Rio de Janeiro, Aeroporto Santos Dumont.

Eu morava ainda em Fortaleza e estava no Rio de Janeiro a trabalho.

Do Rio, recebo um aviso do Tarcísio de que estava chegando.

No aeroporto, eu e o meu irmão Jornalista Orlandino Rocha (Betty), o esperávamos. O Betty ainda não conhecia o Tarcísio Tavares. Aproveitei aquele momento de espera para contar histórias do Tarcísio.

Depois de dez a doze horas de vôo, tempo naquela época de um vôo pinga-pinga do Constellation da Panair, Fortaleza-Rio, o avião pousa tranqüilo e nas escadas do avião surge Tarcísio Tavares com rádio de pilha ao ouvido.

Naquela época, o "Rádio" portátil um tanto quanto exagerado no tamanho, estava coberto com capa de couro. O Tarcísio era fanático por rádio e naquela época, achava

que viria ouvindo pelos céus do Brasil, as rádios por onde este avião passasse. Quando Betty viu a figura chegando ao Rio de Janeiro com rádio de pilha no ouvido, não perdeu a piada: "Mas, parece um playboy de Massapê!".

O Tarcísio chegou, eu entreguei o Betty e a gargalhada foi geral.

Depois, melhorou de vida. Teve sua própria agência, uma casa bonita, viajou pelo mundo e seu desejo de ser rico continuou.

Só uma coisa lhe faltou para chegar à riqueza: um tio chamado Magalhães Pinto, o dono do Banco Nacional.

B. DE PAIVA – TA-TÁ E SUA LU...TA!!!

Não sei não...! O telefone tocou, era o Ibiapina. Disse umas coisas e aí me falou que o Lustosa queria me perguntar um negócio. "Vou passar pra ele, B." E de longe, pelo fio do "bicho que fala", ouço o Lustosa da Costa: "B. Eu queria saber de um negócio...!" – "E o que é, menino "véio"? "Será que tu podias lembrar dos tempos de menino, com o Tarcísio Tavares?" E mais falou e disse e eu garanti que sim, que ia tomar coragem de mexer nas gavetas do tempo, que é do que "véio" mais gosta de se "imiscuir". E aí vai, Lustosa, as "lembrança", sem plural. Cearense só gosta de singular!

No tempo em que a guerra segunda já tinha se acabado, aí pelos comecinhos de 1946, a gente se mudou de casa. Papai, mamãe, vovó, e os seis meninos da dona Maria José, dos quais eu era o mais velho. Pela primeira vez iria na rua que começava no fundo da Igreja do Barão de Aratanha, a do "Coração de Jesus" que ainda era a antiga, com a torre se afinando e as imagens dos apóstolos em volta. O nome da rua era o nome do nobre que havia dado a Igreja para os

fransciscanos. A rua começava na "Duque de Caxias", que hoje é comprida que faz gosto e tem mais nome de gente balizando a mesma que catálogo de telefone. A rua do Barão tinha início entre o "Convento dos Frades", de um lado, e o "Teatro Pio X" do outro. Nossa residência nova, (que já era uma casa "véia") tinha o número duzentos e trinta e dois, e a de número da casa em que morava o TêTê, duzentos, em frente à casa da Elza e da Verdelina, perto da casa da dona Dondon. E foi daí que eu conheci o Tarcísio Tavares, filho do "Totó", um velho amigo de meu pai.

E tudo o que começou a acontecer comigo surgiu desta amizade. Foi o Tarcísio que, conhecendo o meu gosto pelo cinema, e a admiração que eu tinha pelo Cecil B. De Mille, (com quem cheguei, até, a me corresponder) me batizou de B. de "Milho". Eu me chamo Zé Maria Bezerra de Paiva, mas desde então, até hoje, só me chamam de Bê... O milho se acabou. Em fins de 1948 inventei, com a parceria dele e de Florisvaldo Fernandes, um teatro na sala de jantar deste último, um dos bons artistas plásticos cearenses da época. A primeira peça que montei ali foi uma adaptação que risquei de "As cruzadas", copiada do filme do B. De Mille. De então as besteiras de teatro foram se chegando. Criamos, eu, Tarcísio, Florisvaldo, Zé "Oião", o José Humberto Cavalcante, (o melhor ator que o Ceará teve na segunda metade do século XX) o "Teatro do Quintal", do fundo do quintal da casa do papai. A peça que não lembro o nome era do Tarcísio, e por aí fomos, quando no fim de 49 o Florisvaldo nos convidou a ingressar no Grêmio de Cultura Juvenil Monteiro Lobato, no "Parque da Liberdade", vulgo "Cidade da Criança". Foi Alba Frota, (uma das "Três Marias" da Rachel de Queiroz, dedicada funcionária da Universidade do Ceará – ainda não se apelidava de Federal – e que se foi dessa para a melhor no acidente

em que se foi, também, o General Castello Branco). Pois foi Alba, a diretora da Cidade dos Meninos quem botou na nossa cabeça esse negócio de Arte e "Curtura"!

Então começamos a ser jornalistas, escrevendo besteiras para o jornal do grêmio, "O Pequeno Mundo", edição mensal, editada pela "Cidade da Criança". Entre os jornalistas tinha um bocado de meninos: Juarez Barroso, Benedito Clayton (ou Beni Veras, que mais tarde seria senador e vice-governador do Ceará), uma "Miss Brasil", chamada de Emília Correia Lima, umas das primeiras atrizes que dirigi e escrevi com Emília, "A Inconfidência", apresentada no Teatro de Arena do "Parque da Liberdade". Ah! Se o Ceará guardasse o seu passado!... Pois tudo isso foi filmado, em 8 mm pelo Foto Sales e nos mostraria todos nós, já começando a plantar "burrice" pela vida.

Depois, cada qual foi se mexendo para o seu lado: eu virando "teatreiro" e o Tarcísio tomando gosto por jornal e publicidade, mas antes disso criamos – em oposição à nova direção do Grêmio Monteiro Lobato e a saída de Alba Frota da "Cidade da Criança" – uma nova instituição: O Grêmio de Cultura Juvenil José de Alencar, na Casa de Juarez Barroso, na esquina da Rua General Sampaio com a Pedro I, na sala de visitas da casa em que morava o Juarez. Como o Tarcísio era estudante do Colégio Cearense, dos Maristas, me levou para lá e, então, apresentamos uma exposição de fotografias, que "batemos" pela Fortaleza e suas praias, quintais, gentes, até nos quintais da tia Maria Júlia, no coqueiral mais bonito que havia em toda a praia, cujo espaço pertencia ao irmão de minha mãe, o tio Tancredo, cujos filhos formavam a chamada "Linha Maginaux" do "Maguary Sport Club". Ainda no Cearense, Tarcísio e eu apresentamos shows no terraço em frente ao Colégio e espetáculos no seu Teatro.

Anos passando: em 49 passei a Secretário da Sociedade Cearense de Fotografia e Cinema, onde apresentamos peças com o J. Narbal num Teatro que bolamos. Tarcísio nos ajudava nos "reclames". Depois o menino de dona Zulmira começou a escrever no jornal comunista "O Democrata", e quantas vezes não noticiou as besteiras que fazíamos no teatro. Um dia, ainda nos começos dos 50, Tarcísio e eu escrevemos uma peça, era "show" de humor e plágios "eméritos" do Oscarito, que encenamos, por concessão do J. Cabral no "Teatro da Piedade". (Tenho o "folder", ou "programa", em "cearencês", de tal encenação, mas não sei onde está. Marcus Miranda cria com Haroldo Serra, Hugo Bianchy, Maria José Gonçalves e este que escreve estas lembranças, o Teatro Experimental de Arte. Em 1954 montamos, estreando nacionalmente, o "Lampião", de Rachel de Queiroz, com Marcus Miranda, que na época se dizia Viana no papel do cangaceiro e Glice Salles no de Maria Bonita. Tarcísio Tavares era co-diretor do espetáculo e diretor da produção, comigo na "mise-en-scène", Vicente Marques, (que faleceu este ano e ninguém falou de sua importância no teatro cearense, no cinema nacional e na publicidade). Tenho o retrato de todos estes, e o Tarcísio com cara de "menino-amarelo", ainda.

Fui embora, Tarcísio ficou na terrinha e cresceu, na Imprensa e na publicidade, que por esse tempo se chamava de propaganda. O tempo passando, cada um por seu lado. A gente se vendo cada vez menos, por falta de tempo e de caminhos diferentes no dia-a-dia.

Um dia, quase na hora do AI-5 nos juntamos de novo, eu dirigindo, ele produzindo e Aderbal Freire Júnior, Carlos Paiva, Eliete Regina e outros representando, "Liberdade, Liberdade!, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes.

Ensaiávamos no "foyer" do Theatro José de Alencar, onde estreamos em 1967.

Foi a última vez que fizemos um trabalho juntos, pois o tempo não nos sobrava para mexer nas coisas que nos uniram na Infância, o Teatro e o Cinema. Fui-me embora de novo pelo Brasil afora.

Para mostrar do bem-querer que nos unia, um dia, quando morava e dirigia espetáculos no "Teatro Rural do Estudante", em Campo Grande, bairro do antigo Distrito Federal, ainda no Rio, nos fins de 1958, lancei na "Livraria São José", com José Olímpio, José Lins do Rego e Manoel Bandeira na platéia, o meu primeiro livro "Palavras e Coisas", edição do TRE. Na página 33 de livro riscado tem uma página escrita e que mostro a seguir:

> TARCÍSIO TAVARES
> Magro, cabeleira loura, secretário de grêmio, coca-cola – Versão 1945.
> Gordo, noivo, produtor de rádio, URSS de "grupo"– Versão 1955.
> Foi o único que me achou humorista.
> Foi o único que eu encontrei irreal, e que de blague em blague fez futuro.
> Totó, dona Zulmira, eu acho que não fui ovelha negra pra seu filho. Apenas transformei-o num poema moderno e lá se vai ele "numa estrada de pó e esperança".
> É isso aí, Lustosa. Meu irmão Tarcísio foi uma das pessoas mais significativas da geração 40/50. Muito lutou, sofreu de saúde atrapalhada e continua a riscar, com a vida e os sonhos do tempo, um caminho digno e responsável, como profissional e como ser.
> Que os deuses o abençoem e o faça permanecer sendo: o menino dos santos ares, chamado Tarcísio Tavares.

BLANCHARD GIRÃO – TARCÍSIO TAVARES – VARIAÇÕES SOBRE UMA FIGURA SINGULAR

Para falar do homem de bela cabeleira branca, escondida por um boné de estilo, devo primeiramente dizer algo sobre o menino Tarcísio Tavares, o nosso inefável Tetê das Madrugadas.

Éramos vizinhos aí pelos distantes anos quarenta na prosaica Rua do Lago, de nomenclatura oficial Barão de Aratanha. Ambas as residências – a de meus pais e a do "seu" Tavares e D. Zulmira – se espiavam da confluência da dita Barão de Aratanha com Meton de Alencar.

Tarcísio, uns três anos menos do que eu era meninão de calças curtas, enquanto eu já andava enfronhado nas lides da Imprensa, revisor da saudosa "Gazeta de Notícias", quando ainda, aos 14 anos, vestia a farda do Liceu do Ceará.

Muito alvo, aloirado, Tetê, podia-se dizer, era uma criança de luxo, bem mimado, como sua irmãzinha Margarida, pela extremosa mamãe Zulmira, mulher valente (aliás, falar mulher valente é cometer pleonasmo), enfrentando as vicissitudes da vida com extraordinária altivez.

Embora, em razão da diferença de idade, integrando outra patota da vizinhança, tinha ocasião de observar o bom comportamento do menino Tarcísio, autêntico "filho de família" a não se misturar com a molecagem nos "rachas" de bola de pano na calçada ou nos exíguos espaços vazios do depósito do "seu" Cavalcante, ao lado da bodega do referido senhor, um homem gordinho e simpático, estabelecimento que respondia pelo abastecimento dos moradores da área, numa época em que nem se imaginava essa coisa de supermercado.

Algumas vezes flagrei o divertimento predileto do garoto Tarcísio – um teatrinho improvisado no fundo do quintal de sua casa, onde ele "montava" espetáculos com meninos da circunvizinhança, como o Zé Maria B. de Paiva, e seu mano Carlinhos, o Emiliano Queiroz e mais alguns que principiavam a exercitar suas tendências artísticas.

Os anos foram passando. E um dia, fui abordado por dona Zulmira, que, sabedora das minhas andanças por jornais e rádios da cidade, solicitava meu interesse em aproveitar os dotes do seu garboso menino.

Acolhi o apelo maternal e ao que bem relembro (e se não estou sendo traído pela memória cansada), através do Guilherme Neto (teria sido do Manuelito ou do Paulo Cabral?), consegui engajar o jovem Tetê, mal saído da adolescência, na recém-criada Rádio Verdes Mares, vinculada então à rede de "Jornais e Emissoras Associados", funcionando no Edifício Pajeú um andar acima da coirmã, a histórica PRE-9, a Ceará Rádio Clube.

Foi ali o ponto de partida da brilhante trajetória de Tarcísio Tavares na imprensa, no rádio, na televisão, na publicidade e também no cinema, de que foi, e é, dos grandes animadores na terrinha.

Convoco o próprio Tarcísio a corrigir meus equívocos temporais...Nunca fui muito seguro em relação a datas. O certo é que, dentre as minhas "gloriosas façanhas", incluo a "descoberta" do talento de Tarcísio Tavares.

Na "Associada" Verdes Mares tivemos, eu e ele, ocasião de produzir alguns programas de boa repercussão, um dos quais balançava as noites domingueiras de Fortaleza. Seu título: – "Eles Fazem a Cidade", produção ao vivo, nós dois e o convidado encarando os microfones, com a participação efetiva do público ouvinte.

Levávamos ao estúdio figuras folclóricas e bastante populares em Fortaleza, a exemplo do famoso "Doutor Batérico", doutor em velocímetro, pianista amador que atuava no "Coisas que o Tempo Levou" do velho José Lima Verde, pai do Narcélio e do Paulo. Batérico tinha por "esporte" a mania de contar fantásticas histórias. Mentirinhas (ou mentironas) alegres e inocentes, que ele narrava com tamanha convicção que o público, entre gargalhadas, pedia mais e mais. Por isso, o programa se estendia por horas, sem preocupação de ceder espaço a outro item da programação.

Os telefones da emissora não paravam. Sucesso absoluto. Histórias fabulosas, como a de uma incrível pane de um disco voador, para cuja solução, sob enorme proteção militar da nossa Base Aérea, Batérico foi convocado, culminando com a plena recuperação da espaçonave. A título de pagamento (ele enfeitava a conversa falando sobre o dinheiro do pessoal do disco), ganhou um passeio e até um beijo de uma das tripulantes: uma "luana" tão alta que, para alcançar sua boca, dizia ter tido necessidade de usar um cavalete. A deslumbrante fêmea lunar (ou lunática) acabou se apaixonando pelo competente mecânico cabeça-chata... Era o "final feliz" da fantástica narrativa. Além de Batérico, outros personagens curiosos asseguraram o êxito estrondoso desse programa, produzido por mim, mas que tinha em Tetê o comandante da galhofa.

Dentre outros convidados, a professora Dalila, "deputada honorária" que, diariamente, comparecia às sessões da Assembléia Legislativa e respondia à chamada da Mesa, tudo cercado com uma seriedade que escondia a face cômica do fato. Também compareceu o conhecido Zé de Sales, versejador popular "à la Zé Limeira, o poeta do absurdo", autor de um verso intraduzível ("as idéias são

fônicas e ela é serebetéia..."). Zé de Sales, Oficial de Justiça por profissão, era eclético: além de poeta, com livro publicado (prefácio memorável do grande Jáder de Carvalho), tocava bandolim na "hora da saudade" do Lima Verde (o já citado "Coisas que o Tempo Levou") e se envolvia na política, candidato à Câmara de Vereadores de Fortaleza, jamais eleito.

Outra figura convocada para o "Eles Fazem a Cidade" foi Rodrigo de Freitas, fabricante e vendedor de doces caseiros, atividade que exercia impecavelmente vestido de paletó e gravata, o qual, acreditando piamente nas promessas de sua freguesia, resolveu também tentar a sorte nas urnas. Tarcísio puxava pelo homem, pedindo detalhes de sua plataforma eleitoral... Dentre muitas e formidáveis promessas, Rodrigo de Freitas – para quem criamos o "slogan" de "uma lagoa de inteligência", por conta da semelhança de seu nome à bela lagoa carioca, se dizia disposto a pôr fim ao calor de Fortaleza. Como? Canalizando o vento da serra de Maranguape para cá.

Estas coisas aconteceram meio século atrás. O travesso menino Tarcísio Tavares já conseguia agitar na época a bem tranqüila Capital cearense. Há sobejas razões, portanto, para Tarcísio Tavares ocupar um lugar de relevo na paisagem desta Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, hoje abarcando uma população de 2 milhões e meio de moradores.

Mas, por que Tetê das Madrugadas?

Bem. Amadurecendo como comunicador, Tarcísio ganhou projeção nas páginas dos diários, nos programas do rádio e depois da tevê, assumiu o projeto de promover o "cinema de arte". E em meio a tão febricitante atividade, inseriu-se na boemia citadina, inovando as idéias da turma, como, por exemplo, a de beber o amargoso e exótico

absinto, não como condenado a morrer como Sócrates, mas por diletantismo poético, acompanhado de figuras que se eternizaram em nossa lembrança, como José Helder de Sousa, José Domingos de Alcântara, Mardônio Sampaio, Nélson Dimas Filho, Odalves Lima, Rui Paes de Castro... E tantos outros que agora são saudade.

Talento robusto, "show man" de alto padrão, Tarcísio Tavares domina os auditórios com sua verve, com sua espontaneidade, com a categoria de quem conhece profundamente o metier, tal como podemos encontrá-lo agora nas noitadas artístico-literárias do Centro Cultural Oboé, desse novo mecenas cearense que é Newton Freitas.

Firme no ramo a que mais se dedicou, Tarcísio Tavares mantém a sua TT Propaganda, agência respeitável, que cuida da conta de várias e importantes empresas de Fortaleza.

BRAZ HENRIQUES – TARCÍSIO INVENTOU TT

Um mote: se o Tarcísio Tavares não existisse, precisaria ser inventado. Uma constatação: Tarcísio Tavares inventou TT. O TT que eu conheço é um sujeito que tem na invencionice um predicado especial e gaiato. A primeira vez que cruzei com ele na vida, foi num ruge-ruge na Fortaleza de antigamente. Ele andava glorioso e sorridente, seguido de perto por um séqüito de meninos. Vez por outra eles gritavam – *Tarcísio Tavares da Rádio Uirapuru! – Tarcísio Tavares da Rádio Uirapuru!* Só muito tempo depois eu fiquei sabendo da invenção. Para se popularizar rapidamente, o TT deu aos meninos uns trocados para que eles propagassem o referido bordão em momentos de concentração popular. Os meninos deram conta do recado, ganharam algum e o TT foi ficando cada vez mais conheci-

do. Nesse tempo, não se falava em *marketing* nem em *branding* por estas paragens. Mas táticas destas técnicas estavam no cerne daquela invenção.

E imagem? É dever dos publicitários construir a melhor imagem possível. Das coisas que propagamos e, por extensão, de nós mesmos. Pois é, o Tarcísio é craque nisso. Esse danado tem uma foto oficial, dessas com pose de galã francês, jeitão *blasé*, mordiscando a haste dos óculos com fastio e um olhar de gozo perdido, provavelmente destinado a todas as mulheres que valham à pena no mundo. Quando fazia comercial ao vivo na televisão seu *guimmick* centrava-se na dinâmica dos óculos. Era um bota e tira infernal de óculos, deixando os telespectadores hipnotizados para absorverem a mensagem *Romcy é Romcy, barato todo dia*. No final, sempre a mordidela na haste. Ele descobrira àquela época, tal qual Reginaldo Farias, que um bom ator de televisão interpreta com o rosto. Quanta sensualidade transmitia aquela mordidinha. Ramon (o censor) nem notava, mas sabe-se de muita moçoila que se derretia toda com o gestual.

Um tempo difícil. De jornais com receitas e versos de Camões substituindo notícias, de livros de história do Borges Hermida apreendidos, de Playboy importada e de uma ação promocional que foi um reboliço: o TT simplesmente fez uma campanha e cobriu as vitrines de uma importante loja de moda masculina de Fortaleza com páginas e mais páginas da Playboy, com destaque para a página central, por si, um verdadeiro cartaz. As lojas localizavam-se no Centro da cidade, o macharal (não confundir com marechal) enlouquecido para ver de perto, foi quando a Polícia Federal chegou, interditou as lojas e levou uma tremenda vaia, coisa de dez minutos, em cada loja, segundo cronometrista de plantão.

Playboy puxa Playboy e TT desembarca no aeroporto de Havana quando notou que alguns milicianos o olhavam de maneira ostensiva. Para onde ele andava, os milicianos o seguiam. Até que aconteceu a abordagem. Segundo a milícia, TT estaria entrando na ilha com algo ofensivo à soberania cubana, uma revista Playboy. *A Playboy ou eu* deve ter pensado. Então, morto de pena, pediu a milícia um isqueiro, um cinzeiro e gritou mais ou menos assim, dizem, num espanhol enviesado – *Meus camaradas, em homenagem ao comandante Fidel e à revolução cubana, queimo este símbolo asqueroso do imperialismo! Ajudem-me!* Até os milicianos o auxiliaram a tacar fogo na revista e TT foi aplaudido por vários minutos, enquanto ardia o *couché* brilhante do último número da Playboy, todas as Coelhinhas lá dentro e sua alma de *voyeur.*

Além das invenções e do espírito gaiato, TT é um *bon vivant* e um viajor de primeira categoria. Conhece mundos e fundos. Com a pachorra de atentar para os detalhes dos talheres de prata de um hotel instalado num mosteiro em Portugal. Talheres gigantescos, segundo ele, próprios para um banquete pantagruélico. Tudo olhado, analisado e admirado com verve e inteligência, fazendo bom uso da distância que o tempo e a cultura proporcionam, ao separar outros povos dos habitantes deste novato País tupiniquim que ainda tem muito que aprender. Lembro-me bem da sua frase – ... *Isso dá certo lá fora, onde o povo é civilizado, aqui dá é cadeia...* – afirmativa na qual não vejo nenhuma xenofilia, apenas a visão cosmopolita de uma pessoa que viaja pelo prazer de conhecer e não de guardar slides.

Grande TT, até nas compras cotidianas. Um dia que apareceu um novo "fornecedor" de uísque. Acredito que

o TT conhecia uísque a fundo, pois sempre falava com intimidade do precioso líquido. Nesse dia, enumerava as características de um bom uísque, enquanto examinava a garrafa detalhadamente. Lá pelas tantas, percebeu algo escuro dentro da garrafa, virou, revirou, estabilizou o líquido e desenhou seu veredicto: uma mosca. Virou-se para o "fornecedor" e disse – *Meu filho, este uísque é mesmo escocês?* E o fornecedor sem pestanejar – *Legítimo!!!!* Ao que o TT irrompeu numa estrondosa gargalhada – *Vai enganar outro...Isto aqui dentro é uma mosca! E ao que eu saiba, na Escócia nem mosca existe.* Com tamanho flagra, o "fornecedor" saiu de fininho e TT riu o resto do dia com a história. Depois, me contou que pesquisou o caso e descobriu que a "destilaria" era perto do Liceu e que o próprio "fornecedor" enchia as garrafas uma a uma com a boca.

Fatos ou lendas são muitas as histórias. Todas elas possíveis de ter acontecido, uma vez que estamos tratando de Tarcísio Tavares, inclusive as mais prováveis são as impossíveis. Eu tinha uma lupa japonesa de grande poder de ampliação, o TT sabia da sua existência. Um dia entrou esbaforido na minha sala com uma revista que trazia a Cristiane Torloni ao natural e aos gritos me pediu – *Me empresta aquela nossa lupa fantástica que eu quero ver esta mulher nos mínimos detalhes!!!!* Para surpresa dele a lupa era tão poderosa que mostrou os mínimos detalhes, mas da foto – os pontos da retícula. Ele desconsolado exclamou – *Será possível que não exista uma lente decente neste mundo. Onde já se viu.* De fato, ele terminou não vendo o que queria, mas não se deixou vencer, saiu exclamando – *Hei de encontrar uma! – Hei de encontrar uma!*

Aos chatos de galocha, TT reservou divinas vinganças. Como para certo rapaz que se vestia de publicitário e

se metia em todos os lugares. Prefiro não citar o nome para evitar uma saia justa; vai ver ele se deu bem na vida e não serei eu a estragar o seu prazer. O dito cujo rapaz, depois de poucas e boas, alugou uma sala em importante edifício no Centro de Fortaleza. Tantas ele aprontou, que o TT resolveu lhe pregar uma peça. Com a ajuda de um conhecido em Salvador, na Bahia, trocou cartas com o rapaz, se dizendo herdeiro de um rico comerciante que tinha alugado, anteriormente, a sala que o rapaz ocupava. Na troca de cartas esclareceu detalhes, como um sonho do herdeiro com o pai lhe dizendo ter enterrado uma botija na sala. Numa das missivas propôs um acordo, viria com um equipamento apropriado para achar o propalado tesouro. Dividiriam o achado meio a meio. Muito justo. Mas as cartas cessaram de chegar a Salvador. Em Fortaleza, a ambição do rapaz falou mais alto, iria se apropriar do butim sozinho. Contam que escavou todas as paredes da sala no meio da noite, até ser contido, ensandecido, pelos primeiros vizinhos de andar que chegaram no dia seguinte. O rapaz sumiu por um tempo, voltando a dar trabalho quando a poeira baixou.

Muito hilário. O tal rapaz não tinha jeito. Continuava aprontando e o TT aprontando com ele. Certo dia o TT foi procurado por um músico militar, grande o suficiente para meter medo, que queria saber o caminho das pedras para gravar um CD, o TT deu-lhe ricas informações. O Sargento era só sorriso, se achando o próprio Glenn Miller, já que o seu metal na banda era um trombone de vara. No final da conversa, o TT perguntou – *Querido Sargento, por acaso este brioso militar teria uma farda...* (pausa que deixou o músico nas alturas)... *Daquelas cheia de medalhas?* Ao receber a resposta afirmativa, foi direto ao ponto – *O amigo vai me fazer um favor. Vista sua farda, vá ao Centro da cidade, no edifício tal, na sala tal, bata com força na*

porta e diga, em tom de cagaço (para reforçar a negra ameaça)*, ao rapazola que abrir a porta o seguinte – VOCÊ ESTÁ PRESO. TEM 15 MINUTOS PARA CONSEGUIR UMA MUDA DE ROUPA E UMA ESCOVA DE DENTE. ESTOU ESPERANDO POR VOCÊ LÁ EM BAIXO. VAMOS, SE APRESSE!!!* Dito e feito. O Sargento cumpriu à risca o mandado e quando saiu do encontro até bateu a porta com mais força do que era necessário. Como havia combinado com o TT, sua participação terminou aqui. Mas a história não.

O TT estava lá fora para assistir de camarote ao resultado. E o que é melhor, ou pior, dependendo do ponto de vista, com um *walkie-talkie* na mão e uma turma de gaiatos espalhada ao longo da Barão do Rio Branco. Passados uns vinte minutos da visita do militar, o rapaz, como um ratinho de gaveta, bota a cabeça para fora, primeiro no elevador, depois se esgueirando pelo hall do edifício. Finge olhar um cartaz de filme aqui, outro ali e, pé ante pé, chega à rua. Apressa o passo, ao que TT dá a ordem – *PEGA!* Obedecida imediatamente por seus comandados que incitam a multidão em vários quarteirões, fazendo ecoar a grita – *PEGA! – PEGA! – PEGA!* Naquele dia, seguramente, foi batido o recorde olímpico dos quatrocentos metros. Como o rapaz correu. Um chato com ouro olímpico.

Presepadas com enredo e produção perfeitos. O TT se esmerava, maquinava tudo nos mínimos detalhes e tudo dava o efeito pretendido. Superava-se na criação de tipos que ele vestia com grande propriedade nas pessoas que conhecia. O Tipo Loiro era um assanhado divulgador de videocassetes eróticos, sempre presente, juntamente com o "erotólogo de plantão" Maurício Silva, nas páginas que o TT escrevia para um jornal local, falando de *vídeo home.* Conheci gente que assegurava que tais pessoas existi-

am. Existir, elas existem até hoje, mas as características que o Tarcísio revelou não eram percebidas na vida civil, foi o TT que filtrou os pensamentos libidinosos dos dois e fez a festa.

O Tarcísio também inventou o Mário Monteiro e propalou seus dotes de galã aos quatro ventos. Promoveu desfiles virtuais do galã pelas ruas em direção às Lojas Couto (uma organização que vendia filtros Salus e utilidades domésticas) e as fãs corriam às lojas para vê-lo. Tão forte era a persuasão obtida pela divulgação do TT, que aonde o Mário chegava as fãs rasgavam suas roupas, desmaiavam, gritavam, descabelavam-se, em devotados faniquitos de mulher ao ídolo. O Mário gostava, o mulherio gostava, o cliente gostava e o TT se esbaldava e partia para outra de fechar o comércio. Fenômeno que eu vi acontecer muitas vezes com suas promoções. Baratal Ocapana... O Gerente Endoidou...

A promoção "O Gerente Endoidou" tem uma história inacreditável. Na realização do comercial a encenação foi tão realista, que os curiosos presentes à cena partiram para ajudar os "enfermeiros" a colocar a camisa-de-força no "gerente". Era perto da Praça do Ferreira e Jordão, o ator pernambucano do comercial, vendo a coisa ficar preta para o seu lado, conseguiu escapar e saiu correndo vestindo apenas um paletó curto e um imenso cuecão cenográfico branco de bolas verdes. No aperreio, o coitado correu em direção ao Centro da praça com a molecada toda correndo atrás aos gritos – *PEGA O DOIDO!!! – ATALHA ELE!!! – CUIDADO QUE ELE TÁ ESPUMANDO, DONA MARIA!!!* Este final propiciou uma realidade incrível à cena e motivo de mais de um mês de boas gargalhadas.

Tarcísio inventou o Pedro Cinemeiro e inventou, também, uma ida do dito Pedro ao Rio de Janeiro para parti-

cipar de um Festival de Cinema. Passagem só de ida. O Pedro foi com o peito, a coragem e uma vontade danada de cair no mundo e aprender. Ao perguntar – *TT, o que é que eu como?* Dizem que o TT respondeu – *Passa lá no Calabouço que tem comida.* Pedro foi se virou como pôde e não deve ter se arrependido da façanha até hoje.

Tarcísio não inventou, mas deu um realce de musa à doutora Esmeralda Carpinteiro, que fiscalizava as promoções do Romcy nos dias de sorteio dos Simca Chambord na televisão. Passava uma credibilidade invejável. Parece que estou vendo – *Estamos aqui, com a presença da Doutora Esmeraaalda Carpinteiro, para proceder a mais um sorteio de um belíííísimo Simca Chambord, um presente de Romcy para você que nos prestigia. Por gentileza, Doutora Esmeralda, queira retirar um cupom. Confere? Muito bem. O felizardo de hoje, deixe-me ver, é da Parquelândia...* Fazia suspense por mais alguns instantes e segurava o pico de uma audiência que nem piscava.

Outro que lembra a força do estímulo dado pelo Tarcísio Tavares é o Argemiro Holanda. O Argemiro foi eleito o segundo homem mais bonito do Brasil, perdendo para nada mais, nada menos do que Pedrinho Aguinaga, um tipo apolíneo de botar o Gianechini no chinelo. Argemiro era um tipo *mignon,* mas o TT providenciou pares de botas com salto que o tornavam um gigante. Estrondoso sucesso, de dar autógrafo, viajar, se apresentando e causar *frisson* nas mulheres, cheias de vontades represadas, quando ele chegava.

Observador nato, aos seus olhos não passava nada estapafúrdio que não fosse escancarado. A um banqueiro certa vez disse, ao ver que ele tingira os cabelos de um negro tal qual asas de uma graúna, em flagrante desacordo com a idade – *Meu caro, que cabeleira mais negra!!! Você*

não tem medo de levar uma chuva e ficar todo desbotado? E a um comendador, que perdia o fôlego mais não perdia a pose, logo após ele ter subido a escadaria da entrada do Náutico – *Comendador, vá pra casa que esta festa é muito puxada pra você.* Dizem os observadores que ele proferiu tal frase indo na direção do comendador com um sapateado descoordenado, pernas tremulantes e uma voz de chilique. É conhecer para crer.

Tarcísio inventou, também, de me chamar pra trabalhar com ele. Disse-me que no varejo precisava de olho vivo, ação, mordacidade, corpo a corpo com o povo e muita ralação. Disse-me categórico – *o trabalho pode ser chato, no geral, mas vez por outra o cliente se distrai e a gente cria umas coisas legais.* Dizem que ele popularizou o grito na TV. Mas na sua agência participei de milhares de comerciais para televisão, anúncios, spots, tablóides e folhetos e nunca precisei elevar o tom de voz. Foram muitas idéias boas, que vez por outra a gente reconhece uma em campanhas de agora.

Eu sei que o TT ganhou o primeiro prêmio internacional da propaganda cearense em Nova Iorque com um comercial para o Fogão Tropicana, da Esmaltec. Que ele sabe reconhecer um talento e sabe, antes de tudo, farejar um curioso, como ele costuma chamar os metidos a fazer tudo e que acabavam não sabendo fazer nada. Tem antipatias, simpatias, adoções e crias. Encaminhou muita gente e é um papo da melhor qualidade.

Do TT posso acrescentar que é um trabalhador, um grande trabalhador. É um dos donos de agência que eu já vi chegar mais cedo e sair mais tarde. Um RP nato, organizadíssimo. Um criador original. Entende de cinema. Da estética universal do ser humano, nunca me mostrou, empolgado, uma mulher que não fosse realmente bela como ele

dizia ser. Fã de Roberto Carlos e de Aspirina importada, as do Brasil, segundo ele, não funcionam. Um cidadão do mundo que gosta de viver, de olhar, de experimentar. Falo sem nenhuma rasgação de seda, mesmo porque ele não iria gostar. Nunca ouvi uma gabolice de sua boca, mas sim divertidíssimas histórias ao som de estrondosas gargalhadas. Um cara que ri da vida e se a situação não é risível, ele inventa. É típico do TT coisas como uma comemoração de Natal servindo na ceia lebres da Patagônia, num tempo que não tinha Mercosul, nem SEDEX 10. Mas isso é uma outra história, que o Xyco Theóphilo com certeza pode contar melhor do que eu.

CORDEIRO FILHO – NA CRISTA DO SUCESSO

Tarcísio Tavares é uma figura que sempre esteve na crista do sucesso. Pioneiro em tudo que se pode imaginar na vida. Imitado e nunca igualado profissionalmente. Os maiores publicitários do Ceará nasceram pelas mãos do Reitor da Propaganda do Ceará na Universidade Publicinorte. Inclusive eu que de gráfico me tornei publicitário e que até hoje vivo o estilo profissional do TT.

Um ser humano unânime, mas inteligente. Nunca praticou um ato de burrice, nem de revanchismo com ninguém, nem mesmo com muitos discípulos que aprontaram muito com ele. Sempre sobreviveu da sua capacidade criadora e um dos maiores criadores de "estalos" da publicidade brasileira. Os "estalos" dele sempre acabavam em grandes campanhas publicitárias para seus clientes. Um pedaço de papel e uma caneta eram seus amantes permanentes.Ele parava de dançar para anotar seus "estalos", "pére", dizia sempre para suas parceiras, vou

anotar aqui algumas idéias... Lembro-me muito bem do "ocapana e a abarana capando tudo", talvez uma das idéias que mais cresceu com o Grupo do empresário Assis Vieira. Nunca se vendeu tanto, como os clientes da época da Publicinorte. Romcy, Esmeralda, Mercantil e Lojas Couto, Crasa etc.

Foi no final da década de 60 quando conheci o Tarcísio Tavares, nosso grande TT, marca que até hoje os bons cearenses "tiram o chapéu" para o seu talento pela sua "cearensezada" cem por cento. Fui para Goiânia para trabalhar com o Pompílio Santos no Diário do Oeste. A revolução fechou o jornal e voltei para o Ceará. Passei pela Gazeta, como o Dorian Sampaio, Nordeste com o Assis Tavares quando me deparo com o TT. Você vai para O POVO!

Eu, gráfico e diagramador, chegado fugido de Goiânia em 64, recém-casado, Tarcísio Tavares liga para o Dr. Paulo Sarasate e me vende como o melhor diagramador do mundo. No mesmo dia sou chamado pelo mestre José Raimundo Costa que me contrata recomendado pelo ex-governador Paulo Sarasate.

Costa primeiro me joga nas oficinas para ser Paginador. Duas semanas depois já me passa para Chefe das Oficinas e, seguidamente, para a redação onde comecei na diagramação realizando uma grande transformação gráfica no vespertino O POVO.

Tarcísio vivia o seu grande auge no Ceará, o único publicitário dublê de humorista, (que os arquivos históricos da TV Tupi sejam consultados) mostra o seu talento abrindo caminhos para muitos outros cearenses como Aderbal Júnior. Tarcísio tinha prestígio com portas abertas do Palácio dos Leões ao Paço Municipal... Seu pedido era uma ordem.

Quando entrei no O POVO eu fiquei muito grato ao TT. Como o jornal era na Senador Pompeu e a Publicinorte na Liberato Barroso, comecei a dar horários para o Tarcísio lhe prestando serviços. Aproveitava as folgas para fazer as tipologias de suas peças publicitárias. Aí nos tornamos grandes amigos como do Maninho e Estácio Brígido e do Mariozinho Monteiro, que virou até grife nas mãos de TT. Nunca se vendeu tanto com a grife MM. As meninas faziam filas nas Ocapanas e Abaranas para adquirir as peças MM. O Tarcísio fazia até chover no Ceará com o João Ramos detonando as nuvens para aliviar a seca cearense.

Daí inicia uma grande etapa da minha vida na "socialite suburbana", como diria o TT "agora vamos para o subúrbio da vida", "pére, pére, pére!!!", era o chavão do TT.

Na época, existia o IRALBE, (IRAN BENEVIDES) do colunismo social do subúrbio da vida, Stênio Azevedo com suas Misses Ceará etc... Seu TT me deu tanta corda que eu mesmo diagramei a coluna "Sociedade Suburbana" no jornal O POVO foi inserida sem autorização da diretoria até quando estive por lá e nunca ninguém me perguntou "quem autorizou a coluna"... Nem mesmo o J. C. Alencar Araripe que era o todo-poderoso. Mas sabem por quê, a venda do jornal aumentava sempre quando a coluna saía. Daí pra frente, o leitor já habituado, era a coluna que mais recebia correspondências, convites, já comportava sua inserção diária como aconteceu.

Com o sucesso, Tarcísio, Maninho, Mariozinho Monteiro, Ezaclir Aragão, Edmundo Vitoriano, Narcélio Lima Verde, Paulo Lima Verde, Sidrack Silva, Baman Vieira, Peter Soares, Almino Menezes, (sempre de Vespa com o José Emetério), o próprio Irapuan Lima, eram as

figuras mais freqüentes pelos subúrbios da vida, o metro quadrado mais feminino do Ceará.

Nós fizemos muitas promoções. De preferência no Carlito Pamplona, onde o TT e o MM não perdiam uma festa e se perdiam no meio do salão para que ninguém os observassem dançando agarradinho, sempre no escurinho com luz de boate e só reapareciam nas horas dos intervalos das bandas.

Seu TT botou na minha cabeça para fazer a FESTA MALUCA com 10 bandas.Criamos o FESTIVAL DA BOSSA-NOVA e cada orquestra só podia tocar 3 horas, para que o júri pudesse escolher aquela banda que colocasse mais gente na quadra dançante... Não deu outra: a festa começou na sexta-feira à noite e só terminou no domingo de madrugada, ao amanhecer. As bandas não se conformavam em tocar só 3 horas, queriam mais. Eu só sei que foram 50 horas de festa direto. No final das 50 horas, de tanta dança-agarradinha, era uma onda escorregadia no meio do salão, o ponto de concentração dos casais que não podiam ser vistos...

Há tempo bom, o de ser companheiro de Tarcísio. A gente ganhava Ibope. Ele era disputado para comparecer aos bailes suburbanos. Nós saíamos no seu carro Simca Chambord com o seu Barrica ao volante e fazíamos a peregrinação suburbana nas quartas, sextas, sábados e nas vesperais e tertúlias no domingo. No SECAI, Tarcísio era tratado como um Rei pela Tia Lalinha, Deusdetiza e Francinete. Festa sem TT, MM e CF não era festa. Era ele que era chamado pela Tia Lalinha para medir os quadris, etc e tal das misses. Era ele quem "aprovava" as pré-candidatas. A Banda parava para nos anunciar. Da mesma forma no Santa Cruz, do Raimundo Saraiva, o "vermelhinho" apelidado pelo TT que batizou o Saraiva

para sempre. No Tiro e Linha, no Vila União do Xavier, no Romeu Martins, no Tiradentes, no Waldemar Falcão, do Dutra, no Carlito Pamplona, do Lucio e Juca e muitos outros, que faziam questão da presença do TT.

TT era o homem da alta e do subúrbio. Não tinha duas personalidades na sociedade.Tinha muita generosidade tanto numa como na outra. É um homem que sabe aproveitar a vida como ninguém. O tempo passa, mas o TT continua sabendo viver os seus momentos, sendo o mesmo TT de sempre. É o nosso playboy de todas as décadas, sem distinção social.

O tempo nos separou. MM para Bahia e eu para o Maranhão, mas os laços de admiração por tudo que ele me representou ficaram indeléveis na minha memória pela força que ele me deu na minha vida profissional.

DIMAS MACEDO – T(ê)T(ê) PARA PRINCIPIANTES

Falar sobre um mito é a maior de as formas de revelação. Refiro-me não à decifração daquele sobre quem escrevemos, mas à exposição pessoal a que somos levados, às vezes contra a nossa vontade. O mito se projeta de tal forma no nosso inconsciente e no nosso imaginário, que se incorpora sem querer em nossa norma de vida.

Aliás, como já afirmou Fernando Pessoa, "o mito é o nada que é tudo". Não sabemos porque o admiramos. Não temos consciência por que o amamos com uma forma e um carinho sempre renovados.

Lustosa da Costa quer saber por que tenho tanto entusiasmo por Tarcísio Tavares e por que eu o coloco sempre na lista dos meus entes queridos. Torna-se difícil responder a essa pergunta do Lustosa. Além de ser ele um

mito que, desde cedo, aprendi a admirar, trata-se de um ser humano que cultiva alguns valores que muito me são caros.

O amor à vida e a integridade do caráter me parecem ser os atributos maiores da sua personalidade retilínea. Tarcísio é possuidor de uma alma de poeta, mas não é um poeta deslumbrado. Sabe os prazeres e os encantos da vida a partir da sua objetividade e dos seus conflitos, mas é firme na conquista madura dos seus ideais.

Nos meios midiáticos, é reverenciado como um príncipe da publicidade, mas não é do publicitário Tarcísio Tavares que pretendo tratar neste texto. Prefiro o homem Tarcísio e a sua indiscutível faceta de colecionador de imagens femininas, no sentido de guardar das mulheres a beleza e a elegância com que revestem sua alma diante da feiúra do mundo.

Tarcísio é um príncipe (e um douto) na arte do sentir e do dizer os mistérios e prazeres do corpo e da alma feminina. É, nessa área, o meu professor e o meu mestre. Não sei namorar como ele, não sei a arte da conquista de mulheres como ele, mas sei que com ele aprendi um pouco mais sobre o universo no qual as mulheres costumam navegar.

Além de poeta da alma e de príncipe na arte de celebrar a vida, Tarcísio Tavares é um esteta de marca maior. Sabe ver o infinito e a beleza das coisas pelo ponto de vista da sua sedução prazerosa. E para isso ele nunca mede palavras, nem atitudes. Não tem condescendência para com a aspereza e a violência. Não suporta rodeios nem retóricas de nenhuma espécie. Costuma dizer que os discursos devem ser curtos como as minissaias e que as cerimônias, quando necessárias, dispensam os tratamentos palavrosos.

A leveza, de que nos fala Ítalo Calvino, nas suas *Seis Propostas Para o Próximo Milênio*, se ajusta em Tarcísio como uma luva muito perfeita. A síntese e a celeridade também. A única coisa que Tarcísio não suporta fazer de afogadilho é viver e celebrar a vida.

A mesa farta (e leve), as boas amizades, a responsabilidade para com a vida profissional, o trato maduro das questões do afeto, o cuidado sincero para com os artefatos da arte, as convicções políticas no sentido da igualdade e do humanismo, fazem de Tarcísio Tavares um dos melhores interlocutores com quem podemos conversar com elegância e com segurança também.

Creio que não preciso dizer que admiro Tarcísio Tavares como a bem poucas parcerias e amizades com as quais dialogo e às quais recorro na minha urgente e permanente ânsia de viver.

Tenho certeza que a homenagem do Lustosa é inferior à personalidade do Tarcísio, porque um mito, como já se disse, nunca se decifra e nunca se revela por inteiro. Aposto também que nenhum de seus amigos, reunidos neste livro, saberá dizer melhor de Tarcísio Tavares do que ele próprio, isto é, do que o seu sorriso, o seu talento de poeta e a sua personalidade sutil e fascinante.

FERNANDA QUINDERÉ – TARCÍSIO, UM HOMEM SEM IDADE

O Tarcísio Tavares é um homem sem idade. Desconfio que o conheci há dez mil anos atrás e, quando penso na imensidão desse tempo encho-me de emoção para dizer que trago nos olhos molhados, a imagem que nada mudou, mesmo andando por caminhos diferentes, vezes cruzados.

Sua cabeleira que a neve do tempo marcou, esconde-se nos becos disfarçados de sua indefectível boina. Se ele é careca, não sei, mas sei dizer que é dos carecas que elas gostam mais.

Doce é sonhar e pensar que o Tarcísio gosta de mim como eu gosto dele. Como gosta do Orlando e do Anísio Silva e do tempo dos lupanares da Barão do Rio Branco. Diz o povo que devemos desconfiar daqueles que têm seus incisivos separados. Dando asas à imaginação da crendice popular, confesso que desconfio do Tarcísio, sim.

Há nele um quê de mistério no seu olhar desviado, no piscar de seus olhos de voyeur legitimado. Chega a ser desconcertante a nobreza e a brancura de sua pele louçã, tatuada de máculas piedosas. Ainda bem porque seus pecados tornam-se mais azuis.

Sua gargalhada é o grito de liberdade que sempre o acompanha na hora da pressa. Humor, atenção, liberdade e resistência, eis o TT. Liberdade é como se fosse o seu ectoplasma. Exala-o purificando sua sintonia com o amanhã. Criador do Cinema de Arte em Fortaleza, instalou, nos anos 60, a moda de exibir filmes especiais no Cine Familiar. E, assim, tornou-se familiar como se mostra até hoje ao lado de sua Marcília.

Tarcísio deu passos a favor do teatro cearense. Produziu "Liberdade, Liberdade". Tomou gosto pelo sucesso e ainda corre atrás dele. Vivíamos os anos de repressão (1965). Ao lado de Aderbal Freire Filho, conseguiu lotar durante três meses o Theatro José de Alencar.

O sucesso foi tamanho que a polícia quis saber o porquê. Acabou fichado e sem grana. Pobre Menino Rico de ilusão à toa. Quem é esse homem que não usa celular, não gosta de dirigir e que do meio-dia às duas da tarde não atende telefone? Quem é esse homem que justifica

as gafes dos amigos dizendo que tudo não passou de uma gaiatice. Quem é esse resistente homem da comunicação que ainda freqüenta a Praça do Ferreira, que é despojado, que exalta a paixão, que é sério, trabalhador, e que revela pensamentos a meu respeito como ninguém ousou revelar?

Quero dizer, que se existe alguém que é a cara do Ceará, esse alguém se chama Tarcísio Tavares.

E reafirmo que os dentinhos separados que lhe ornam a boca são misteriosamente adoráveis para sustentar segredos jornalísticos que correm de boca em boca sem o charme da sua. Evoé Tarcísios a vir!

FERNANDO COSTA – AO MESTRE COM CARINHO

O que se pode escrever sobre um homem que está vivo, vivíssimo, andando por aí.

Que pode ser visto em duas dimensões na TV, ou em 3D espalhando frases e contando histórias.

Ele é um camaleão, um sedutor fiel, um polêmico leal. Um homem que se pode dizer tudo ou simplesmente fazer silêncio diante dele. Tarcísio Tavares, o homem, a lenda, um personagem do seu tempo e de sua cidade.

A minha primeira vez com o Tarcísio, a quem chamo Mestre, foi através da tela de uma TV Telefunken, preto e Branco, lá pelos anos 1970. Minha mãe, dona Rita, comentou: "Olha Magella (meu pai), o Tarcísio na televisão". Depois ela me disse que o Tarcísio Tavares era ex-marido de uma prima dela.

E desde aquele dia ele ficou assim como meu meio parente. Décadas depois me tornaram publicitário e eu acabei encontrando o cara da televisão, que tirava e colocava um par de óculos numa propaganda da ótica Cruz de Ouro.

Por todas as agências de propaganda que eu passava, sempre tinha alguém que havia trabalhado com o TT e tinha não uma, mas uma penca de histórias para contar sobre o nosso personagem. Histórias hilárias, brilhantes, geniais, nunca tristes, nunca arrogantes.

Não conheço uma pessoa que tenha trabalhado com o Tarcísio Tavares que conte uma briga ou uma discussão mais acirrada que tenha tido com ele. Ele, o cavalheiro da elegante figura. Um cara que vez por outra anda um passo ou dois adiante do seu tempo.

Lembro e nunca esqueço, que no início de 1980, quando ninguém por essas terras onde uma parte da elite é agrária e a outra só lê talão de cheque, ele já pregava que toda empresa devia ter responsabilidade social. Mas minha primeira vez real com o Mestre Tarcísio ocorreu no centro histórico e degradado dessa Fortaleza de Nossa Senhora de Assumpção.

Estávamos na Catedral Metropolitana de Fortaleza, na missa comemorativa dos sessenta anos do jornal O Povo, fazia um calor dos diabos, era janeiro. Deixamos o Monsenhor André Camurça a rezar por todos nós e fomos, Tarcísio, Norton Lima Júnior, Cláudio Cabral e eu rumo ao Bar e Restaurante Belas Artes que funcionava à época nas imediações do Praça dos Leões.

Diante da mesa, um velho e honesto Teacher's, e uma noite inteira pela frente.

Dom Tarcísio Tavares celebrou, como costuma fazer, um culto à vida.

Não lembro, nem poderia, sobre especificamente o que conversamos naquela noite.

Mas não esqueço que tive, durante o tempo em que durou aquela garrafa de uísque, a companhia de um homem que sabe como poucos que a vida é pra viver, a vida é pra levar como disse o velho Vinícius: Tarcísio, Saravá.

FROTA NETO – TARCÍSIO TAVARES – O AGITADOR CULTURAL

Hoje me parece que o conheci sempre.

Eu nem bem sei quando conheci Tarcísio Tavares. Sei que foi o ver dele de Fortaleza que marcou o percurso de muitos da minha geração.

Ainda *foca* no rádio e no jornal – lá se vão uns mais de quarenta anos – e já escutava, e aplaudia, seu *canto de guerra* como o *TT das Madrugadas*.

Falo aqui de um que conheço, como se só um que conheci porque, maldade do destino e das sagas individuais, eu não mais estando aí para me atribuir o poder conjugar os verbos todos no tempo presente.

Fortaleza ainda de inibida pudicícia, retraída, acalentada no seu aldeamento, umbigo centrado na Praça do Ferreira onde se conheciam e se sabiam todos os que – e no que – falavam e escutavam. Mas o cinto de asteróides de *TT* era bem mais amplo. Era o de todas as rodas, de todas as redações magnetizadas pelo seu talento criativo, pela sua índole peralta, pelo seu eletrizante humor, pelo seu espírito de solidária.

Parece até o lapidar ao seu ingresso nos setenta anos. Mas que nada. Epifania dele, TT, e de todos nós que nos privilegiamos dele privar nesse estirão dos tempos como uma informal corte.

Era sua a mágica de encontrar frestas novas para ventilar os tempos duros que a gente ia enfrentando, seu jeito de rir ironizando com suaves galhofas o que carimbado com o de quem fosse que não sendo querendo ser, com o seu "...O*ra, ora...*" frisado num gesto de abrir os braços como a dilapidar muxoxos.

Tarcísio Tavares é parte dessa Fortaleza que pertence à sua geração em cada um de nós.

O que é feito em Fortaleza nesse quase último meio século que não tendo a sua verve, a acuidade, o traçar de epígrafe de *TT*?

Ele é, em nós também, o tempo. O Presente, soma de passados.

Não sendo da tradicional boêmia de mesa e nem de muito virar a primeira bateria, mas do papo do brincar, o divertir-se, a *joie de vivre*. O de flanar. E neles todos, a fidalguia.

E sua trajetória. No Rádio, criador e modelador de programas. E como publicista não se escreverá a História da publicidade no Ceará sem um capítulo precioso e básico que tendo é a participação de Tarcísio Tavares. Da Publicinorte. No fazer, com Dudu Brígido e Glicineide Sales. E na ponta de usuário, Assis Vieira Filho. Da Mcann Erickson – Airton Rocha, e, ainda gurizando, Rubens Frota.

Do fôlego dado por José Dias Macedo, no patrocínio só não – o mecenas de *Perfil da Cidade*: uma seletiva caravana da melhor estirpe: Lustosa da Costa, Lúcio Brasileiro, Guilherme Neto, Giácomo Mastroianni, Magola Martins, Mino – e aqui, na TV Ceará, Canal 2, me intrometendo porque vaidade e orgulho de haver dela participado e a esse momento pertencido. Esses os tempos das greves estudantis de ônibus, de boas saudades, de ainda quando ler Jorge Amado era *ideologicamente perigoso*.

Na amizade dele e de Marcília – de que paradigmas Ionete / Hans, Sulamita / Arialdo Pinho.

Mas é na armação do agito cultural em toda a dimensão – precursor talvez desse aldeamento global – que mais Fortaleza tem Tarcísio Tavares. Quer testemunha? Há tantos que não falta, mas pergunte a um só que biografia dele nessa órbita bem poderia ser de autoria de Gervásio de Paula.

TT das Madrugadas só não era. Era dele a ambiência em todas as 24 horas.

Se não botava ele mesmo, sabia todos os apelidos, alcunhas com que as gentes, tipológicas criações suas, pelo que sendo parecendo, em protótipos, etiquetadas. Criador de tipos – galãs e intelectuais, duas incidências. Tipos que estão eles todos a permanentemente desfilarem na memória dos contemporâneos – quer ver pergunte aos quem tão bem registram esses tempos – Guto, Wilson Ibiapina e Inácio de Almeida.

Cordeiro Filho, o repórter – colunista dos subúrbios numa fase que Fortaleza tinha vida autônoma e própria em seus bairros – Tiro e Linha, um exemplo.

Mariozinho Monteiro, no imitar o Sul Maravilha, dos clubes dos cafajestes abrigados por Ibrahim Sued, e que depois emissário para Salvador Bahia. Tinha camiseta, tinha que andar, falar, se vestir, posturar, e se arriscasse no modelo pensar pelo *script*. Tempos de Carlos Medeiros. Tempos de Klinger Mota e Dilcimar Oliveira – essas figurações já mitológicas, criações coletivas de Chiquita Gurgel, Milton Dias, Coronel Emílio Bulamarqui, e porque não dizer, como enfatizando Narcélio Limaverde e Ciro Saraiva, o selo de produto autêntico para o sair da forma de *TT das Madrugadas*.

Marcante aos que no lado das minhas fronteiras, o Agitador Cultural.

Suas estórias, que fazia e do que fazia fazer, iam de redação em redação que eram as academias e os núcleos intelectuais de Fortaleza daquelas décadas. E, em anexo o Clube de Cinema, que tanto apoio tendo dos 16mm de Luiz Arraes, e em que se apontando toda uma geração de cinéfilos – Darci Costa, e críticos cinematográficos, Miranda Leão, o Sampaio (Aramis Arão) que a não ser bem do nú-

cleo, abrigou espaço para Pedro Martins, tão bem batizado por *TT* como o símbolo maior de o *Cinemeiro*.

Ah! Como da *moda* de então – e a *mensagem* do aqui contado? Cadê a *mensagem*? Então, tá bom – é porque na Fortaleza do meu Ceará contemporâneo houve tanto de acontecer e de gente que mesmo quando não quero me assisto em nostalgia, e em de saudade e de amor que não mais sabendo se ainda a me ser permitido sentir.

E o que e do que Tarcísio Tavares – o TT das Madrugadas – deixou de fazer, de aprontar na Fortaleza do meu tempo bem os deuses velem para que, nessa data dos setenta de TT tempo tenha de nos presentear com mais fatias do que tendo sido e a continuar sendo.

GERVÁSIO DE PAULA – O TT QUE CONHEÇO

Recebi a difícil tarefa de participar de um livro que o jornalista Lustosa da Costa está lapidando sobre o homem de publicidade, de rádio, de jornal e de TV, Tarcísio Tavares, com algumas informações sobre esse polêmico agitador cultural.

Difícil, pelo fato de Tarcísio ser meu amigo desde os fins da década de 50, quando o conheci na residência de seu primo, o corretor de imóveis Zezito Tavares, à Rua Belo Horizonte, no Pici, na casa onde hoje é a sede do Fortaleza Esporte Clube. Perto de onde meu pai tinha uma bodega. Fiz amizade com os filhos do Zezito e passei a freqüentar com regalias a sua casa, estudando e praticando esportes com o Alexandre – depois dono da Engemóveis – Nelson, funcionário da Casa da Moeda. E, Regina, funcionária do Ministério dos Transportes. Depois o Zezito vendeu a casa ao Fortaleza, sob a condição de que o avalista – a transação foi em prestações – fosse o salineiro Otoni Diniz.

E, como estava dizendo, falar de amigo de público é difícil, principalmente para quem, como eu, adota a filosofia do ex-Ministro Oswaldo Aranha -"os amigos não têm defeitos. Os inimigos que não os têm, bota-se".

Mesmo assim, arrisco-me a escrever algumas linhas que servirão, sem dúvida, para os leitores do Lustosa fazer uma avaliação mais criteriosa do personagem.

Uma das inúmeras e complexas características de TT – se boa ou não para a sociedade brasileira na atualidade – é ser um estivador em tudo que se mete a fazer. Se o dia tivesse cem horas ele trabalharia cem horas. Não tem tempo certo para se alimentar. Mergulha nas tarefas assumidas e só faz uma pausa para descansar quando o organismo cobra com mais rigor ou o trabalho foi concluído.

Outra característica do TT. Não trabalha sozinho, envolto ao manto egoísta da solidão. Sempre tem ao seu lado um auxiliar, uma assessora, uma pessoa com quem possa, por mais modesta que seja, trocar idéias, pedir sugestões, compartilhar de suas produções. Demonstra, com isso, querer socializar as suas responsabilidades produtivas e seus conhecimentos, embora assuma sozinho os equívocos que porventura depois identifique.

Tarcísio é ainda um apaixonado por leitura. Lê tudo que lhe cai às mãos. Porém, só memoriza aquilo que lhe possa ser útil no dia-a-dia da publicidade, sua cachaça, sua profissão.

Como amante da música e apaixonado por todas as mulheres, teve seus momentos de trocar a noite pelo dia, vindo daí o carinhoso tratamento que lhe foi tatuado pelos amigos de "TT das madrugadas".

Em passado recente – década de 50 – quando Fortaleza ainda era pacata, não se constituindo nenhuma amea-

ça andar a pé – como fiz muito – por suas ruas a alta hora da noite ou colocar à tardinha as cadeiras na calçada para trocar lorotas, Tarcísio reunia os amigos – naturalmente com alguns músicos – para fazer serenata às janelas das mulheres que sonhava amá-las.

A Praça do Ferreira – principalmente o inesquecível Abrigo Central ou os bancos em torno da Coluna da Hora – era o local escolhido para se reunir com os amigos notívagos, para discutirem cinema, literatura, teatro, política e até traçar regras solucionadoras dos problemas do mundo. Lembro-me do nome de alguns desses madrugadores; Inácio de Almeida, Augusto Ponte, Carlos Paiva, B. de Paiva, Aloísio Medeiros, João Falcão, Jesus Cintra, Roberto Riquet, Arnon Riquet, Gabriel Jardim, Manuel Aguiar de Arruda, Manuel Coelho Raposo e etc.

À proporção em que Fortaleza foi crescendo populacionalmente os adolescentes de 50 se tornaram maduros e a vida passou a exigir-lhe mais disciplina nos locais de trabalho, no ritmo de sobrevivência. Os mais privilegiados foram optando por cursos superiores ou concursos para empregos públicos com saudosos bons salários – como, por exemplo, para o Fisco Municipal, Estadual ou Federal; para o Banco do Brasil e para os Correios. Havia aqueles que escolheram a carreira militar. Eclesiástica, talvez nenhum.

Na década de 60 já existia uma elite universitária e secundarista que ia às ruas lutar por um Brasil melhor para os socialmente menos favorecidos. Lá estava Tarcísio Tavares dando a sua contribuição a essas idéias reivindicatórias, como colunista de cinema do jornal O DEMOCRATA, do Partido Comunista Brasileiro (Partidão). Simultaneamente estudava propaganda e publicidade como um autodidata. Tornou-se o verdadeiro

homem de publicidade depois de algumas passagens pelo campo das artes cênicas.

Montou agência de publicidade, a Publicinorte – no Edifício Triunfo, à Rua Liberato Barroso – uma das mais conceituadas da cidade na época, juntamente, com a Scala, do jornalista Barroso Damasceno. Estimulou a efervescência dos clubes sociais suburbanos, de onde saíram concursos de misses e crônica carnavalesca.

Foi executivo de publicidade e propaganda de grandes agências nacionais e internacionais, em Fortaleza, como a Norton e a Mcann Ericksson. Ainda hoje é animador cultural como jurado nos programas de auditório da TV Diário, por lazer, depois de seus afazeres de diretor de marketing e propaganda do grupo OBOÉ. É um homem inquieto e rico de bom humor e de alegria. E, acima de tudo, leal aos amigos.

Esse é o TT que conheço.

GILMAR DE CARVALHO – BRIEFING PARA UM TEXTO SOBRE TARCÍSIO TAVARES

Impossível pesquisar a publicidade cearense sem incorporar o bom humor e as trapalhadas de Tarcísio Tavares.

Colunista ("Publicidade e Investimentos") da extinta Gazeta de Notícias (1922/ 1972), incentivou o mercado, então muito arredio, e acreditou, desde sempre, na viabilidade de uma emissora de televisão no Ceará. Na pioneira TV Ceará, emissora dos "Diários Associados", de Assis Chateaubriand, inaugurada em 1960, dividiu, com Lúcio Brasileiro e Lustosa da Costa, a apresentação de "Eles Fazem a Cidade", em 1963, "realização", como se dizia à época, de Gonzaga Vasconcelos.

O executivo da MacCann não teve alternativa quando a multinacional passou a desprezar as contas locais, por considerá-las pequenas ou pouco significativas para sua carteira, senão fundar a Publicinorte, em abril de 1964.

A parceria com o maior corretor de anúncios cearense, o lendário "seu" Dudu (Eduardo Brígido Monteiro) e seu filho Maninho Brígido, deu à nova agência, – pode-se pensar como a primeira constituída em bases profissionais-, o suporte e a credibilidade necessários naquele momento de afirmação do negócio publicitário cearense, onde havia o predomínio da Ilka, a presença da VPI e a tentativa de organização a partir de outros corretores e de profissionais da nova mídia.

Retrocedendo no tempo, vamos chegar aos anos 50, quando o rádio ganhou impulso, com a inauguração da "Verdinha" (1956), Uirapuru (1956) e Dragão do Mar (1958). A Tribuna do Ceará (1957) e a efêmera trajetória de O Jornal (nove meses entre 1958 e 1959) sacudiram a mídia impressa.

Em 1960, a inauguração da TV Ceará exigiu da publicidade que se fazia aqui novos procedimentos, respostas mais ágeis, e uma adequação às tecnologias.

A televisão veio reforçar o processo de implantação da chamada Indústria Cultural entre nós que começa, a rigor, com a criação do Banco do Nordeste do Brasil, em 1952; a fundação da Universidade do Ceará, em 1954; e a constituição da Sudene, em 1959, três agências de desenvolvimento.

Tarcísio Tavares estava no centro deste redemoinho, com sua preferência pelo varejo (Ocapana, King Jóia, Casa Parente, Carvalho & Borges, Romcy), sem desprezar o filão da indústria (Romac, Cervejaria Astra, Fábrica Fortaleza).

A Publicinorte contribuiu para a adoção do humor e a criação de "factóides", que animavam a vida de uma cidade ainda mais provinciana, que insistia nas cadeiras nas calçadas e adorava falar mal da vida alheia.

Fizeram história alguns "slogans" e campanhas. Ocapana tornou-se referência de moda jovem, do que se convencionou chamar hoje, vagamente, de "atitude".

Romcy era sinônimo de supermercados, quando o auto-serviço ainda não se implantara de vez, bem longe da competitividade das multinacionais (Pão de Açúcar / Casino, Carrefour e Wal-Mart) que dominam o setor.

E quem pode esquecer a figura de Toinho (o apresentador Antonio Mendes) segurando uma galinha morta, como metáfora dos preços baixos da rede ("barato todo dia")?

Toinho talvez tenha sido o grande momento de Tarcísio Tavares. Ele captou o jeito "despachado", misto de bodegueiro e ator de teatro mambembe, e fez dele a referência de uma publicidade que se esforçava para fugir ao padrão hegemônico.

Ele entrava em nossas casas parodiando cenas dos programas onde o intervalo do seu comercial estava inserido e tinha a nossa cara e nosso sotaque, sem vergonha de ser ou parecer cearense. TT também foi "garoto propaganda", com seus óculos que colocava e retirava diante das câmeras, à maneira de Flávio Cavalcanti, fazendo pose com seu ar "blasé".

Lojas Couto eram "cinco lojas e um só preço" e sua marquise (como muito depois fez a banda U2) era palco para "shows" da jovem-guarda, a açucarada diluição do rock brasileiro. As fãs (estimadas em dez mil pessoas) ameaçavam rasgar a roupa de Mariozinho Monteiro, que não era ator, cantor, ou apresentador, mas o "Mariozinho das moças", mais uma criação de TT.

No "TV Juventude", com apresentação de Paulo Limaverde, as presenças de Gustavinho Silva, Toy Albuquerque e Guto Benevides cantando "Quero que vá tudo para o inferno", de Roberto Carlos, ameaçado por um demônio com um tridente. Sua participação, nos bastidores, sacudia o marasmo e contribuía para a revolução comportamental dos anos 60, com a posterior decolagem do "Pessoal do Ceará".

Na Esmeralda, "o gerente endoidou e o preço baixou" e o pobre do gerente "plantava bananeira", fazia "mungangas" e era, quase sempre, capturado por enfermeiros, e dominado por uma camisa-de-força, ao som de sirenas de ambulâncias.

Endoidou porque vendia baixo? Ou vendia barato porque era doido? Até hoje não se sabe...

A lição dos pioneiros parece ter sido esquecida por uma publicidade que faz questão de ser cosmopolita, e de perder de vista a indigência de nosso mercado.

Ridículo imaginar publicitários, aprisionados em seus "bunkers", que se recusam a sentir o cheiro, ouvir a fala ou sacar o gosto do povo.

É pouco fazer publicidade para o lado que conta e consome e TT tinha a exata dimensão de uma "cidade-cafuçu", adotando o pregão do ambulante com o formato / acabamento que os meios de comunicação exigiam.

Muita coisa não resiste hoje, como a insistência no 30/60/90, pressupondo que o consumidor seja deficiente visual, auditivo ou imbecil; com jingles "infantis" redundantes e desagradáveis, e com a prevalência do grito. Pode-se partir do pregão popular para atualizá-lo. Do jeito como vem sendo feito, na maioria das vezes, é mais sincero ouvi-lo no Beco da Poeira (feira de ambulantes no Centro da cidade que fatura mais que muitos "shoppings centers").

Sua ligação com o teatro começou, como ator, como disse Marcelo Costa, em peças de "fundo de quintal", depois participou de grupos amadores, produziu o referencial "Liberdade, Liberdade", peça / manifesto contra a ditadura militar (1967) e patrocinou a vinda para o palco do Theatro José de Alencar de espetáculos de Glauce Rocha, Paulo Autran e Cleide Yáconis, dentre outros.

Recebia em torno de jovens artistas plásticos (Carlinhos Moraes) e, guardadas as proporções, foi mais um "herói-civilizador" de Fortaleza (como Sandra Gentil, por exemplo).

Tarcísio Tavares também merece ser lembrado porque debochava dos novos-ricos da cidade quando freqüentava clubes suburbanos, como a Sociedade Esportiva e Cultural Arco-Íris, SECAI, que nos deu como "miss" Edilma Serejo, ou quando "plantava" nas colunas que só bebia água Perrier, consumia produtos importados e mandava buscar lebres para servir como peça de resistência de seus jantares, muito festivos, quando meia Fortaleza passava por seu salão.

Foi lá, em 1973, que Ângela Borges aportou pelo Ceará. Marcília pontificava com seu "chá / biriba" reunindo as amigas, "socialites" de então, vestindo criações de Cabeto, parte do PIB da cidade, que mudou muito de lá pra cá.

A Aldeota que esvaziava o Centro da cidade (o "Center Um" é de 1974) ficou pequena para ele que, antevendo o crescimento de Fortaleza para o leste, se mudou para a proximidade das Seis Bocas, Cidade dos Funcionários, que uma agência concorrente insistia em chamar de "Aldeota Sul", morando numa casa projetada por Pedro Rossi / Sergei de Castro.

Formou a geração da "publicidade de resultados", abrindo mão de prêmios ou de campanhas mais criativas ou elaboradas. Boa parte dos empresários ainda em atividade passou pela Publicinorte e Assis Santos foi sua "cria" mais bem-sucedida.

Outros profissionais também trabalharam ou fizeram "frilas" para Tarcísio Tavares, como Eduardo Odécio, Evandro Abreu e Paulo Linhares, contratado em novembro de 1977, mesmo dia em que a Scala denunciava que, de acordo com a revista paulista "Marketing", o prêmio internacional ganho pela Publicinorte para os fogões Tropicana fora produzido pela J.W. Thompson, com direito a desmentido, com provas, do próprio Tarcísio Tavares.

Veio a adoção de referenciais da cultura cearense, com a Scala, Terraço e Mark, ganhando prêmios, forçando um salto de qualidade, mas TT continuou fiel ao seu estilo. Faro empresarial? Sintonia com as expectativas de seus clientes ou com seu jeito irreverente de ser?

Sem dúvidas, Tarcísio Tavares entrou pela porta da frente da publicidade cearense e contribuiu para a crônica artística e mundana da cidade. Difícil imaginar algo de importante nos últimos quarenta anos de Fortaleza que não tenha sua marca.

Como a maior parte dos virginianos, sabe ser, paradoxalmente, espalhafatoso e tímido (parafraseando Caetano Veloso) e muitas vezes prefere não aparecer e ser "ghost" de muita coisa (algumas não tão boas) que são feitas ou publicadas aqui. Mas TT está no batente, na ativa, bastante vigoroso, e pode mudar muito do que tem sido escrito sobre ele e nesse ponto ele é sempre surpreendente. Um dia, ainda escreverei mais sobre essa personagem desafiadora e imprevisível.

GLICINEIDE SALES - PERSONAGEM DE RICAS EXPERIÊNCIAS

TT é mais do que uma realidade espaço-temporal na vida de muita gente que passou pela Publicinorte e pela Propaganda cearense, nos idos de sessenta, setenta, oitenta e novo milênio. Sua vida e suas estórias vivenciais significam uma tradução de fino humor de quantos se debruçam sobre ele; para uns um tipo, um figuraço, para todos uma lembrança sempre muito alegre qualquer que fosse a pior dor. Onde seria que TT arranjava tanto gás e tanta verve para inserir todas as épocas e substâncias em qualquer estória, ou na vida de um personagem que passava por ele. São registros bastante contemporâneos entre si porque as suas respectivas existências não se confundem com o tempo cronológico, sendo antes, expressões sacadas do instantâneo cotidiano, conferidas a deslizes de falas, presenças, informações. Noutros isso nenhum significado teria, mas com TT a vida é para ser gozada, escancarada, brindada com gargalhadas escutadas à distância. Um prédio todo sorria com as gargalhadas sonoras e o eco das observações de Tarcísio Tavares.

Passei pela mão do TT de 1964 a 1974

O Ceará, o Nordeste e o País não poderiam ter um personagem tão vivo, e, de tantas ricas experiências. Seu espaço de manifestações, que se presta às revelações e exclamos de uma geração, revela-se no sentido mais forte que qualquer escritor tenha emprestado à literatura, às artes, à comunicação, à publicidade. Tantas passagens praticadas por participações tão geniais, enfaticamente mergulhados na matéria e na arte gozativa dele. Pareceu-me, então, que o TT resulta da produção exclusiva de terceiros, ele precisava

que aparecesse alguém nas manhãs, nas tardes e na noite para completar o seu dia. Se não tinha ele partia aos berros TRAAAGAAAAA... Vá já BUUUUSCCCCAR que quero ver, ao vivo e a cores, que nem a televisão. E isso porque TT ainda foi da geração de TV preto e branco. Dizia preto no branco ou branco no preto só na senzala.

De seu vasto quadro de referências para gozar da situação mesmo sem pensar em qualquer conseqüência TT, seus intérpretes e o que resultou dessas formas de interpretação. Narro com o espírito de uma lembrança muito saudável que os tempos não trazem jamais.

Com base nessas afirmações preliminares, creio ser relevante apresentar Tarcísio Tavares como um *bon vivant,* no melhor sentido europeu; um desses personagens geniais da terrinha que, embora mencionado em todas essas estórias, é protagonista e autor. Qualquer um gostaria de se alinhar, mas o pertencimento de TT ofuscaria singelas considerações, ainda que colhidas ao sabor da memória de muitos.

Dada a disparidade das disparatadas estórias objetos da vida alegre do nosso observado, de seus estilos de cinema, de seus recursos espirituais e de sua firme intelectualidade (sim TT era um erudito que se escondia no picaresco, embora fosse profundo e preciso nas preciosidades do saber. Suas concepções acerca dos fatos, principalmente, da questão social e até mesmo de evidenciadas preferências estéticas). Nada acontecia na cidade sem passar pela orientação de TT; até aniversários gozativos eram maquinados criativamente por ele e sua equipe de aprendizes de gozação. Pára, Pára, que a situação exige cérebros acessórios. E assim ia arquitetando as passagens da forma mais risível possível. TT está para a gozação como Zerbini esteve para o coração e para a medicina. Ele é pre-

sente no fato na paisagem dominada pelo riso, na ironia, no engenho de idéias que se levadas às cenas teatrais, à ribalta, seriam sucesso de risos a qualquer época.

Os "malas", os "moles", os descontraídos, os retraídos atraíam-se e se aproximavam do TT como uma arte. Atraía-o o exótico, o non-sense, a gula, o escracho, o polido, o arrumado, o anguloso, de blackout a black-tie. TT gozava de tudo. Paulo Afonso nos brindou com um apagão de dois dias e isso começou inesperadamente em plena dezesseis horas. E compramos velas e iluminamos a agência pelas tênues chamas. Tínhamos um redator com redução motora que não subia, nem descia escadas, estávamos no penúltimo andar do prédio. Às vinte horas, a solução não vinha e TT mobilizou um séqüito de braços fortes, oito homens que, de estivador braçudos não tinham nem a sombra, uma poltrona e desceram os quatro andares aos risos e aos cânticos cheio de amor, orquestrado pelo TT. A cada vão paravam para consensualmente, todos, desarmarem-se em risos e refazerem as forças minadas pela gozação do TT.

Quando muito, secamente pedia pressa na agência, berrava: rápido meu filhoooo... Cliente não pode esperar... Se puder voar... Voeee... Ganhe asas... Chispe... E lá se ia o avexado office-boy para atender ao capricho do TT.

"O que você está fazendo aqui... Ora TT já fui e já voltei. Mas como? Prepare-se meu filho que amanhã vou lhe dar um desafio maior e uma placa: O homem mais veloz que uma onça perseguida". Apesar dessas afirmações tão contundentes acerca das diferenças de vidas, sublinharei alguns memoráveis momentos de TT, aspectos da aproximação e dos elos criados entre eles no agitado dia-a-dia de uma agência comandada com todo o humor. Todos nós éramos meros coadjuvantes, pois a agência iniciava e ter-

minava seus dias com a palavra alegre do TT. Arrudinha, Júlio, Josineide, Nilma, Mazé, Ribamar, Mário Hélder, Roberto, Mariozinho Monteiro, Novinho, Leonam, Irmãos Catunda, Assis Santos, Wálter e Hélio, Valnir, Pedro Martins - Pedro Cinemeiro - Souto Paulino, Xyco Theóphilo, Paulo Barthô, Licínio, Assiszinho, Helder, Leite Sobrinho, Raimundo Gadelha, Carfil, euzinha da silva (Glicineide), Seu Dudu, Maninho, e tantos outros um grande time escalado pelo TT.

Quando ele se enfezava, vinha uma voz gozadora em revanche e dizia: "Olha o colapso...". "Olha o coração", e ele não perdia a piada, a deixa e convocava: Traga a fulana... Traga ligeiro que só olhando pra ela eu me acalmo... E irrompia o riso e desmanchava a arenga e o motivo da zanga. Dentre eles que lembro como mais evidentes no perfil de observações que faço sobre TT assinalo que numa vespertina alegria da Publicinorte, TT dedilhando uma máquina de escrever, mas de ouvidos antenados, captava o que o Maninho Brígido conversava com Marcondes Viana (na época já era assíduo freqüentador dos salões de automóveis).

Dirigindo-se ao Maninho, Marcondes na sua euforia costumeira proclama: "- Maninho eu acabo de ver uma Belina linda, ali na Barão do Rio Branco". TT vira-se bruscamente e diz: "- Homem traga essa mulher pra nos apresentar". Marcondes indignado com a alienação automobilística do amigo TT retruca:

- TT, Belina é um carro...

Em todos os aspectos TT era um comprador contumaz de produtos estrangeiros. Luizinho Melo (o Bigode) negociava com produtos trazidos de Manaus a mais evidente Zona Franca do País. Bigode fazia a praça praticamente em cima do cliente preferencial, nosso TT: cigarros,

perfumes, caviar, whisky, canetas, tudo era motivo de compra. Um dia TT vira-se para o Maninho (sócio e parceiro) e diz: – Maninho precisamos acochar o cinto. Bem apertado, no último buraco. O faturamento deste mês está fraco. Não vamos comprar nada, nem letraset, nem letra filme, nem vinil, nem cassete, nem papel vergê, nem película, nem nada... Nada... Maninho.

De repente adentra a sala o tal Bigode e dirigindo-se ao TT vai metralhando a fala e as ofertas estrangeiras, desde sua água russa, seu bacalhau norueguês. TT põe a mão na testa: "Affe Maria, Nossa Senhora, esse Homem Maninho é uma tentação. Bote no meu birô, seu Bigode e suma daqui... Rápido....". Não havia crise que superasse a fobia de artigos estrangeiros do TT.

Noutra feita a madrugada chegava na ainda bucólica Beira-Mar de antes, dos Trastevere, da Baiúca, do Copacabana. O Tarcísio chegava em seu carro de última geração – um Simca Chambord – azul caixão de anjo dirigido pelo não menos famoso e popular "chauffer" seu Barrica. Tarcísio dizia não ter motorista, tinha "chauffer". Aos gritos pediu ao garçom duas garrafas do melhor vinho tinto, geladíssimas, e uma bacia. – Traga a melhor bacia que tiver, jogue álcool dentro e toque fogo para matar todas essas bactérias de lavagem de arroz que vocês fazem nela. Quando tiver feito essa assepsia na bacia me traga aqui... TT sentou-se na cadeira, olhando para o mar, o garçom trouxe uma bacia limpinha e esterilizada pelo álcool e fogo, TT tirou os sapatos, meias e mergulhou aqueles pés brancos na bacia com vinho gelado. Gemia em êxtase e dizia para todos ouvirem: "Isto é ótimo. Me sinto dono de uma Cave da Itália". Quando o vinho perdia a frieza, ele mandava o garçom repetir o pedido e fazer a troca da operação e renovava as garrafas de vinho e assim

seguiu por toda a madrugada. Ao terminar o prazer dos deuses, pediu uma toalha de mesa, lavada e engomada no grude, e com ela enxugava os pés no banco traseiro do tal Simca, com as pernas postas sobre o banco da frente, rindo como um nobre.

E à mesma Beira-Mar, e mesma época, ele chegou no possante Simca com seu "chauffer" famoso, seu Barrica, que descia para abrir-lhe a porta. Tarcísio desce e vai conversar com umas "amigas". Quando já estava de volta viu seu automóvel Simca Chambord, dentro de um imenso buraco, arrastado pelas altas ondas que jogavam água na avenida, naquelas famosas ressacas marinhas que todos os anos aconteciam pela ineficácia do impotente quebra-mar. Apenas a lua brilhante inundava de luz o local e a prosopopéia de um espetáculo de um veículo atolado como um barco, um socialite, seu "chauffer" e suas "amigas" brandindo que a maré recuasse. Tarcísio apavorado pelo desenrolar da cena dizia para seu "chauffer" de confiança: "Seu Barrica você é louco, homem, por quê não tirou o automóvel precioso a tempo? Sinto nessa atitude vã que o senhor quer que eu perca meu Simca que contém inúmeras estórias, sem falar no meu abalo financeiro e patrimonial, pois o mar não tem dono para nos ressarcir de tamanho prejuízo".

Por menor, corriqueiro e mais banal que fosse o fato, Tarcísio comportava-se de modo impiedoso. Que o diga o Pedro Martins Freire que ele popularizou, imortalizando-o como Pedro Cinemeiro. Fora ele, ainda jovenzinho, muito esquálido, magrinho mesmo, admitido como contínuo privilegiado do próprio Tarcísio. Pedro era um sonhador. Mesmo ainda sem o cabedal da cultura essencial, acalentava um sonho obsessivo de ser cineasta. Tarcísio divertia-se com essa obsessão, não o desanimava e até o

incentivava. Pedro, o mais humilde e o mais fiel escudeiro de Tarcísio vinha de uma família pobre. Reclamava freqüentemente de sua fome, da má alimentação que a vida e a circunstância da extrema pobreza lhe reservava.

TT escutava diariamente aquelas queixas e um dia aclarou-se de investida e foi conclusivo. Vamos a um restaurante pacificar essa fome, Cinemeiro, com um lauto banquete dos deuses romanos. Chamou amigos e funcionários para testemunharem o acontecimento do encontro de um vivo, com fome, e um suculento e completo rega-bofe, conciliador de declarados interesses. O restaurante seria um gueto, especialista em prato feito generosos, chamado "Kinel" na Praça Zé de Alencar. Pedro sentou-se sorrindo, com olhos brilhantes e ainda atônito com aquela presepada. TT convocou o garçom: "Sirva tudo que ele quiser. Cabrito, galinha, carne de porco, toucinho, torresmo, macarrão, feijão, carne de boi, muito arroz, caldo-de-cana, bolo, até Q-suco se ele quiser. Tudo o que essa casa tiver, ele quiser e a barriga couber. Que não falte nada a esse Cinemeiro famélico. Tudo, tudo até ele desistir com seu satisfeito categórico – Basta! Tô satisfeito – Enquanto isso não ocorrer entupa-o com essa boa comida". Em todo o decorrer dessa memorável cena, foi um fuxico danado nesse restaurante, que até as calçadas se encheram de curiosos e desocupados.

Pedro já ganhara esse apelido de Cinemeiro, pois tinha uma missão diária de assistir a todos os filmes exibidos em Fortaleza (sem qualquer exceção) e contar para o Tarcísio. Ali Cinemeiro iria se aperfeiçoando com as dicas e os ensinamentos do cinéfilo que ia assistir somente a sessão executiva das 14 horas das películas mais picantes de sexo.

Um dia Cinemeiro pediu ao Tarcísio que patrocinasse sua ida ao Rio, pois as oportunidades de um aspirante cineasta estavam lá. Tarcísio apressou-se a mandar comprar uma passagem de semileito da Autoviação Cearense na Praça da Estação, para o jovenzinho Pedro partir à procura de fama e de sucesso. Como a liseira seria grande, ficaria hospedado na casa e pensão de um parente na Lapa. Passados dois meses fui ao Rio visitar minha família. A pedido do Tarcísio fui ver como estava o Pedro, levando-o algum dinheiro do socorro sempre amigo do TT. Apareci de supetão e encontrei-o estirado num sofá velho, com molas aparentes, num lugar escuro, úmido, sombrio e numa profunda solidão que a exemplo do cinema se evidenciava mais ainda com um gato peludo que ficava dias e madrugadas no seu colo. Via-se que a fome era de ambos. Desceu comigo entramos numa birosca da Lapa e ele com olhos de satisfação devorou pastéis de carne de alma, com caldo-de-cana. Quando voltei contei ao Tarcísio e por dois dias ele me interrogava a todo instante sobre o Pedro, querendo saber dos preciosos detalhes.

Com os percalços que a vida lhe impunha, Pedro fez o sonhado Curso de Cinema e se tornou de fato e de canudo um Cineasta, um crítico de cinema, um especialista na sétima arte e até o presente é esse o seu desempenho brilhante na Imprensa cearense.

Inesquecível foi a bailarina Maria Amélia que já foi famosa no Municipal do Rio. Na sua quase demência (para uns) e total (para quase todos) ia a bailarina todos os dias na Publicinorte, demonstrando estar apaixonada pelo Tarcísio. Nosso pessoal da criação, e por pura fuleragem queria escrever um livro: *O publicitário boêmio e a bailarina*. Amélia foi uma extrovertida bailarina e um tanto quanto destemperada. Quando pintava na agência, o TT

se escondia. Ela perguntava por ele e todos lá estavam instruídos regiamente para dizer que ele não estava. A bailarina não desistia e sentava-se na recepção desfilando estórias de sua fama de outrora e ameaçava instante a instante esperar pelo amado TT, nem que fosse só para vê-lo. Impacientava-se e invadia os departamentos de arte, de mídia, de criação, financeiro, administrativo, e até na diretoria. Ela entrava por uma porta, Tarcísio saía na outra como uma criança crescida. Convites e mais convites para que ela se retirasse desses locais não faltavam, embora ela ignorasse-os, num típico "tô nem aí".

Tarcísio decidiu convocar um contínuo, ou alguém dos serviços gerais para enxotá-la, colocando-a no elevador. Ela descia por um elevador e subia noutro, retornando ao suplício de origem: "esperar seu príncipe encantado". A bailarina insistente sempre vencia. Então veio dele a idéia inovadora. Um potente extintor predial de incêndio, desses capazes de debelar altas chamas, quanto mais a voluptuosa chama do coração, de uma aflorada paixão.

– APAGUE ESSA MULHER. APAGUE A VOLÚPIA DESSA MULHER (gritava TT numa galinhagem urdida).

Na visita seguinte Tarcísio escondido, à espreita de ver sua engenhosa e maquiavélica idéia em prática. A espuma seca e branca era disparada em direção à bailarina que aos gritos e apavorada deixa o local e some de cena e da ribalta por um prolongado período, esquecendo do príncipe encantado do Edifício Triunfo.

"Bola" era um moreno obeso que pacientemente aceitava fazer parte de todas as loucuras do Tarcísio. O boêmio publicitário, criador de textos e roteiros, planejou um comercial para a Casa Parente do Inácio Parente. O roteiro pedia um avião recebendo passageiros para o embarque no velho Pinto Martins do remoto bairro do Cocorote, cujo

único acesso era o Bar Avião ali na Av. João Pessoa que dantes (ainda na guerra) recebera pavimento de concreto. O roteiro pedia que a modelo chique subisse as escadas com uma bolsa chiquérrima. BOLA preparou no capricho e até lá estava o avião de verdade, e de hora mais ou menos certa, para levantar vôo. Nada do TT, nem da modelo, que depois se soube ficara na fila do maquiador Pires, que vinha na Parente de quando em vez, atrasadíssimo para o gosto dos aeroviários.

Apesar dos ingentes apelos do "Bola" o avião não podia mais aguardar no pátio. Recolheu as escadas e rolou na pista para partir. Quando o avião ainda taxiava, chegou Tarcísio e sua bem maquiada modelo, e como que indignado, grita para o "Bola": "Segura esse avião, Bola". Acionado pelo grito, o fiel escudeiro Bola, apavorado saiu correndo pela pista atrás do avião, perseguido pela segurança armada militar da Aeronáutica. TT com as mãos na cabeça gritava para os guardas da Aeronáutica: "Não atirem que é o meu homem de confiança. Se for por merecer bala atirem na modelo que foi a causa do atraso e do vexame. Cuidado com as balas BOLA...".

Certa ocasião na ilha de São Luís, às margens da baía de São Marcos, do Oceano Atlântico e do Estreito dos Mosquitos, chamada de Atenas brasileira. A capital da França Equinocial. Uma cidade de muitas tradições folclóricas, como o Bumba-Meu-Boi e o Tambor-de-Crioula, considerada a Capital brasileira do reggae. E povoada originariamente pelos franceses. Em todo esse contexto chega Tarcísio que fielmente atendia, com assistência do Paulo Barthô, dois clientes principais que ele levara para lá, Ocapana e a King Jóia. Lá conheceu um desembargador – Mariano da Silva Gomes – ficou encantado com o estilo de moradia de aristocracia francesa do tal desembargador. No

seu quintal tinha um pelourinho com um variado acervo do tempo da escravatura, incluindo pesadas correntes, argolas, troncos grossos, aparelhos torturantes. Tarcísio não se conteve e pediu ao generoso Magistrado permissão para fazer um jantar à sociedade maranhense. Selecionou e contratou negros retintos característicos escravos, e usou como ambientação todo o acervo da casa. Ensaiou com os contratados papéis de serviçais: escravos lentos e lerdos, assombrados para servir o banquete. O desembargador até ali sisudo, acabou não resistindo à magia da festa e se libertou participando de tudo, ativamente.

Outra presepada aconteceu no Piauí, mais precisamente no Delta do Parnaíba. Tarcísio alugou um barco, fixou nele cadeiras e mesas e desceu pelas correntes fluviais percorrendo comunidades ribeirinhas com seu grupo de negros de grande porte. Aqui e ali uma chuva de fogos de artifício chamada de "Chuva de Prata", "Chuva de Ouro". Tomava whisky e saboreava iguarias exóticas do local. Nas mãos um chicote senhorial, dava a entender que os escravos eram dele. O povo indignado repugnava aquela cena com xingamentos enfezados.

A Tevê era limitada de horário. Começava perto das 20 horas e ia somente até as 22 e trinta quando aparecia o indiozinho da Tupi encerrando as atividades.

Os comerciantes incipientes anunciantes não acreditavam no meio e achavam o investimento disparatado, muito caro e por isso eram inibidos a investir publicidade no meio. Tarcísio precisando ampliar o quadro de anunciantes (todos pagavam à vista, em dinheiro, em espécie). Veio uma enxurrada de inusitados anunciantes: casas de terreiros, pequenas empresas de bairros, botecos da Praia Grande, bodegas sortidas, lojinhas, secos e molhados e até

inexplicáveis convites enterro, missa de sétimo dia, aniversários de 1 a 15 anos. Assinaturas de contratos. Entregas de chaves de veículo zero km. Do tempo da TV da família Bacelar, 30 a 60 minutos diários eram fechados e bem pagos para deleite da família maranhense. Os convites enterros eram assim: Diminuía-se a luz do estúdio. A câmera captava uma tênue chama incandescente de uma vela e a voz do locutor em off cravava a triste e fúnebre nota: "faleceu hoje...". Ao ver aquela marmota TT exclamava: "Só sendo gênio para imaginar um cenário tão Kaficaniano quanto esse".

Assim é ainda TT. Alegre, brincalhão, gozador da vida, amante e incentivador das artes. Um eterno *bom vivant* que julga calouros, apresenta escritores, cria anúncios, vende campanhas, provoca e promove idéias, alimenta ainda colunistas, tem sempre uma porta larga, uma palavra na ponta da língua, o livro bom, o filme certo, a música de sucesso, a fama da vez, a personalidade evidente, as ações da bolsa e a fofoca da esquina e das rodas.

Meu coração e a minha felicidade ao relembrar esses fatos me enchem de saudade e avivam minha memória e me incitam dizer: "Parece que foi ontem".

Glicineide Sales
Publicitária, ontem, hoje, sempre fã do TT

GUTO BENEVIDES – SOBRE O NOSSO TT

Alma de arlequim, espírito de saltimbanco, lá vai o TT na vida. Vem de uma presepada e se encaminha para outra, pelo menos em sua imaginação. Em busca do insólito, não perde o rumo das coisas simples, do bom e do belo. E lá está ele se alumbrando ante a beleza de um sol

poente ou de uma mulher nascente. Em harmonia com a vida, contente com tudo, com todos e consigo mesmo, Tarcísio Tavares fez e aconteceu. Pintou e bordou. Nos anos 60, criou o programa TV Juventude, na TV Ceará, onde dava corda em Deus e o mundo. Peguei corda e fui lá cantar, "Quero que vá tudo pro inferno". Ele colocou o Elias Forte (já em outra) vestido de cão, dançando atrás. Ao chegar em casa, ouvi o único e grande esporro que levei do meu pai, Fernando Benevides. Nunca esqueci.

Inventou um galã: Mário Monteiro, baixinho, rouco, mas enlouquecia as meninas, pois quase não aparecia. Só de longe e as mulheres enlouqueciam, pois o marketing era fortíssimo. Um dia, nas Lojas Couto, no Centro da cidade (anos 60), anunciaram a presença do Mário por lá. Foi a maior invasão de mulheres histéricas que Fortaleza já viu. Todas queriam ver Mário Monteiro. Quebraram a loja toda. Mas foi sucesso total. Antes, foi repórter de rádio e talvez tenha sido o único até hoje, a transmitir um casamento. O casamento da Miss Brasil, a linda cearense Emília Correia Lima, na Igreja do Coração de Jesus. E lá estava o TT: "Agora o padre se manifesta, mas o povo quer Emília. Então que se dê Emília ao povo". Ao final, pegou a noiva pelo braço para entrevistar. Foi com muita sede ao pote, apertou o braço da moça e sapecou: "Onde vai ser a lua-de-mel?"

Aaaaaai! Foi a resposta.

Criou programas de humor no rádio, programas policiais, de assombração, enfim, TT era (e continua) criativo mesmo. E um presepeiro de mão-cheia. Topava tudo! Um dia foi chamado para organizar uma festa de 15 anos. E diante da mãe da moça, perguntou: "Qual é a nossa verba?" Informado, contratou um ônibus e formou uma caravana de malucos (músicos, atiradores de faca, lebres,

abatedores de lebres...) e fez a festa. Foi uma loucura. Uma moça saiu grávida deste "rebuceteio".

Promoveu grandes festas (muitas vezes em clubes suburbanos) e como publicitário, na Publicinorte, além de inovar com os programas de TV, criou grandes campanhas de varejo para as Lojas Couto, Romcy, Pão de Açúcar-Jumbo, entre outras. Costumava participar das rodas de amigos na Praça do Ferreira, onde conheceu Augusto Pontes (o Morcego), à época, um "Morcego" snob, preocupado com a elegância, lia a revista "Senhor", mas na hora de ir embora, tinha medo e TT era quem ia levá-lo em casa. Um "Morcego" muito gaiato.

Aliás, TT sempre teve um modo próprio de falar: "Fulano é um gaiato!" "Um presepeiro este senhor Gutinho! E sempre gemeu diante das mulheres bonitas:

"Ai, minha filha... Pére!"

Hoje, de cabelos brancos, continua o mesmo TT de las madrugas. Quando viaja, gosta de ir ao leste europeu. Aqui, anda de Van, de ônibus e até de mototáxi. Só para sentir o povão. Este é Tarcísio Tavares, gente de quem a gente gosta.

INÁCIO DE ALMEIDA – UM TIPO INESQUECÍVEL

Quando cheguei a Fortaleza, como um jovem provinciano piemontês da Serra de Baturité, em fins dos anos 50, uma das primeiras e agradáveis surpresas por mim vivenciadas estava ligada umbilicalmente a uma figura singular da comunicação e da vida social capitalina.

Numa cidade de poucas fontes de informação e de rala oferta cultural, era prazeroso e enriquecedor ter acesso a uma pessoa antenada com os fatos nacionais e mundiais e atenta ao que era lançado de melhor na produção

cultural do País (música popular, teatro, cinema, literatura, artes plásticas etcétera e tal) e dos países vanguardistas do planeta.

Refiro-me, e para os seus (nossos) contemporâneos não é nenhuma novidade, ao Tarcísio Tavares, o nosso "TT das Madrugadas", e me escapa em que lugar e em que circunstâncias o descobri, considerando-se que ele estava em todas as latitudes da nossa cidade. Pode ter sido em plena Praça do Ferreira, quem sabe no quiosque "Abacatada do Pedrão", no antigo e derrubado Abrigo Central, ou num dos bancos em que sentávamos para fazer rolar conversas e discussões noite adentro. Não é difícil tê-lo achado num dos bares centrais da cidade, como o Bar da Brahma ou o Flórida Bar, em que nossa ponte de diálogo era estimulada por um chope gelado extraído de razoável cevada (da parte de nós) ou por um uísque escocês de bom malte (da parte dele). Impossível não seria tê-lo visto, pela primeira vez, na mesa do restaurante do Ideal Clube ou do Lido, em plena Praia de Iracema, instalado por um "chef" francês apaixonado por ostras e lagostas.

Diariamente, ele adquiria e lia os principais periódicos do País, sendo seu xodó o *Jornal do Brasil*, fato pouco comum entre nós. O que surgia de publicação nova no País chegava às suas mãos, não me perguntem como. Por razões de trabalho, ou mesmo em seu papel de escafandrista em busca de coisas profundas, vez por outra viajava ao Rio de Janeiro e ao Recife, centros culturais e políticos muito mais desenvolvidos que o nosso, deles trazendo as novidades de que tanto carecíamos e que tanto nos alimentavam o espírito.

TT era, sempre foi e será um homem de charme singular. Inescapavelmente, ele sempre era o centro das atenções, em qualquer grupo do qual fazia parte, fosse ele o

seu iniciador ou a ele tivesse se agregado. E não liderava a patota por que assim era seu desejo, mas pelo simples fato de ser reconhecido pelos que curtiam uma agradável convivência com ele como uma espécie de *primus inter pares*. É que, mesmo simples, pois nada revelava de afetação, era gentil e simpático, oportuno de forma tal que não monopolizava as conversas, sabendo entrar na sua hora, isto é, na hora certa. Pedagógico e curioso nesse relacionamento interpessoal com ele é que não nos sentíamos inferiorizados por conta de sua destacada liderança, ao contrário, parecia-nos estar com ele no mesmo patamar. Era, assim, que ele nos deixava.

Outra qualidade inata nele era a montagem escultórica de um bom papo, temperado de boas anedotas ou causos, de agradáveis fofocas do "grand monde" cearense ou carioca, de novidades da política ou da vida mundana, mas revelando-se sempre como alguém fraterno, irônico com *fair play*, e um eterno gozador da existência humana.

Indefectivelmente, trazia à mão sempre algo eletrizante. Ora era um álbum ou portfólio de alguma grande agência de propaganda, do Brasil ou do exterior, do qual lia e relia para nós, seus leitores inebriados, as sacadas inteligentes dos textos ou a rica criatividade de uma imagem fotográfica ou de desenho, na construção de uma peça publicitária que lhe levava quase ao êxtase. A publicidade, aliás, sempre foi sua maior paixão. Pelo menos desconheço outras que com ela competissem. Acredito, aliás, que a moderna publicidade no Ceará tem nele o seu pioneiro.

Era comum, pelo menos a cada dois/três dias, trazer consigo para nos deliciar os olhos e o cérebro um catálogo de novos lançamentos da boa música brasileira (não apenas o melhor do samba tradicional, mas as últimas novi-

dades da bossa nova), um suplemento de jornal ou alguma revista especializada com informações ou artigos críticos a respeito de uma nova peça de teatro, um novo filme, um livro instigante, uma exposição de artes plásticas com algo inovador.

O que mais me surpreendia, pobre rebento de camponês à cata de sugestões e novidades, é que ele nos alimentava de todas essas guloseimas informativas e, não raro, portava e nos fazia conhecer um disco bolachão de algum bamba do bom samba de raiz ou de um jazz ou blues, um texto teatral de qualidade, um poema arrebatador, um romance social contagiante.

Aqui entre nós, foi em parte por influência indireta dele que vim a fazer parte do Clube de Cinema de Fortaleza, iniciativa pioneira do dedicado Darci Costa e que reunia algumas expressivas figuras da vida cultural fortalezense como o poeta e cineasta Eusélio Oliveira, o comunicólogo Augusto Pontes, o contista José Maia, o sociólogo Eduardo Diathay, os críticos L. G. de Miranda Leão, Aramis Arão e Cláudio Sidou, o fotógrafo Francisco Tavares, o cineasta João Siqueira, o aprendiz de cineasta Regis Furtado, e tantos outros que a memória em processo descendente impõe obrigatório pedido de desculpas pelas omissões.

Tarcísio também, diferentemente deste escriba, era um cidadão atento às novidades da moda masculina. Tinha uma capacidade psicológica seletiva para saber "o que lhe caía bem" em termos de calça, camisa, sapatos, meias e adereços. Marcava presença de forma diferenciada, mas ao mesmo tempo discreta, sem chegar a constranger os que lhe cercavam nos papos e comes-e-bebes.

No longo capítulo das mulheres – como diria Vinicius de Moraes – era um expert, um galanteador sin-

gular, que enchia os ouvidos das moças com tiradas inteligentes e oportunas. Sabia fazê-las curtir a emoção, por meio de um buquê de flores ou rosas, de um bom perfume, ou de alguma novidade de moda. E, ao contrário da maioria, era discreto, e ninguém sabia das suas investidas e dos seus sucessos de conquista entre elas.

Este é um dos meus tipos inesquecíveis, cuja figura e atitudes marcaram de forma emblemática minha já quase extensa vida, por razões em rápidas pinceladas acima expostas, mas também e particularmente por outras qualidades humanas ainda pouco comuns, como a de nunca revelar ou explicitar nenhum tipo de preconceito contra pessoas, independente da cor, da condição social ou por qualquer outro motivo. Mas o seu sentimento maior, a meu juízo, é estar sempre aberto aos amigos, de mão estendida, com um sorriso franco, e para um abraço apertado, onde quer que com ele se encontre, nele se revelando um sistemático e constante gesto de solidariedade e uma vontade de ajudar, sobretudo nas situações mais delicadas e difíceis.

Saúde e longa vida, meu amigo-irmão, e que continue sendo o que sempre foi – um exemplo de paixão pelo que gosta e uma presença forte de camaradagem.

JOSÉ AUGUSTO LOPES – TT É COISA DE CINEMA

Por Tarcísio Tavares ser tão múltiplo, tão diversificado em suas maneiras de criar e influenciar circunstâncias no contexto sociocultural, torna-se difícil eleger-lhe a faceta mais simpaticamente gravada na silhueta histórica de Fortaleza. Mesmo quando atua apenas nos bastidores, seu estilo é facilmente reconhecível.

No meu caso particular, admiro TT desde o tempo do programa radiofônico A Carrocinha, se não me falha a

memória na velha PRE-9, talvez a primeira forma inteligente (não existe inteligência sem humor) de expor as feridas urbanas e sociais de Fortaleza. Essa Fortaleza que TT, no íntimo, ama desvairadamente, mesmo eivada de todos os pesares possíveis, apesar de apregoar requintadas preferências por champanhes e pâtés de foie gras em sofisticados restôs de Paris.

Mas o que me liga a TT, de verdade, é a nossa imensa paixão em comum pelo cinema. Desde quando ele conseguiu, nos idos e agitados anos 60, tirar os filmes de arte do âmbito restrito da elite intelectual da cidade para transplantá-lo a um modesto cinema de subúrbio, o Familiar de Otávio Bonfim, onde reuniu o público mais eclético já registrado na então acanhada e provinciana Fortaleza.

Na pracinha do bairro, o velho cineminha dos frades tinha cadeiras duras e desconfortáveis, com projeção escura e impotente para enfatizar as nuanças das imagens eternas de Orson Welles, ou as curvas à meia-luz de Gina Lollobrigida em A Beleza de Hipólita. Por obra e graça de Tarcísio Tavares, com a parceria de Maurílio Arrais, o público sofisticado da Aldeota uniu-se em inédita democracia aos namoradinhos suburbanos da pracinha de Otávio Bonfim, para conhecer o Cidadão Kane, presenciar pactos sinistros em um trem conduzido por Alfred Hitchcock ou conviver com a dura realidade proletária dos filmes neorealistas italianos.

Nunca me esqueço da presença fulgurante (não encontro outro termo mais exato) da bela e imponente D. Ignez Fiúza, além de outras literalmente brilhantes personalidades do grand-monde cearense, adentrando o recinto modestíssimo do Cine Familiar para uma comunhão artística só tornada possível pela ardilosidade dos dons agregadores do TT.

Desde os anos 60, Tarcísio também foi um dos críticos de cinema pioneiros na elaboração das listas de melhores filmes nos jornais fortalezenses. Sempre muito independente em seu modo de ver, jamais se curvou a opiniões vendidas pelos grandes estúdios ou pela crítica tantas vezes rançosa do eixo Rio-São Paulo. Impressionava-me como sempre se destacava (sem demérito para outros valores, de críticos outros) por impor sua personalidade na escolha dos filmes. Lembro-me de um ano em que apenas ele e eu elegemos Nosso Amor de Ontem (The Way We Were, conhecem a canção interpretada por Barbra Streisand?) como o melhor lançamento do ano.

Sempre associo The Way We Were a Tarcísio Tavares, o caminho no qual nós estávamos – e onde TT está até hoje, em sua constante luta contra a mediocridade, contra os falsos valores, fazendo deboche da superficialidade vigente e até elegendo-a como tema de exercício para seu permanente senso de humor.

A diferença entre Tarcísio Tavares e outros agitadores culturais é explícita: acima dos outros, ele mudou comportamentos, modernizou a linguagem da terrinha e, na medida do possível, exorciza, às vezes até mesmo fingindo endeusá-los, os lugares-comuns e cacoetes provincianos da Fortaleza de ontem e de hoje.

JOSÉ MAPURUNGA – SOBRE FORTALEZA, TT E OUTROS PAPOS MUNDANOS

Menino vindo de Viçosa, em 1959, vi deslumbrado, matuto besta, os primeiros tempos da TV Ceará Canal 2, em um aparelho pesadão que meu pai comprou para que eu e meus irmãos saíssemos da condição de "televizinhos".

Tempos heróicos, em que o pessoal de rádio, jornal e teatro se juntou para inventar a televisão cearense. Tempo do Praxedinho (Marcos Miranda), do Vídeo Alegre (Renato Aragão), da Neide Maia, da Karla Peixoto, do J. Ciro Saraiva, do Emiliano Queiroz, do Aderson Braz, do Guilherme Neto, do Augusto Borges, da Glice Sales, do Polion Lemos (até hoje nos créditos), da Ayla Maria, a voz orgulho do Ceará. E do João Ramos, que apresentava os *7 Dias em Destaque* (distribuindo jangadinhas para os que se destacaram na semana), ainda arranjando um tempinho para ser ator de novelas e até mesmo Macbeth, de Shakespeare, em produção ao vivo, na qual nenhum telespectador se incomodou de ouvir cochichos irritados do ponto para atores com dificuldade de escutá-lo.

Tempo dos comerciais ao vivo, do Toinho, do Irapuan Lima e do Tarcísio Tavares então já integrante dessa corte olimpiana amada pela Fortaleza que, na época, possuía um pouco mais que 500 mil habitantes e que ainda tinha como referência o velho Abrigo Central, na Praça do Ferreira. Aliás, por falar em Praça do Ferreira, lembro que fiquei honradíssimo porque numa noite, daquelas que a gente saía para ver vitrines, vi, nas proximidades da velha *Coluna da Hora*, meu pai trocando algumas palavras com o Tarcísio Tavares, "um homem que aparece na televisão", como contei depois aos amigos de traquinagens, que tiveram dificuldade de acreditar.

Não era para menos, porque a TV Ceará provocou profundas mudanças no cotidiano de Fortaleza, uma cidade, em grande parte, ainda abastecida de água por carroças-pipas puxadas por burros, onde o fogão a gás era uma novidade recém-chegada e onde o Centro da cidade era, de longe, além da melhor opção de compras, uma área elegante e ainda, em parte, residencial, onde as portas das casas

estavam sempre abertas e as pessoas punham cadeiras na calçada para a conversa mole e para falar mal da vida alheia.

A PUBLICINORTE

Anos depois, em 1973, eu, metido a poeta e com alguma experiência como revisor dos jornais *Unitário e Correio do Ceará*, botei na cabeça que ia ser redator de publicidade. Aí arranjei coragem, vesti a melhor roupa e fui ao quarto andar do *Edifício Triunfo*, na esquina da Senador Pompeu com a Liberato Barroso, onde ficava a *Publicinorte*, a maior agência de publicidade do Ceará, na época. Cheio de dedos, conversei com o Tarcísio que, para a minha alegria, depois de uns 10 minutos de papo, me disse: "Comece amanhã às 7:30".

No outro dia estava eu lá, não para ser o megacriador de peças publicitárias, mas para redigir telegramas de parabéns e *releases* para colunas de jornais. Tudo, antes de ser enviado, passado pela mão do Tarcísio, procedimento, sei hoje, que evitou catástrofes.

Na minha arrogância juvenil (eu me imaginava um gênio e estava arrasado porque ao invés de campanhas publicitárias estava fazendo um trabalho que eu considerava menor), não podia saber como aqueles telegramas e *releases* me ajudariam a obter o poder de síntese, algo indispensável para quem vive de escrever e que uso quando necessito. Isso eu devo ao Tarcísio Tavares, quando ele, seco e categórico, ia aparando a minha prolixidade influenciada pelos adornos da retórica.

Lembro da minha satisfação de conviver com os mestres do elenco de criadores do Tarcísio. Com Zé Domingos Alcântara, uma lenda, que além de ganhar 20 vezes mais do que eu, ainda tinha o direito (privilégio concedido apenas a ele), de usar e abusar da garrafa de uísque,

posta sobre a mesa de trabalho ao lado da máquina de escrever. Do convívio com os irmãos Walter e Hélio Catunda, no departamento de arte, grande sala com ar-condicionado (um luxo na época), enfeitada por um pôster de uma lindíssima e peladíssima bunda, maravilhoso tributo oferecido por uma das inúmeras manequins que transitavam pela agência.

Foi nesse universo em que os reclames do varejão, única publicidade possível na época, se misturavam com conversas sobre Maiakovski, Lenin e sobre as mulheres belíssimas que a toda hora ficavam, só para maltratar, esfregando os peitos nas ventas da gente, que fiz a minha iniciação no mundo do trabalho.

Aliás, a Publicinorte, como outras agências do Tarcísio sucessoras desta, foi a casa onde foram iniciados vários dos que hoje compõem o mundo cultural cearense, como o Gilmar de Carvalho, o Nilto Maciel, o saudoso Carlos Paiva, o Paulo Linhares, o Maurício Silva, o Fernando Costa, o Evandro Abreu, todos repletos de talento, de sonhos e de utopias. Acredito que alguns deles, também, pondo o pé na realidade através do convívio com o Tarcísio Tavares.

AS BUNDAS REJEITADAS

Os choques de realidade, na Publicinorte, se davam constantemente e eu ia dando adeus às puerilidades infantis, entendendo o que havia nas entranhas das notícias que saíam nos jornais, descobrindo a intenção de coisas aparentemente despretensiosas, conhecendo com mais profundidade aquilo que antes eu julgava apenas pela cor do verniz. Muitas vezes, esses choques de realidade chegavam de supetão, através do Tarcísio Tavares, como no caso das bundas rejeitadas.

É que uma vez, o Tarcísio me escalou para selecionar 20 moças que iam atuar como recepcionistas em um evento promovido por uma empresa de grande porte. Ao anúncio do jornal, atenderam mais de uma centena de beldades, congestionando o corredor que dava para a antesala da Publicinorte.

Ao fazer a seleção fiquei perdido no meio de tanta mulher bonita, todas me lançando olhares cheios de promessas e eu, besta que só vendo, já estava morto de vontade de namorar todas. Eu não conseguia selecionar nenhuma e jamais conseguiria, pois, no meu romântico entendimento da época, qualquer exclusão ali seria uma terrível injustiça.

O Tarcísio, que ia passando na ante-sala, olhou para o corredor e viu o meu embaraço. Não contou pipoca, veio em minha direção e foi logo dizendo: "Aprenda a trabalhar, vá excluindo para depois selecionar. Primeiro tire as sem bunda, porque mulher sem bunda é como um rio sem ponte. Você aí, saia! Você também! E você, vá saindo!". Foi retirando da fila, uma a uma, todas as sem bunda, provocando protestos das prejudicadas e aplausos das que se garantiam quanto a esse atributo físico de preferência nacional. Imaginem a passeata de feministas que hoje isso daria.

O RUSSO ENDIABRADO QUANDO BEBIA DANDIZ

Quase todo fim do expediente a patota da Publicinorte se reunia no Suez, o bar com prateleiras espelhadas, na Praça José de Alencar, que servia um requintado e variado cardápio de tira-gostos: pitomba, cajá, cajarana, carambola, limão, lima, laranja e caju, quando era época dessa fruta que deixa um bafo de onça desgraçado na boca do bebedor.

Um dos freqüentadores eventuais era um "lay out man" da agência, um paulista filho de russos, de uma sensibilidade artística digna de um Rafael. Sujeito manso e cordato, mas, algumas vezes, dependendo da lua e aí só Freud explica, ficava endiabrado depois de tomar uns três tragos da Dandiz, cachaça muito apreciada na época. Muitos foram os companheiros que, em algum momento, foram vítimas indefesas dos 100 quilos de músculos do Russo. No outro dia, ele chorava, pedia perdão, jurava que nunca mais ia beber.

Cético quanto à promessa que ele fazia, eu até sugeria: "Beba de outra marca, que a Dandiz não lhe faz bem". Mas o cara não se emendava, ia fundo na Dandiz, o que desencadeava novos ataques furiosos aos colegas. E o Tarcísio Tavares fazendo de conta que não estava sabendo, até porque, ao que parece, o que acontecia fora do ambiente de trabalho não lhe dizia respeito e o Russo era um artista de primeira, digno de um Tintoretto, que não seria dispensado por causa de briga de boteco. O Tarcísio dizia, apenas: "É só não ir beber com ele".

Eu, magrinho como um taco de sinuca, ia passando incólume aos ataques selvagens do Russo que não podia beber Dandiz, tanto que me imaginei imune, sendo o único da Publicinorte que ainda se aventurava a beber com ele, mesmo com o alerta do Tarcísio.

O RUSSO ATACA OUTRA VEZ

Certa tarde de sábado, depois da gente tomar umas no Suez, saímos eu e o Russo perambulando pelos botecos do Centro, chegando, enfim, a um restaurante (a gente não tinha almoçado). Lá, já estavam postados uns amigos meus, dois casais de jornalistas, namorados com promessa de casamento para breve, com um monte de garrafas de cer-

veja sobre a mesa. Só deu tempo do Russo tomar a primeira dose de Dandiz para lançar-se ao ataque. Foi logo dizendo para uma das moças: "Minha filha, você é gostosa, gostosa mesmo. Não sei como é que namora com este merdinha aí!". Tentei contornar, pois eles não conheciam o Russo: "Ele é fresco assim, mas é gente boa".

E o Russo continuou a atacar a menina, fazendo pouco de seu namorado, querendo mesmo criar confusão. Levantei-me e convidei-o para ir embora. Ele me respondeu com um empurrão, aos gritos de "senta aí, porra!" Não sentei, caí literalmente no chão, derrubando cadeiras ao redor. Reuni dignidade e cometi a besteira de dizer: "Isso não vai ficar assim!" Não ficou. Levei um soco no olho (o roxo só desapareceu depois de um mês). Aí, sem pensar em nada, peguei uma garrafa de cerveja e lasquei nas ventas do bruto com tanta força que o sangue espirrou em jato.

Os dois jornalistas, então, voaram sobre o bicho e lhe deram uma surra danada. Azar do Russo. Endiabrado foi o garçom, por coincidência, também dotado com 100 quilos de músculos, ter entrado na briga, lhe aplicando uns safanões homeopáticos antes de rebolá-lo, literalmente, no olho da rua.

Na segunda-feira fui trabalhar certo de que estava vivendo meu último dia de vida. Escondido atrás da minha máquina de escrever ficava olhando a porta do departamento de arte, vendo a hora do Russo chegar e traçando planos de fuga. Quando o diabo do Russo chegou, pálido como um cadáver e com a venta achatada pela porrada que lhe dei, foi se dirigindo para o meu birô, eu disse comigo: "Adeus, vida ingrata!" Para minha surpresa, o Russo fez foi chorar, pedir perdão e jurar que nunca mais beberia, pedindo, pelo amor de Deus, para que eu apresen-

tasse suas desculpas ao pessoal que também se envolveu no cacete.

Ganhei alma nova, mas aí, no mesmo dia, os colegas da agência souberam da briga e começaram a chamar o Russo de "filho do Mapurunga", a fazer pouco dele por ter levado a pior quando se meteu em confusão comigo. Eu pedia pelo amor de Deus que eles parassem com aquelas zombarias, porque, se não parassem eu ia me dar muito mal quando o Russo voltasse a beber Dandiz. Aí é que eles zombavam mesmo do Russo, que ia agüentando tudo com a paciência de um asceta budista.

A coisa piorou, quando, uns 15 dias depois da briga, eu e o Russo, ambos ainda com hematomas visíveis do quebra pau no restaurante, disputamos o amor de uma doidinha de 19 anos, dessas que podem causar uma guerra devastadora entre dois impérios. Na disputa, com a ajuda de Deus, ou do Diabo querendo ver o mar pegar fogo, eu levei a melhor. Aí é que a mangofa caiu pra valer em cima do Russo, que ia agüentando firme, que nem um Ghandi. Isso até que tomou a primeira dose de Dandiz.

Eu soube da recaída quando, depois do almoço, cheguei na agência e alguém me disse: "Olha, o Russo tomou umas dandizes e andou te procurando para te dar umas porradas. Ele desceu neste instante para o Suez. Aproveita e dá no pé cara, que esse sujeito tem o diabo nos couros".

No outro dia, quando arranjei coragem para voltar à agência, eu soube que o Russo estava curado. É que o Tarcísio, sendo informado por colegas meus do que estava acontecendo, chamou o Russo para a grande e disse, categórico e seco, bem no seu estilo: "Na primeira confusão, lhe dou as contas na hora". O Russo, que tinha um salário que nem doido jogaria fora, a partir daí ficou manso de vez, mesmo quando enchia a cara de Dandiz.

Sem ser padre especializado em ocultismo, o Tarcísio exorcizou o diabo que morava na alma do Russo e desabrochava quando ele bebia Dandiz. E salvou-me, no mínimo, de levar uma boa surra. Também devo essa ao Tarcísio.

TT HOJE

Saí da Publicinorte e, de lá para cá, vi o Tarcísio, inúmeras vezes, passando pelo Centro da cidade, cabeça branca desde os anos setenta, tendo nas mãos sua maleta de couro. Algumas vezes paramos para conversas rápidas, enquanto ele espera um táxi, sobre temas culturais e sobre coisas da cidade. Sempre bons papos, sempre tiradas interessantes, carregadas de niilismo, que a gente não esquece e que, quando se lembra, não deixa de rir.

É o velho Tarcísio, guerreiro, agitador cultural hoje como assim o foi desde os anos de 1950, quando produzia teatro e integrava a equipe do jornal *O Democrata*, baluarte das esquerdas. É ele, que em mais de 50 anos de presença marcante na vida da cidade, construindo e destruindo, fazendo e desfazendo, continua, firme, com projetos para o futuro, projetos bons, tenho certeza.

JUAREZ LEITÃO – TARCÍSIO TAVARES NOS TEMPOS DA BRILHANTINA

Personagem de mirabolantes aventuras, TARCÍSIO TAVARES, o famoso TT, conseguiu nesta cidade de Fortaleza uma espécie de unanimidade: é a figura de humor mais solto e espontâneo, o trocista mais eficiente, o mais bem-sucedido gozador desta vila-metrópole que, do alto de seus dois milhões e mais de habitantes, continua a ser, como diziam os antigos, "uma cidade de muros baixos", onde as pessoas adoram uma fofoca e ninguém consegue

manter um segredo por vinte e quatro horas. Não importa se hoje estamos inseridos no contexto tecnológico contemporâneo, se os espigões de concreto e ferro verticalizaram a paisagem urbana, se os hotéis cinco estrelas e os parques aquáticos substituíram as "pensões familiares" e os banhos de lagoa. Nesta terra de gente inteligente e espirituosa, o brejeiro e o patusco continuam em vigor, solução engendrada pela cabeça grande do cearense para escapar das mazelas da vida e enfrentá-la de modo risonho, mesmo em face da maior desdita.

Tarcísio é um personagem típico da cearensidade. Profissional competente, jornalista e publicitário, cinéfilo conhecido e ardoroso, amado pelos amigos e até por desconhecidos, o seu maior fascínio é exercer a arte de olhar a vida pelos melhores prismas. A idade não o tornou amargo ou sisudo. Antes, pelo contrário: o aprimorou, tornando-o um presepeiro mais manhoso, mais afinado, mais ladino.

Todos cantam suas façanhas em prosa e verso. E com justa razão. Entretanto, antes do TT contemporâneo, mestre-de-cerimônia do Centro Cultural OBOÉ, jurado escrachado de um programa de televisão e boêmio de longo curso, houve o MENINO TARCÍSIO, morador da Rua Barão de Aratanha e companheiro de fuzarca do teatrólogo B. de Paiva.

"Nasci na Avenida João Pessoa, bem pertinho do asilo dos loucos. Isto, talvez, já explique alguma coisa".

Dali a família se mudou para a Avenida Dom Manuel e, de lá, definitivamente, para a Rua Barão de Aratanha, onde Tarcísio viveria grande parte da infância e a adolescência.

A casa do bancário Antônio Luís e de sua mulher, dona Zulmira, pais do Tarcísio, era daquelas casas com-

pridas que, após a primeira sala, tinha um longo corredor ladeando os quartos até à sala de jantar. Em seguida havia a cozinha, depois, o quintal. Um quintal de antigamente, com um pé de goiaba e outro de ata, um galo madrugador e muitas galinhas, algumas delas rudemente sacrificadas pela florescente energia de um sátiro de dez anos.

Tarcísio era o único varão da família, pois tinha apenas uma irmã. E solto no meio da rua, entre o jogo de bilas e as escaladas de muro para assistir clandestinamente, através de um providencial buraco, aos filmes do Cine Pio X que pertencia aos frades capuchinhos, era o rei daquele pedaço, o campeão das peraltices.

Estudou no Colégio Cearense, dos Irmãos Maristas, de graça. É que havia uma norma que assegurava estudo gratuito para quem tivesse um membro do clero na família, padre, frade ou freira. Dona Zulmira tinha uma irmã freira. Por isso, o Tarcísio ganhou a bolsa no Cearense e sua irmã no Colégio das Dorotéias. Agora, nesse campo, havia outra obrigação: o aluno beneficiado tinha que ficar entre os cinco primeiros de sua turma. Tarcísio, que era um pândego nas brincadeiras da rua, caprichava no desempenho escolar, disputando com o Haroldo Costa Lima o primeiro lugar.

Convivendo com outros arteiros de sua rua antecipou a adolescência e passou a viver ou a testemunhar precocemente pitorescas e mirabolantes aventuras.

Na Rua Solon Pinheiro, a rua vizinha da Barão de Aratanha, morava uma italiana, moça formosa, desejada por dez entre oito dos adolescentes daquele trecho da cidade e de quem mais a visse, com certeza. A bela era a musa de todos os pixotes e o personagem predileto de certas práticas libidinosas, principalmente dos condenados "atos solitários". Um vizinho de Tarcísio, conhecido

simplesmente como Bizet, só falava na italiana, chegando a declarar que "ela estava acabando com ele". Os colegas acharam que deveria ser tomada alguma providência imediata. E convenceram o apaixonado Bizet a forjar uma situação em que a desejada terminasse em seus braços, nem que fosse só por alguns instantes. Feito o plano, o grupo atiçou um cachorro, que saiu correndo em disparada com o Bizet em seu encalço, e do jeito que vinham entraram na casa da italiana. Ela estava saindo do banho envolta numa toalha que o cachorro puxou, deixando-a completamente nua. Bizet, então, agarrou-a sofregamente, alcançando o paraíso sem morrer nem nada.

Todo o grupo da Barão de Aratanha se sentiu abraçado pela ninfa e a história teve vários desdobramentos. Na Igreja do Coração de Jesus tem um repositório para ex-votos e agradecimentos por favores divinos alcançados. Induziram o felizardo que abraçara a nudez da italiana a colocar ali um cartão com o seu retrato e a frase de praxe: "BIZET AGRADECE UMA GRAÇA"

O frei Ambrósio terminou sabendo da história e fez um sermão inflamado contra os adolescentes tarados de sua paróquia.

A Igreja do Coração de Jesus foi um equipamento social de grande importância para todos os que cresceram em suas proximidades. Ir à missa e às novenas fazia parte da rotina de todas as famílias e oferecia aos adolescentes inúmeras possibilidades. No patamar da igreja e na sua pracinha toda aquela geração se encontrava, batia papo, soltava coió, flertava, namorava e se informava da vida do bairro. Ali também eram engendradas as malfeitorias e as artimanhas daquela malta de garotos liderada pelo Tarcísio.

Havia outra garota, belíssima, que namorava um português. A menina era das que enchem os olhos e acionam

lúbricos e ardentes desejos. A turma do TT achava uma injustiça ser justamente aquele português, um invasor de além-mar, o privilegiado espremedor da "gostosona", pois o namoro era animado, arrochado mesmo, e acontecia numa das portas laterais da igreja. Toda noite, assim que os frades fechavam o templo, eles apareciam e tome esfregação e acocho, beijos sôfregos e amassos mil, aproveitando-se daquela lateral ser pouco iluminada. A garotada adorava brechar a agarração, mas, depois, foram todos se enchendo de ciúmes e muita inveja da felicidade alheia. Uma felicidade que eles achavam indevida, lusitana demais para o gosto deles.

Por isso, o plano diabólico. Foi combinado que o Tarcísio, no cair da noite, se esconderia dentro da igreja, munido de uma chave de fenda. Assim foi feito. E quando todas as portas foram fechadas, ele começou a trabalhar freneticamente numa delas, justamente aquela em que o casal se escorava. Ajudado, talvez pelo diabo, rapidamente desatarraxou as dobradiças e, além do mais, amarrou um barbante longo fazendo a ligação da porta com o grande sino da igreja. Em seguida, abriu outra porta por dentro e saiu para juntar-se aos companheiros e esperar os resultados.

Ora, não deu outra. O casal chegou e logo começou o chamego. Eram de 9 para 10 horas da noite quando a porta desabou com um grande estrondo e a sonora badalada do sino. O sino tocando àquelas horas despertou a vizinhança inteira e todos acorreram para saber do que se tratava. No chão, esparramado um sobre o outro, o odiado portuga e sua "indecente" parceira ficaram expostos ao olhar escandalizado da cidade, dos pais de família, suas honradas esposas, pudicas filhas adolescentes e de todos os frades do convento, que haviam acordado com o barulho e toda aquela enorme confusão.

Os pais da moça, cobertos de vergonha, tiveram que despachá-la, urgente, de Fortaleza, enquanto o português era detido pelo comissário Apolinário, barriguda autoridade daqueles tempos, para prestar explicações e, em seguida, ser devolvido à Península Ibérica ("de onde nunca deveria ter saído"– segundo a mãe do Tarcísio) em nome dos bons costumes e da moral fortalezense.

A curiosidade era a principal virtude do grupo de pirralhos da Barão de Aratanha. Nos dias de confissões, os meninos ficavam observando as moças no confessionário, contando o tempo que cada uma demorava. A lógica era primária e sacana. Achavam eles que quanto mais demorasse a confissão e a penitência imposta pelo frade, mais pecadora era a mulher. E, convenhamos, uma grande pecadora sempre oferecia alguma possibilidade de cometer também com eles alguns pecadinhos bem gostosos...

Circunstância que gerou muito pecado foi a presença em Fortaleza de uma cantora de *rumba,* a caribenha Rayto Del Sol. Segundo o Tarcísio, *"a mulher tinha umas coxas...!!!"*

A gostosa deu um show na Praça José de Alencar, usando um saiote bem curtinho que quase mata todo mundo de tesão. E foi tal o sucesso que virou até marca de cachaça no Ceará. Ele ainda hoje baba relembrando as fantasias que construiu pensando na cantora e constata: *"Aquele pedaço de mau caminho nunca foi 'raio de sol', mas treva pura!"*

Na Rua Barão de Aranha vicejavam as artes cênicas. Os jovens amavam o cinema e sabiam tudo sobre diretores, atores, produtores. E havia também os afïcionados do teatro. Uns queriam ser artistas, outros pensavam em dirigir. Quando morreu a avó do B. de Paiva, Tarcísio foi ao velório. Lá encontra o amigo muito calado, muito concen-

trado. Solidário, o TT achou por bem conversar com o enlutado, dar uma força: *"É, companheiro, eu sei que você está triste, mas segura a barra que a vida tem disso".*

Ia falar outras palavras de conforto quando foi interrompido pelo B. de Paiva: *"Deixa de conversa mole, Tarcísio, e observa isto. Estais vendo aquela réstia de sol que atravessa a telha de vidro e bate bem na cara da defunta?! Imagine que grande cena, que grande tomada, que coisa ao mesmo tempo poética e soturna! Quando é que eu vou ter uma fuilmadora, meu Deus?!!!"*

Aliás, esse velório terminou de forma inusitada. A falecida, coitadinha, ficou com uma perna dura, enviesada, sobrando do caixão. Pediram ao neto que tentasse ajeitá-la para quando fossem fechar o esquife não haver problema. Mas quando o B. de Paiva pressionou a perna, o dorso da velha se ergueu, dando a impressão de que ela ia se levantar. Um alarmado gritou: "Olha gente, ela está viva!!!" Foi uma correria.

A pixotada da paróquia do Coração de Jesus não levava nada a sério. Para eles a igreja era um clube, um teatro, um lugar de diversão como outro qualquer. Um dia apareceu um frade de fora, italiano, talvez. Logo que aprendeu o português começou a ouvir as pessoas em confissão. Ficou escandalizado com o que ouvia e com a precocidade dos meninos da Paróquia do Coração de Jesus. Os fedelhos de 12 anos só pensavam em sexo e, embora não o praticassem por absoluta falta de oportunidade, "viviam se acabando na mão feito colher de pedreiro", como bem definia um experiente observador de costumes por aquele tempo.

O frade, educado na Europa, onde as pessoas demoram mais tempo para atingir a adolescência, não conseguia aceitar a sexualidade antecipada dos brasileiros, espe-

cialmente a dos cearenses que, devido ao calor, é mais precoce ainda. Então, resolveu partir para o carão.

Numa missa de domingo, a igreja lotada, o frade das "Oropa" fez um sermão enfurecido e condenatório. Achava que aquilo era uma perdição, um descalabro, a antevéspera do Apocalipse, o trabalho nefasto de Belzebu no meio da juventude que, ainda na puberdade, já estava se entregando ao onanismo e a pensamentos imorais de toda ordem.

O orador sacro foi se inflamando, tornando-se cada vez mais iracundo, mais exaltado, a voz tonitruante e já estava todo se tremendo como quem ia ter, já, já, um ataque de epilepsia.

As beatas estavam assustadas com o nervosismo crescente do pregador e uma onda de angústia e desespero envolvia a igreja. Enquanto isso, os onanistas contumazes, aqueles que no confessionário debulhavam a prática do vício solitário, o uso do espelhinho no pé para saber a cor da peça íntima das meninas e outras atraentes danações, divertiam-se a valer com o descontrole nervoso a que assistiam. Eles adoravam aquela situação: o frade sabia de todos as sem-vergonhices da turma, mas não podia fazer nada contra eles, pois tudo era segredo de confissão.

À determinada altura, uma paroquiana, uma velha enfermeira da Casa de Saúde César Cals, vendo que o frade começava a ficar roxo, gritou, apavorada: "Cuidado, frei, o senhor vai ter um troço!" A sádica turma do TT caiu na gargalhada.

E o homem teve mesmo um peripaco. Sentindo-se tonto e possuído por uma violenta dor de cabeça, interrompeu o furioso sermão e a missa, sendo levado para o Samdu, onde descobriu que estava à beira de um derrame cerebral.

Tarcísio e sua patota se sentiam responsáveis pelo episódio e, longe de qualquer remorso, prometiam voltar ao confessionário com novos e escabrosos pecados para acabar de matar o frade velho.

A Igreja do Coração de Jesus não agüentou tanto pecado e, no dia 15 de março de 1957, desabou com toda a sua antiga estrutura de barro e tijolo branco. A queda da igreja foi um acontecimento de grande repercussão, comentado, sobretudo, por não ter causado nenhuma morte: ninguém estava dentro do templo dos albanos, a não ser os pecados confessados pela cambada de amigos do TT. E, no mesmo lugar, foi erguido um novo e majestoso edifício para os ofícios religiosos daquele setor da cidade.

Tarcísio tinha aí pelos 16 anos quando entrou para o Rádio. Foi convidado pelo Ary Leite, que era produtor de um programa na Rádio Iracema, para falar sobre cinema, assunto que dominava já àquela altura. Depois, começou a assinar uma coluna no jornal "O Democrata", dirigido pelo Aníbal Bonavides. O jornal era do Partido Comunista e a Polícia ficava todo dia anotando quem saía e quem entrava na redação. Como era no aberto Governo Juscelino, os policiais não prendiam ninguém.

Quando foi fundada a Rádio Verdes Mares fez um teste, em que o examinador foi o Guilherme Neto, sendo aprovado, ele e o Blanchard Girão.

Como repórter cometeu algumas gafes históricas. A primeira foi quando entrevistava Emília Correia Lima, sua amiga de infância, Miss Brasil 1955, que acabava de se casar com um militar. Terminada a cerimônia nupcial, quando o casal descia da igreja, o ardoroso Tarcísio, com uma intimidade inteiramente despropositada, perguntou à noiva: *"E então, Emília, como vai ser a lua-de-mel? "*

A primeira namorada foi uma garota chamada Ivone, de quem ele mal se lembra. Porque o que lhe foi marcante mesmo foi a primeira vez que fez sexo. A experiência foi com uma jovem prostituta, moça branquinha e aparentemente sem grande quilometragem, oriunda certamente do Interior. O TT gostava de acompanhar o cronista Milton Dias e o poeta e jornalista Hélder de Souza em tardes de boêmia pela cidade. E, nesse dia, estava com eles bebendo uma cerveja no Passeio Público, quando passou a tal branquinha olhando "pidona" para o grupo. Estimulado pelos dois intelectuais amigos foi com ela para um chatô das proximidades, porque aquela era uma região povoada deles, o famoso Arraial Moura Brasil. Ele não disse à mulher que era a sua primeira vez, pois não queria passar recibo de inexperiente, e portou-se como se fosse um bom conhecedor das artes da fornicação. É que tinha havido muito treinamento nas esfregações e pinos com algumas empregadinhas mais afoitas da Praça Coração de Jesus e conhecia o rumo das coisas. A rapariguinha quase não falou nada e era muito passiva, muito parada, fingindo acanhamento e timidez. Sexo pobre, sem graça. E quando perguntei por que, então, havia sido marcante, Tarcísio respondeu: *"É que a maldita me encheu de carrapatos! Aqueles troços das virilhas, os malsinados chatos. Ah, desgraçada, passei uma semana aplicando aquele veneno fedorento, o Neocid, e morrendo de medo de empestar minha casa de carrapato de puta"*. Uma coisa marcante, sem dúvida.

Assim pontificou o trêfego e audaz Tarcísio Tavares no ardente País da Adolescência. Num tempo em que a Capital do Ceará ainda era uma cidade horizontal, com casas de quintais, namoros vigiados e o terço de fim de tarde. Cidade dos compadres, com parques e galamartes, lonas de circo e padres de batina. Era o tempo das muitas salas

de cinema, dos programas radiofônicos de auditório, das animadas músicas das campanhas eleitorais, da voz de ouro da Ayla Maria, dos cabelos cheios de brilhantina, das quermesses e leilões da Praça do Otávio Bonfim, das roupas brancas de linho, da vitória de Emília Correia Lima no concurso de Miss Brasil. Cidade dos subterfúgios, dengosa em seus disfarces e sutil na aventura do progresso.

A vida moderna, os tempos trepidantes, estavam ainda sendo inventados e o Tarcísio foi um dos seus autores.

Por isso a sua história é também a história de um extrato de tempo da cidade. Não da história oficial, sempre cheia de conveniências, mas da história verdadeira, a dos costumes, feita por todos, tecida no dia-a-dia pelas mãos produtivas do povo numa grande renda plural.

Tarcísio e sua geração fizeram esta história.

L.G. MIRANDA LEÃO – TT, FIGURA ÍMPAR DE FORTALEZA

Tarcísio Tavares, TT para os amigos, é figura ímpar desta Fortaleza meio caótica em trânsito e segurança. Sua característica principal é a lealdade aos amigos e a prestatividade para atendê-los. Não fala mal de ninguém, socorre quem o procura. Conheci-o há muito tempo, parece-me nos idos de 55, quando me iniciei na crítica cinematográfica.

Cinéfilo (desde quando, ainda garoto, ia ao cinema com papai e principalmente quando assistia no Mucuripe às filmagens de Orson Welles na década de 40, levado pelas mãos do velho) e estudioso da Arte do Século já no início dos anos 50, ouvi do saudoso amigo Darcy Costa a sugestão de escrever algumas notas críticas, comentando os filmes em exibição no Clube de Cinema de Fortaleza. Não parei até hoje.

À época fervilhava aqui o interesse pelo filme de Arte e TT fora um dos mentores de uma programação rica no Cine-Familiar, para a qual ele e Maurício Arraes conseguiram trazer até Fortaleza, pela primeira vez, o *Citizen Kane*, de Welles. TT e eu nos aproximamos por esse tempo, conhecimento capaz de estreitar-se em amizade após minha colaboração à Imprensa, primeiro em O Povo, depois nos Diários Associados, quando o Manuelito (ou Manecão, como muitos ainda o chamam hoje) me aceitou como crítico de *Unitário*. Encontrava-me amiúde com TT lá no jornal associado.

Freqüentei a espaços sua bela casa, quase uma mansão nas Seis Bocas, quando dos almoços domingueiros tão bem anfitrionados por ele e Marcília. Lá trocávamos idéias e fazíamos novas amizades, enquanto ele nos brindava com suas observações contra o 3º Mundo, hipérboles e críticas a tudo quanto havia de errado por aí. Os almoços saíam tarde, mas os drinques, vinhos, uísque ou cerveja eram sempre de origem estrangeira. TT nunca gostou de bebidas engarrafadas por aqui. Não gosta também de dirigir, adora andar de ônibus para ouvir e observar os falares e gestos do cearense típico.

Quando está de folga, costuma ir até os fins de linha para conhecer, como conhece, os bairros mais distantes, seja observando tudo como pesquisador *presepeiro* ou trocando idéias com os passageiros mais falantes. Hoje nos vemos quando vou à Oboé ou afinamos conversas sobre cinema, ele também um amante da Sétima Arte, sempre me estimulando para ministrar curso sobre o tema no Centro Cultural do dileto amigo Newton Freitas. Um dia vou fazê-lo, ilustrando pontos importantes das imagens em movimento, transmitir noções básicas de planos fixos e móveis, qualidades essenciais da narrativa cinematográfica, etc.

Quanto a algo acontecido com TT, não chega a ser um *causo,* pois me foi contado por ele mesmo em meio às suas costumeiras gargalhadas homéricas. Veja lá: numa de suas viagens à Europa, TT foi almoçar com um casal alemão, seu conhecido aqui da terrinha. Entre bebidas finas e tira-gostos, veio a notícia desagradável: a pia da cozinha entupiu e não havia como resolver a questão urgente do almoço. TT pensou: "Poblema!" (tal como um ex-chefe do CARIN do BNB, e o cômico Antônio Carlos, pai da atriz Glória Pires, em velhos humorísticos da TV Globo, pronunciavam a palavra). "É temos de sair para almoçar fora...". TT percebeu notarem certa inquietação no seu rosto, como se o casal tivesse penetrado em seu pensamento. "Não há problema", disse-lhe o dono da casa. Foi ao telefone e discou para um socorro. Dez minutos depois, chega uma espécie de ambulância e dela descem dois homens: pareciam médicos de roupas brancas e com estetoscópios, segurando caixas metálicas... Em menos de 15 minutos, tudo resolvido. O anfitrião apenas assinou um papel e agradeceu a visita.

TT então perguntou: "Quanto vai custar esse serviço?" – "Nada", respondeu-lhe o amigo, como estranhando a pergunta. "Aqui é assim, é um serviço para atender a quem o procura". TT gritou aos quatro ventos: "Primeiro Mundo! Estamos aqui realmente no Primeiro Mundo! Na minha terra teríamos ficado sem o almoço caseiro, teríamos de procurar um restaurante e algum técnico empírico (do tipo erro e acerto, erro e acerto...) teria vindo no dia seguinte (num domingo não há quem atenda ninguém) para tentar resolver a situação, e olhe lá...".

Este um simples depoimento sobre o querido amigo TT.

LUCIANO DIÓGENES – O FILÉ MAIS CARO DO MUNDO

Convidados pelo Clube de Diretores Lojistas (agora Câmara de Dirigentes Lojistas) de Fortaleza, há uns 20/30 anos, fomos (Marcília e Tarcísio, Eliane e eu) ao Rio de Janeiro acompanhar a Convenção Nacional do Comércio Lojista, Tarcísio Tavares como consultor de publicidade do CDL e eu como Assessor de Imprensa da entidade.

Antes da viagem ao Rio, TT leu uma notícia na coluna do intimorato Ibrahim Sued informando que o restaurante "Le Bec Fin" estava servindo o filé mais caro do mundo. Pronto, aí o homem só descansou depois que fomos ao restaurante. O file, coisa de "noveau-riche", custava nada menos, a preços de hoje, R$ 100,00 "per capita". Mas cartão de crédito é pra essas loucuras mesmo... Antes de vir o filé (um pedaço de carne com molho ferrugem, nada demais, pois aquilo era coisa de "marketing" do restaurante), vi TT conversando com o "maître" e lá vem a tigela com lavanda e água. Ele, sacanamente, ficou na espreita de eu beber a lavanda, que é para lavar as mãos. TT não teve êxito, pois este matuto de Senador Pompeu já sabia de que se tratava.

Tive a honra, e apenas uma vez, trabalhar lado a lado de TT, durante quase um mês, no espetacular lançamento da cerveja Astra do Grupo J.Macedo, uma coisa de doido, até um elefante o homem contratou para desfilar pelas ruas de Fortaleza. Foi nessa oportunidade que pude constatar sua extraordinária capacidade de trabalho e seu talento fora de série.

Tarcísio é fundador da primeira agência de propaganda de Fortaleza, a Publicinorte, associado a Maninho Brígido, isso há mais de 30 anos. Não estou exagerando

se escrever aqui que TT é um dos mais competentes publicitários, digno de figurar junto a Washington Olivetto e Nizan Guanaes. O cara é superbem informado, ligado direto nas TVs a cabo do mundo todo.

E ainda arranja tempo, nas tardes dos sábados, para ser jurado do programa de Will Nogueira, na TV Diário, em contato com o público B e C e colhendo algumas informações para seu trabalho como publicitário.

TT sonha em morar em Helsinque (Finlândia) ou em Reykjavic, na Islândia, para tomar a vodca nacional, não esse troço de vodca Orloff.

Ainda cheguei a ter em mãos algumas edições do jornal do corpo docente (alunos) do Colégio Cearense, chamado de ETC (Estuda, Trabalha e Colabora), onde TT escrevia uma coluna sobre cinema, uma de suas paixões, inclusive conversando sempre muito com LG de Miranda Leão, uma das 10 pessoas que mais entende de cinema no Brasil.

Naqueles bons tempos, tempos bons da década de 50/60, a gente ficava sentado nos batentes da Coluna da Hora, e só terminava o "papo" à uma hora da manhã. Antes do encontro, a gente comia um filé no restaurante do Alfredo Gurgel, na Rua Floriano Peixoto, muito mais gostoso e muito, muito mais barato do que o filé do "Le Bec Fin..." Como os ônibus só circulavam até meia-noite, a gente ia andando até nossas casas, sem nenhum medo de assalto. Eu morava no último quarteirão da Rua Assunção, já perto do quartel do 23 BC. Ia mesmo a pé, pois não tinha dinheiro para pagar o táxi. Hoje, só faria esse trajeto num tanque do Exército...

Meu forte abraço, velho amigo, amigo Tarcísio Tavares, quando comemoramos seus *primeiros* 70 anos de vida.

LÚCIO BRASILEIRO – GOSTO PELA VIDA SOCIAL

Tarcísio Tavares sempre teve muita sede pra vida social, mas isso só se tornou possível após seu segundo casamento com Marcília Lima.

Tive a primazia de lançá-lo, quando o convidei para um almoço que a anfitrioa, Chiquita Gurgel, que instalara um salão nos arredores da Praça Portugal, ofereceu a meu amigo Eugênio Carlos Barbosa, que se tornaria a seguir nacionalmente conhecido como entalhador Batista.

Tarcísio e Marcília desenvolveram sua gana de receber em três casas, as duas primeiras, bem modestas, eram alugadas, na Avenida Desembargador Moreira e na Rua Leonardo Mota.

Na Desembargador Moreira, aconteceu um fato bem pitoresco. Quando a pedido do Tarcísio fiz mestre Marcelino de Carvalho passar por lá para um drink vespertino.

Lá estava uma moça não prevista, que eu não conhecia, e que ouvindo Marcelino discorrer sobre os melhores vinhos do mundo, lhe perguntou: O senhor já tomou o Precioso?

A resposta não podia ser outra, não, mas a moça não se deu por achado: "Pois precisa tomar".

Depois eu soube que se tratava de uma ex-colega de colégio de Marcília, que viu no jornal e pediu para conhecer o grande Marcelino, árbitro do bom tom, do bom comer e do melhor beber.

A casa das Seis Bocas, construída em grande parte graças à benquerença de Rossi &Sergei pelos Tavares, também se prestou a interessante estória.

O Esmerino Arruda me pediu para entrujar um almoço para um grupo de convidados paulistas, que queriam curtir uma carne-de-sol.

Falei com Marcília, que se prontificou, e como minha cozinheira era a banqueteira Rita, me dispus a levar a comida.

Quando foi servida, achei que estava salgada, e dei essa opinião em alto e bom som.

A Marcília reagiu: Você nada entende de carne, está ótima, no ponto.

Os paulistas testemunharam assim algo inusitado, um convidado falando mal da comida e a dona da casa o chamando de analfabeto no assunto.

Mas apesar do belo trabalho do Rossi e do Sergei, e até mesmo das melhorias monetárias do casal, para mim o grande tempo de Tarcísio e Marcília foi na casa alugada da Desembargador Moreira.

LUSTOSA DA COSTA – TARCÍSIO, CINQÜENTÃO

Convidaram-me para a festa do primeiro cinqüentenário de Tarcísio Tavares. Embora a crise, que morde fundo o bolso do assalariado, não me recomende deixar Brasília, tenho de descobrir uma maneira de participar das comemorações. Preciso ir. Enfim, se Tarcísio não está rico de dinheiro, em parte, deve aos bons uísques e vinhos de sua adega que, eu, tu, Lúcio Brasileiro, Milton Dias, Guilherme Neto, Emílio Burlamaqui consumimos. É uma amizade que vem dos tempos paleontológicos do Edifício Pajeú, eu no segundo andar, trabalhando na Ceará Rádio Clube, ele gastando espírito e sal no quarto andar, na Rádio Verdes Mares. Solteiro de segunda mão, TT tornou-se o rei dos clubes suburbanos.

Nunca pude esquecer o episódio em que ele, julgando-se nas Bodas de Caná, na Avenida Beira-Mar, ao lado de Geraldo Fontenele, arranjou uma Maria que lhe lavou os

pés. E os ungiu, decerto, com incenso e mirra. Depois de pesquisar a fundo nossas raízes populares, passou à publicidade com Ayrton Rocha. Graças a ambos, participamos de "O perfil da cidade", inteligente programa patrocinado pelo Grupo J. Macedo. Lembras-te da festa que Chiquita Gurgel deu para comemorar seu lançamento, com a presença do governador Parsifal Barroso, tout le monde, a anfitrioa declamando poemas febrilmente eróticos para o julgamento implacável do romancista João Clímaco Bezerra? Trata-se de um velho amigo, que como os vinhos (não é, Otacílio Colares?) se torna, com o tempo, cada vez melhor. Um companheiro nas espaçosas dimensões de um Guilherme Neto. Com alegria de viver, senso de humor e um sentimento de justiça que não o abandonam. O TT é uma alma ensolarada. Somente luz, música, alegria de viver. Nada de sombras, recantos escuros. Não tem porões sombrios. Nem lôbregas águas furtadas. É claro, límpido como riso de criança. Devo repetir-se ainda que, depois dos 40 anos não se pode perder um só amigo. Muito menos precioso como o TT.

É preciso cultivá-los, mantê-los.

MINO CASTELO BRANCO – PILOURAS SEDUTORAS

Conheci o TT através do danadíssimo Hélio Mota. Fazíamos Direito na UFC. Eram os anos sessenta com direito a Beatles, Jovem Guarda e festivais. Hélio nos levou até a Publicinorte onde Tarcísio Tavares gestava suas elucubrações. Íamos em busca de uma orientação para a promoção de uma festinha na Faculdade. Nos acompanhava uma garota belíssima, uma pré-bacharelanda que fazia parte da comissão organizadora da tal festa.

Ficamos algum tempo na sala de espera. Aí, o tal TT adentrou efusivamente, acompanhado pelo boy da agên-

cia. Deu um escandaloso abraço no Hélio que tentou em vão me apresentar. TT olhava boquiaberto, pasmo, alucinado, para a garota. Olhava-a de cima para baixo, de baixo para cima, como um Sherlock Holmes à procura de um crime. Em seguida, após as incontroláveis olhadelas que vasculhavam todas as regiões da bela moça, entremeados por piscadelas nervosas, soltou um longo gemido, um AAAAAAIII tremido, tremelicante, suave a princípio, depois estridente, que teve o seu grã-finale num desmaio cinematográfico. TT jogou-se para trás, duro, teso, prestes a se estatelar no chão. Mas o boy, com uma agilidade circense o segurou maestrando a queda. TT gemia ainda.

O boy pegou uma revista TIME na cestinha decorativa da sala de espera da agência e o abanou reanimando-o. TT reerguido começou a beijar a mão da nossa colega e não a largava mais, todo agitado, sacudindo-se como um cachorrinho depois do banho. Nos ignorava. Só fazia gemer: AAAAAIII...AAAIII...Ou, então: Hein? Hein? Quem é você minha filha? Hein? Hein? Mande esses dois embora e venha conhecer nossa agência. Que tal, hein? Hein?

A colega não sabia se achava graça ou ficava séria, não conseguindo ficar à vontade com os cavalheirescos, mas atrevidos beijos saltitantes que TT começava na mão e subia até o ombro da belíssima moça. Olhei para o Hélio e disse:

– Pensei que ele ia se lascar naquela queda.

– O desmaio? – respondeu Hélio achando graça – É tudo combinado. Aquele rapaz é treinado pelo TT. Aliás, ele vai levar um cagaço medonho quando a gente sair.

– O que ele fez de errado?

– Dia desses, eu assisti o treinamento. Tarcísio é rigoroso nos detalhes.

Ele era pra ser abanado com a Playboy e não com a TIME.

MAURÍCIO SILVA – DOSSIÊ TT

CONFIDENCIAL!

DOSSIÊ TT

1 Sexualidade precoce

CONFIDENCIAL

DOSSIÊ TT

2 A vida é o trabalho

CONFIDENCIAL!

DOSSIÊ TT

3 O estilo de ser TT

CONFIDENCIAL

DOSSIÊ TT

4 De caso com a propaganda

NARCÉLIO LIMAVERDE – DESDE O COLÉGIO CEARENSE

A primeira vez que vi Tarcísio Tavares foi no Colégio Cearense, onde ele comandava como mestre-de-cerimônia a reunião do Grêmio, salvo engano de denominação José de Alencar. Ele, muito jovem, estudante dos Irmãos Maristas, no tempo em que eles vestiam batina com papo branco, conduzia com muita categoria os encontros dos jovens daquele educandário preferido pelos pais mais abonados ou dos pobres metidos à besta, como o meu, seu Limaverde. Depois fiquei entusiasmado com sua presença no rádio. Ele na Rádio Uirapuru, do Zé Pessoa de Araújo e do Aécio de Borba, criou, salvo engano, o primeiro programa com notícias policiais, com um estilo próprio sem sensacionalismo. Mesmo porque naquele tempo os artistas dos programas policiais eram mais os ladrões de galinha, os chamados lunfas de penas. Naquela época em que os ladrões tinham medo dos cidadãos. Bastava um "pega o ladrão" e o meliante saía em desabalada carreira.

Fui reencontrar o Tetê das madrugadas, nos finais de noite na Praça do Ferreira. Ele era conhecido como Tetê das madrugadas, justamente por causa de sua presença no último ônibus que saía do chamado coração da cidade, como falava os reclames da loja Flama, símbolo de distinção, do seu Romeu Aldigueri. Eu não demorava muito porque já vinha do trabalho encerrando a velha perrenove do doutor Manuelito, depois de apresentar o programa Música à Meia Luz, com melodias que eram um convite ao ouvinte dormir o que, com toda certeza, afastava a audiência. Ele comandava a roda na praça porque sempre tinha boas histórias, como refinado contador de causos, embora jovem ainda.

Tarcísio esteve também na Rádio Verdes Mares, na época pertencente a Paulo Cabral de Araújo e dirigido por José Júlio Cavalcante. Contavam que a Verdes Mares, até então pertencente aos Diários e Rádios Associados, fizera parte de indenização dada por João Calmon a Paulo Cabral, que cometera o "crime" de, dirigindo os Associados em Belo Horizonte, Minas Gerais, abalar o prestígio de Juscelino Kubitschek. Era o que diziam na velha perrenove...

Na Verdes Mares, Tetê certo dia apresentando um jornal disse com tanta graça uma manchete que o jornal foi interrompido com a saída dos demais locutores, creio que Dilson Silveira, funcionário do Banco do Brasil. Dilson posteriormente perdeu a condição de radialista por alguns dias porque, pensando estar o microfone desligado pronunciou um palavrão, aquele bem grandão, que identifica o homossexual, no Ceará. Mas, não foi isso que motivou o problema no Rádio Jornal. O caso foi o seguinte: Estávamos no sábado anterior à Semana Santa e o Tarcísio trouxe a seguinte manchete: "Chegou o bacalhau". Isso foi dito com tanta graça e competência que motivou o final da edição do jornal matutino pela impossibilidade do outro locutor continuar, pois teve uma crise de riso.

Tarcísio também foi personagem de um encontro com uma fã na escada da emissora de conseqüências tristes para ele. Ele estava no estúdio quando viu a chegada de uma fã das mais ardorosas. Daquelas que acha tudo do seu eleito o melhor, falando ou agindo. Aproveitou uma distração da garota e saiu correndo em direção à escada do Edifício Pajeú. A Verdes Mares funcionava no quarto andar do prédio. Tarcísio tropeçou e caiu quebrando o braço. E não escapou da fã que o levou até a Assistência Municipal. E ficou ao seu lado até que ele retornou pra casa com o braço na tipóia...

Também publicitário competente, certa vez Tarcísio criou problema quando escreveu um comercial falando em nudez, parece-me que para a loja Rouvani, numa época em que tudo era feio, pecado e fiscalizado pelo arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa. Este chegou a enviar ofício ao doutor Manuelito reclamando do anúncio. Certa vez, eu, como responsável pela programação no ar, da TV Verdes Mares, Canal 10, a nota máxima em televisão, constatei que um slide estava de cabeça pra baixo. Imediatamente mandei retirar o comercial. No dia seguinte tomei conhecimento que era pra ser daquele jeito mesmo. Era da agência do Tarcísio Tavares. Fiquei então avisado sobre os publicitários locais. Na semana seguinte apareceu um comercial sem som, completamente mudo. Perguntado por alguém da operação, pelo suíte, creio que o Sebastião Belmino, disse em tom de resolução:

"Deixe como está. Pode ser bossa de publicitário". E era mesmo...Perspicaz e inteligente, certo dia na Praça do Ferreira, na calçada da Leão do Sul, local de muito caldo-de-cana com limão, ele me chamou a atenção sobre muitos comerciais que gravava. "Cuidado para não ficar comum", disse-me Tetê. De princípio não gostei. Feriu-me a vaidade de radialista, locutor dos brotinhos e preferido pelos anunciantes para suas gravações. Compreendi depois a lição que estava recebendo do Tetê das Madrugadas, este setentão, que conhece o mundo todo e comanda na Oboé um roteiro de muitas atrações literárias e musicais. Um abraço pra ele e muitos anos de vida. Pensei que você, Tarcísio, era mais novo do que eu muitos anos. Você está fazendo setenta. Não lhe dou nem 68. Admiro em você, Tetê, sua lealdade, competência e criatividade.

NILTO MACIEL – GRITOS DE AMIGO

Caro Lustosa, não conheci muito o Tarcísio, porque ele já era um sujeito famoso na cidade e eu apenas um estudante à procura de emprego. Lembro-me apenas da primeira vez em que o vi de perto. Caminhava eu pela Liberato Barroso, numa tarde, quando encontrei o poeta José Maria Mapurunga. No meio da conversa surgiu o assunto emprego/trabalho. Perguntou-me o amigo se eu queria assumir o lugar dele de redator da Publicinorte, de onde acabava de se desligar, amigavelmente. Ora, eu não sou redator publicitário. Nunca redigi uma só frase de propaganda. Mapurunga não me deu ouvidos: Você tem capacidade e assumirá o meu lugar. Vamos conversar com o Tarcísio. Recebidos aos gritos (Tarcísio não falava, gritava), perguntou-me onde eu havia trabalhado. Inventei: na Paulista Publicidade e Propaganda, de São Paulo. Trouxe a carteira de trabalho? Não, não assinaram a carteira. Então vamos fazer um teste. Escreva um slogan para um ônibus interestadual. Escreva cem ou mais frases. Passei o resto da tarde diante da máquina de escrever. Leu em pé as frases, olhou para mim e me deu outra tarefa. Estava empregado. A toda hora ele aparecia às salas de redação, criação, desenho, sempre a falar alto, como se brigasse. Certa feita comentei com um colega: Esse sujeito só sabe falar assim aos gritos? É o jeito dele. Mas o coração é do tamanho do mundo. E compreendi que murmurar pode ser atraiçoar. Tarcísio Tavares pode até murmurar, mas seus gritos são amigos, de alerta, de ajuda. Como os gritos do pai que se irrita com o filho preguiçoso. Que Tarcísio se mantenha alerta por muitos e muitos anos! E que grite sempre, para nos dizer "Estamos vivos". Não sei mais o que dizer.

PAULO ROBERTO PINTO – A BOEMIA ESPIRITUAL DO TT

Nada mais saudável do que falar sobre a personalidade de Tarcísio Tavares, principalmente se o situamos há já algumas décadas decorridas, em plena Praça do Ferreira, que era o centro dinâmico de Fortaleza naqueles idos.

Quero referir-me particularmente aos movimentos de que participamos em conjunto naquela época chamada a "época de ouro" da vida de nossa cidade, cuja população situava-se em torno de 380.000 habitantes, ou seja, dentro dos parâmetros estipulados pelos sociólogos e antropólogos contemporâneos para a caracterização de cidades chamadas "MEIO-TERMO" (ideais para se morar), assim entendidas as que medeiam entre 400.000 e 800.000 habitantes. É que a partir de 1.000.000 (um milhão) a convivência citadina começa a complicar-se em maior ou menor grau para qualquer lado do mundo, consoante os rigores da lei penal vigente em cada país.

Faço este prolegômeno para se poder compreender o panorama no qual nos situávamos juntamente com TT e outros boêmios no sentido mais espiritual do termo, que fizemos da Praça do Ferreira o centro de nossas reuniões noturnas, para debate dos temas políticos e sociais contemporâneos.

Que diferença vislumbramos hoje daquela fase benfazeja em que nós estudantes ficávamos na praça até altas horas da noite a discutir os problemas nacionais da época e podíamos voltar para casa a desoras, muitas vezes a pé, pois os transportes coletivos só funcionavam até onze da noite. E voltávamos tranqüilos, pois nada nos acontecia, em termos de agressividade ou violência.

Este era o panorama de vida em que nos situávamos por aqueles tempos ditosos, pois é nosso propósito neste

relato descrevermos o TT e sua turma naquele momento de tantas e tão fagueiras relembranças. Para recordar nomes dos freqüentadores do nosso banco, podemos enumerar os de Milton Dias, Luciano Gaspar, Carlos D'Alge, Antônio Girão Barroso, Hesíodo Facó, Ezaclir Aragão, Gabriel Lopes Jardim, Olavo de Alencar Dutra e João Ramos, dentre outros.

Todos os que conhecemos Tarcísio Tavares sabemos ser ele uma personalidade multifacetária. Mas neste enfoque queremos retratá-lo apenas naquela fase, como um inovador nas abordagens de Imprensa, criando-se então uma forma irônica e crítica, a um tempo, de fustigar o soçaitismo vigente na ocasião.

A fórmula adotada foi em flagrante antagonismo ao endeusamento da chamada alta sociedade, partindo-se para a criação de um soçaitismo suburbano que tinha como palco os clubes de bairros operários ou afastados e aguçava a vaidade dos grupos sociais periféricos. Foi aí que surgiram e se desenvolveram clubes como o Santa Cruz (Jacarecanga, próximo ao cemitério); Clube Recreativo Carlito Pamplona; Araxá Clube; Tiro e Linha (São João do Tauape); Vila União; Cotó (Clube Recreativo Cotonifício Leite Barbosa); Romeu Martins; Terra e Mar (Mucuripe) e General Sampaio (Clube dos Sargentos do Exército), dentre outros.

E todos estes tinham seus líderes e figuras destacadas que eram exaltados numa espécie de crônica social de segunda linha. Pois nessa ocasião floresceram grandes promoções saídas da mente inspirada de Tarcísio Tavares, que dentre outras (só para citar como exemplo) concebeu e criou uma festa retumbante denominada "A mais bela flor do Araxá", que atraiu e galvanizou multidões suburbanas para escolha da mais bela moça da periferia de Forta-

leza. Foi um sucesso descomunal que reuniu mais de mil pessoas na sede e adjacências do clube promotor.

E havia torcidas organizadas que chegavam às vezes às vias de fato (sem uso de armas) engalfinhando-se em rápidos entreveros prontamente acalmados pela ação de robustos seguranças. Às vezes, tais manifestações de discordância respingavam sobre componentes da mesa dirigente da escolha das Misses, se surgia alguma desconfiança de protecionismo a certas candidatas. Este foi o caso típico de Luciano Gaspar que imprudentemente assumiu a liderança em prol de uma determinada postulante e teve até de pular o muro do Clube para proteger-se da perseguição de um grupo favorável à candidata prejudicada.

Havia, pois, até lances grotescos que davam a esses bailes características inusitadas. Mas era isso mesmo que atribuía a tais entreveros sabores típicos e inesperados, alvo depois de comentários e mangoças nos bancos da Praça do Ferreira.

Outra característica da vida do banco eram as discussões políticas travadas encarniçadamente por figuras como Ernando Uchoa Lima (Lacerdista exaltado) e Gabriel Lopes Jardim (comunista) que chegavam quase a engalfinhar-se na discussão de temas definidos pela UDN e em contraposição pelo Partido Comunista. Outros que esporadicamente compareciam era Luciano Magalhães, Aquiles Peres Mota, Alberto Leal Nunes (udenistas), talvez convocados por Ernando Uchoa (para reforçar-lhe os argumentos), além de Francisco Vasconcelos de Arruda (pessedista), José Cláudio de Oliveira e Francisco José Amaral Vieira (ademarista), todos defensores exaltados de idéias conflitantes.

Mas as divergências eram no plano ideológico e jamais houve sequer assomos de exaltação que conduzisse

a ofensas pessoais entre os contendores que se respeitavam mutuamente e terminavam tais querelas com a confraternização de um cafezinho ou com o bebericar de alguns goles de cachaça em bares adjacentes, na mais pura cordialidade.

Dentre os freqüentadores os que como o autor deste relato e o Tarcísio Tavares nos comprazíamos em instigar os contendores, em estimular os debates ora apoiando a um ou ao outro grupo, de molde a despertar a competição entre todos.

Creio que a tão reconhecida e admirada verve de TT se deve muito àquela convivência diuturna que estimulava a sua imaginação prodigiosa.

NEWTON FREITAS – TARCÍSIO TAVARES, INCENTIVADOR DA CULTURA

Entre a imensidão do ontem e do amanhã, estamos nós representando o nosso papel hoje, no nosso pequeno espaço. Alguns passam como o vôo do pássaro, sem deixar rastro. Outros deixam as pegadas. As pegadas são as obras. As obras mais edificantes não são as materiais, mas as imateriais, ou seja, as mensagens, as obras verdadeiramente duradouras, livres da força da destruição dos tsunamis e dos furacões.

A vida do TT não flui como vôo de passaro. Sem falar em suas incursões no jornalismo (o programa da "carrocinha" no rádio), TT tem suas pegadas marcadas na história da publicidade e da propaganda cearense (notabilizou-se pela criação de frases de efeito, tipo "baratal Ocapana") e, mais recentemente, na história da cultura cearense.

Tudo tem o seu tempo, e há tempo para todo o propósito sob o céu, observou Coéler.

Ao lado de suas atividades como profissional da área de publicidade e propaganda, TT vem-se dedicando, com afinco, aos lançamentos de escritores, poetas, músicos e artistas plásticos. Esse importante trabalho, ele o faz com gosto, e porque com gosto, o faz com obstinação.

Em sua leveza diante da vida, certamente não preocupa ao TT a riqueza ou o favoritismo, pois, como ponderou o mesmo Coéler, a riqueza não é para os homens esclarecidos nem o favoritismo, para os homens de talento.

Em sua leveza diante da vida, TT sempre conseguiu pensar e gerir a própria vida, a maior das tarefas, pois viver adequadamente é a nossa grande obra-prima, avaliou Montaigne (esse ensaísta se conheceu a si mesmo como nenhum outro homem, afirma Harold Bloom, inglês, historiador).

Porque sabe pensar e gerir a própria vida, TT não se deixa inflar a si mesmo com apenas vento, tal como comentou Montaigne a respeito de homens no mundo da ostentação. Inflados com apenas vento, esses homens saem quicando como bolas. Na vida, porém, deve-se resguardar o simples, manter o objetivo em vista e seguir a natureza.

Desde o início das atividades do Centro Cultural Oboé, na Rua Maria Tomásia, 531, em setembro de 2001, TT está no comando das noites de quarta-feira (um "show" musical) e de quinta-feira (lançamento de livro).

Com a inauguração da Livraria Oboé, de autores cearenses, no Shopping Center Um, TT reservou as noites de terça-feira para lançamentos de livros, CDs e DVDs.

Mais ainda: com a implantação do Anexo Maria José Lopes de Freitas, TT leva quinzenalmente para a Comunidade São Vicente de Paulo uma atividade cultural ("show" musical ou "performance" de poesias), numa complementação ao Projeto Oboé de Cidadania, criado em julho de

2000 para o enriquecimento cultural e social de crianças e adolescentes residentes na referida comunidade (de 2000 a 2005, além de prestar benefícios a 325 famílias, 525 crianças e adolescentes receberam reforço educacional por meio do Projeto).

TT vibra com o sucesso do livro, do CD ou DVD ou da obra de arte. Incentiva os mais jovens e os mais velhos.

Newton, o TT deixa de atender a todos os convites para não faltar aos compromissos no Centro Cultural Oboé e na Livraria Oboé, disse-me Marcília, sua adorável esposa, pessoa também identificada com movimentos sociais e culturais.

No jornalismo, foi orientador de diversos profissionais, testemunha Pádua Lopes, superintendente do Diário do Nordeste. Na publicidade e na propaganda, também. Newton, TT muito ensinou a Assis Santos (posteriormente, também destacado empresário do ramo), contou-me Maninho Brígido, seu sócio na Publicinorte.

TT destaca-se como o diretor de Comunicação do Instituto Cultural Oboé, fundado em 02 de janeiro de 2002 para centralizar as atividades culturais e sociais patrocinadas pelas empresas do Grupo Oboé. Essas atividades, como posiciona o TT com entusiasmo, não são meras ações de "marketing", destinadas ao cliente e ao mercado, mas contribuições de ordem conceitual, destinadas ao cidadão e à sociedade.

Essas contribuições, como sempre lembra o TT, iniciaram-se muito antes da atual força adquirida pelo conceito de responsabilidade social nas empresas, pelo qual a validade de uma empresa vai além de seu desempenho individual.

A empresa válida não atua apenas como um agente econômico, mas também como um agente do desenvol-

vimento social e de criação de riquezas. Significa preservar o patrimônio interno e externo, estar continuamente preocupada em criar utilidades para a satisfação de seus clientes, manter e desenvolver seus patrimônios humano, cultural, tecnológico, econômico e material, ressalta TT.

NEWTON PEDROSA - "MULHERES, MULHERES, *WHISKY*, AVE"!

Conheci Tarcísio Tavares no início da década de 60, trabalhando juntos na Rádio Uirapuru de Fortaleza do saudoso José Pessoa de Araújo. Eu, me iniciando no radiojornalismo e ele, recém-chegado do Rio de Janeiro, fazendo publicidade e programas de humorismo. Destes, o de maior repercussão era sem dúvida "Almanaquinho do Ar". Uma sátira aos políticos, principalmente vereadores que eram chamados de gaiatos quase sempre, e aos tipos populares da cidade, irradiada de segunda a sábado ao meio-dia e meia. Encerrado o expediente, à noitinha saíamos a conversar e a passear pela Praça da Bandeira (Faculdade de Direito) onde se localizava a emissora, e adjacências, mas sempre para lugares onde houvesse meninas bonitas. Era prosa que não acabava mais!

Certa noite convidou-me, e aceitei prazerosamente, para irmos a umas quermesses que se realizavam na Praça José Bonifácio, no bairro do mesmo nome, onde se instalava vistoso parque de diversões, feéricamente iluminado, com um serviço de alto-falante a irradiar músicas e mensagens sentimentais, e convidar as pessoas ao divertimento. Aproximamos-nos de uma 'ola' gigante, toda iluminada, TT procurou o dono, gerente, ou seja, lá o que fosse, e indagou quanto custaria "dar algumas voltas".

Acertado o valor, ele, entretanto, impôs uma condição: só subiriam mulheres em nossa companhia. Marmanjos, não! Esperou-se um pouco que a 'ola' ficasse lotada de mulheres, e nós subimos. A geringonça pôs em movimento, e quando nossa cadeira chegava lá em cima, no alto mesmo, ele se levantava e gritava pro pessoal: "Mulheres, mulheres, mulheres! *Whisky*!" Gostou tanto da esculhambação que, encerrada a rodada, contratou para que a dose fosse repetida. Novamente em movimento a geringonça, e ele: "Mulheres, mulheres, mulheres! *Whisky!*".

– O movimento, revolução ou golpe militar contra João Goulart instalou-se no País, e o ambiente tornou-se tenso em todas as rodas e em qualquer lugar. A boataria sobre prisões e fugas dos adversários do novo regime se alastrava e causava pavor. Certa noite, cerca de onze horas, casado há pouco, eu já dormia em minha casa no proletário bairro Jardim América, então, vizinho, portanto do jornalista Dilcimar Oliveira. Bateram-me à porta, levantei-me e fui ver quem era! Era Tarcísio Tavares que descera de um bonito Simca Chambord, carro de luxo na época, no qual se encontravam três sujeitos inclusive o motorista, cujos rostos não dava para reconhecer face à escuridão ou pouca luz. Calmo e falando baixo, como a cena exigia, disse sob intenso mistério: "Estou aí com Lúcio Brasileiro e um capitão do Exército, que veio da Bahia para investigar você sobre as coisas que sabe e fala da Revolução!"

Fiquei inquieto e, apreensivo, vesti-me, despedi-me carinhosamente da mulher amada e jovem ("Lá vai meu herói"), temeroso de que não voltasse mais naquela noite, e ele mandou que eu sentasse no banco dianteiro entre o motorista e o capitão. Atrás, Tarcísio e o Lúcio Brasileiro. O suposto militar se apresentou a mim, disse quem era e a que viera, o automóvel, que era do Brasileiro, deu partida, aparentemen-

te sem destino, mas no rumo da Praça do Ferreira, e o falso capitão começou mais ou menos assim o interrogatório:

– "O que o senhor acha da Revolução?" Respondi se o povo gostava da Revolução era porque era boa. – "Mas o senhor vem escrevendo notas contra os militares...". – "Não me lembro". E o carro em movimento! – "Temos informações de que o senhor participava ativamente daquelas badernas como estudante na Faculdade de Direito". – "Mas era contra o governo do Jango", contra-ataquei. E saiu nesse diapasão por aí. A essa altura, o tal capitão mandou tocar o carro pára o sóbrio Oitão Preto no Passeio Público. No banco traseiro, TT e Brasileiro resmungavam e procuravam manter o riso. Rodamos, rodamos e, lá para uma hora da manhã o automóvel para em frente a um hotel na Praia de Iracema onde se situava no térreo, o famoso restaurante Panela. O 'oficial' desceu, descemos, e ele abriu o jogo: "– Meu amigo, não sou nada de capitão, mas publicitário em Salvador, amigo do Tarcísio e do Lúcio, que resolvemos fazer uma brincadeira com você". A gargalhada foi geral, senti-me aliviado e fomos beber no Panela. Enquanto o Tarcísio gritava vez por outra: "Mulheres, mulheres, mulheres, Whisky!" E esse é o TT que conheci e conheço. Descontraído, profissional criativo, amigo sincero, e presença requisitada onde houver benquerença. "Mulheres, mulheres, mulheres! Whisky. Ave!".

PAULO LIMAVERDE – AS 3 FASES DA VIDA DE UM HOMEM...

Primeira fase – A POBREZA

"Todo homem inteligente vive poucos dias de pobreza" – já dizia um amigo do TT, Álvaro César Cordeiro Torres. Assim aconteceu com o Tarcísio, o rapaz pobre da

Rua Barão de Aratanha que sempre tornou a vida fácil graças à sua inteligência. Ali pertinho do Convento dos Frades Capuchinhos TT esquematizou sua vida futura. Até hoje segue o mesmo esquema adredemente traçado e não sai um momento sequer desta linha imaginária de vida. Sua permanência na Barão de Aratanha foi efêmera, pois logo amealhou alguns trocados e se mandou pro Rio de Janeiro onde foi garimpar conhecimentos na doce arte de comunicar...Passado algum tempo, eis que TT retorna com armas e bagagens pra Fortaleza, onde "sentou praça" na velha perrenove. A primeira inovação na programação da então poderosa Ceará Radio Clube, foi criar um programa de críticas intitulado "A Carrocinha" que utilizava dois personagens que, na qualidade de garis, tocavam uma carrocinha de lixo pelas ruas de Fortaleza a recolher os malfeitos dos administradores públicos. Foi um sucesso! Todas as vezes que se queria criticar uma má ação se usava o bordão do programa-"bota na carrocinha!!" Tornou-se parte do linguajar do fortalezense.

Passado algum tempo, TT mudou-se para a Rádio Uirapuru onde lançou o primeiro programa policial pelo Rádio. "Nos Bastidores Policiais" era o título do mesmo. Foi aí que o Tarcísio começou a sua ascensão e iniciou a 2ª fase de sua vida...

Segunda Fase - A ASCENSÃO...

"Para se tocar uma vida boa não se deve complicar nada. Complicada é a oração Salve-Rainha, que até hoje tem cristão convicto que não a entende..." Palavras sábias do jornalista J. Ciro Saraiva. Pois bem, o TT nunca complicou sua vida e nem complicou a vida de ninguém, daí a razão de seu sucesso profissional. Vamos saltar alguns lances do TT no meio radiofônico e vamos chegar até a

criação da primeira agência de publicidade do Ceará a PUBLICINORTE. Em parceria com o então diretor comercial do Correio do Ceará e Unitário, Dudu Brígido, Tarcísio fundou a mais famosa agência de todos os tempos e instalou-a no 2º andar do Edifício Triunfo na Rua Liberato Barroso esquina com General Sampaio. Paralelamente estava nascendo a TV Ceará -Canal 2 que foi a grande alavancadora da publicidade no Ceará. TT entendeu tudo isso e mergulhou de corpo e alma nas atividades televisivas. Foi aí que aconteceu o "boom" da criatividade do Tarcísio. E começou a prosopopéia que marcou época na cidade. Enquanto faturava alto com os anúncios, TT desenvolveu através de programas televisivos uma série de mudanças de comportamento na sociedade local. Eis alguns dos programas...

TV JUVENTUDE

Apresentado aos sábados por Paulo Limaverde. Foi o criador de um mito chamado Mário Monteiro, um baiano sobrinho do Dudu Brígido que trabalhava durante o dia nos Correios e à noite era revisor dos jornais Associados. Mário era uma espécie de filho do Dudu. De baixa estatura, voz rouca e sem nenhum atrativo físico, foi alçado à condição de ídolo das meninas sonhadoras de então. Para chegar a tanto, no início de toda condição de símbolo sexual, Mariozinho tinha suas roupas rasgadas pelas fãs especialmente contratadas pelo TT para tal. Chegou a desfilar de carro aberto pelas ruas do Centro de Fortaleza, debaixo de aplausos da multidão de mulheres que adornavam as calçadas do trajeto. Chuvas de papel picado eram jogadas do alto dos prédios saudando o Mariozinho. Tudo um verdadeiro esquema forjado pelo TT para debochar de uma cidade que assistia estarrecida às peripécias do

Mário Monteiro. E tem mais...Vou contar o resto daqui a pouco...

ASCENSÃO III
A CONSOLIDAÇÃO

Este capítulo é dedicado à consolidação das metas de Tarcísio Tavares. Como já vimos no início, TT atravessou diversas fases de sua vida, desde a pobreza até a notabilização como homem de comunicação. Faltava ainda chegar ao Olimpo dos ricos. Mas ele costumava dizer que Paul Mattei "era o único rico da terra que chegou nadando!" Se referindo ao fato de que o lagosteiro sofreu um naufrágio e foi recolhido nas praias de Fortaleza onde após alguns anos se tornou milionário. Pois bem, se Mattei conseguiu nadar e ser recebido pela alta sociedade do Ceará, ele Tarcísio, só teria que dar alguns passos para tal, sem ter que enfrentar os verdes mares bravios. E chegou lá...Mas antes vamos ter que passar por mais alguns causos. Vejam a seguir a epopéia do TT nas grandes promoções... Assistam extasiados: O LANÇAMENTO DA CERVEJA ASTRA EM FORTALEZA, A FESTA DE 15 ANOS DE PHILOMENA MARY, O DIA EM QUE A CIDADE PAROU PRA VER O MÁRIO MONTEIRO PASSAR, A BAILARINA QUE TENTOU DANÇAR NO CORAÇÃO DO TT, A CRIAÇÃO DO CINEMEIRO e a CRIAÇÃO DO VERDADEIRO CARDÁPIO DE RICO...

LANÇAMENTO DA CERVEJA ASTRA

Caso alguém já tenha visto uma loucura maior, por favor, informem aos psiquiatras de plantão. Pois as cenas que vamos descrever adiante, merecem e devem ser lidas após devidamente amarrado a uma cadeira com cinto de segurança e tudo.

Estávamos no começo do ano de 1970, quando o TT convocou toda sua entourage, entre os quais o autor destas linhas para uma empreitada, segundo ele "grandiosa" e digna de figurar entre os clássicos de todos os insólitos produzidos no lado de cá da Linha do Equador. A curiosidade foi grande entre os que ouviram essas palavras proféticas. Mas o mistério logo se desfez: iríamos participar do lançamento da cerveja a ser produzida pela Astra, empresa do Grupo Macedo. No nosso time estavam além do TT, Mário Monteiro, Leonam, Novinho, Pedro Martins Freire, Xyco Teóphilo, Maninho e Estácio Brígido, além de inúmeros outros coadjuvantes. Pelo lado da Cervejaria Astra figuravam os nomes do Amarílio Macedo (o Lourão), Jorge Parente, Reino Pecala Rae, Byron Sarinho, General Assis Bezerra (ele mesmo), Evandro Pinto e outros menos votados. As reuniões preliminares aconteciam no escritório de planejamento do Grupo Macedo, no último andar do Edifício Sul América. Ali foram criadas as várias etapas e os eventos de pré-lançamento da Cerveja Astra. Ficou instituído um calendário que começava com um Festival de Músicas Carnavalescas e terminava com um desfile de carros alegóricos representando cada um deles um país produtor de cerveja. E foi dada a partida...

O FESTIVAL DE MÚSICAS CARNAVALESCAS

Foi apresentado pelo autor destas linhas em sucessivas edições que culminou com a final às margens da piscina olímpica do Náutico Atlético Cearense. E foi na final que aconteceu o Concurso de MAIOR BEBEDOR DE CERVEJA DO CEARÁ. Enquanto as músicas desfilavam no palco, lá embaixo na base da plataforma de saltos ornamentais, alguns bebedores se digladiavam entre garrafas e copos tentando consumir o maior número de cerveja no

menor espaço de tempo possível. TT a tudo assistia, impávido e solene. Ao lado dos bebedores estava uma ambulância com médicos e enfermeiras, enquanto postados próximos viam-se o Amarílio Macedo, o Jorge Parente, Pecala Rae e o Byron Sarinho apreensivos com o andar da carruagem. O Evandro Pinto, a esta altura já tinha perdido os sapatos, pois resolveu acompanhar a bebedeira na qualidade de hours concours. Quando de repente, no momento em que se anunciava o vencedor do Festival de Músicas Carnavalescas, ouviram-se vários estampidos e começou o maior espetáculo pirotécnico que Fortaleza jamais assistiu. Enquanto os fogos espocavam no ar, uma emergência aconteceu... Um dos participantes do concurso de bebedor de cerveja caiu dentro da piscina e desapareceu. Foi aí que o intrépido capitão Bedê do Corpo de Bombeiros, mergulhou debaixo da expectativa popular e após alguns segundos veio à tona segurando o "bebum" pelos cabelos como se mostrasse um troféu. Debaixo de aplausos, a quase vítima foi retirada da piscina, enquanto o TT bradava:– "rápido!!!equipe médica...Ressuscitador, massagem cardíaca, respiração boca a boca!!!" Nada disso foi preciso...O homem recuperou-se rapidamente. Ele era exatamente o campeão em matéria de beber cerveja. Ele consumiu 25 garrafas em uma hora. O nome dele, ou apelido, era Checo.

Foi uma noite louca e inesquecível...

O DESFILE DE CARROS ALEGÓRICOS

Julho de 1970, exatamente uma semana antes do lançamento da Astra acontecia uma reunião na Publicinorte com a estilista que confeccionaria as roupas das meninas que iriam desfilar nos carros alegóricos representando os países produtores de cerveja. TT estava eufórico, pois ti-

nha convocado um time de aproximadamente 50 mulheres todas elas pernudas e esculturais após uma rigorosa seleção comandada por ele mesmo e o Mário Monteiro. A costureira, dona Elena trouxe uma modelo para prova e apresentou-a devidamente caracterizada ao TT esperando receber sua aprovação. Após a modelo desfilar, Tarcísio deu um grito: – "Tá tudo errado dona Elena!!! Esta saia é muito longa!!!"– ao que doma Elena retrucou: – "Mas seu Tarcísio a saia está acima do joelho... Esta moça vai desfilar no alto de um caminhão e o povo vai ver tudo debaixo para cima!!!"– Foi aí que o TT deu o xeque-mate: – "Dona Elena, se o povo quer pernas, pernas para o povo!!!"– E as saias diminuíram...

O DESFILE PROPRIAMENTE DITO

Manhã ensolarada em Fortaleza. Começa o desfile. Parecia até Parada do 7 de Setembro. O povo se acotovelava nas ruas aplaudindo e gritando. Chuvas de papel picado caíam dos prédios que margeavam as ruas do Centro da cidade. "Alô Leonam! Onde você está?"– gritava o TT num radiotransmissor que portava. "Estou na Duque de Caxias com Senador Pompeu. Câmbio! E você TT?" – ao que o TT respondeu: – "Estou exatamente ao seu lado!!!" Era tamanha a confusão de gente que tudo estava embaralhado. Aqui e ali ouviam-se gritos do Tarcísio: – Minhas filhas dancem, pulem, alegria, alegria, mostrem as pernas!!! O povo quer pernas e coxas!!! Mostrem tudo!!!"

Loucura geral... Mas o desfile foi um êxito.

São tantas as estórias quando do lançamento da tal cerveja que deixamos de contar algumas, pois os protagonistas hoje são respeitáveis senhores e damas de nossa melhor sociedade. Existe o episódio do Zezinho Macedo e as garotas agogô... Mas deixa pra lá...

A FESTA DE 15 ANOS DE PHILOMENA MARY

Todos já devem ter lido quem era Philomena Mary em relato anterior a este. Pois bem, a rica viúva dona Edith, mãe de Philomena, certo dia chegou à Publicinorte e dirigiu-se ao TT dizendo: "Seu Tarcísio, a Philomena Mary vai comemorar 15 anos no mês que vem e gostaria que o senhor organizasse uma festa de arromba para ficar na história!". O Tarcísio logo se interessou, mas foi logo perguntando: – "Qual a verba Dona Edith?!". A viúva respondeu de bate pronto: – "Sem limite seu Tarcísio. Sem limite!!!" Foi um corre-corre. "Rápido, reúnam a equipe, vamos fazer um brain storm!!!", esbravejava o TT. A reunião logo estabeleceu-se. Cada um dava uma sugestão: "Uma festa no Ideal"; outro dizia: – "Uma festa no Náutico"; e ainda outra sugestão: – "Uma festa no Iate Clube". Nenhuma das sugestões satisfazia ao TT. Foi quando o Mário Monteiro falou bem humildemente como se estivesse com medo de dizer uma besteira: "Um picnic!"– TT levantou-se e com aquele estardalhaço apontou pro Mariozinho e disse: – "Ótima idéia! Não diga mais nada durante todo o dia de hoje!"– e aduziu: – "Mas onde faremos esse tal de picnic?". Foi aí que eu entrei: – "Que tal o Riviera Iate Clube, às margens do Lago Katu em Aquiraz?". Foi o bastante para deflagrar a euforia do Tarcísio Tavares: – "Prego batido ponta virada. Vai ser no Katu!!!"– Daí pra frente, os preparativos começaram. Cada um ficou encarregado de uma parte da festa. Coube ao Mário Monteiro alugar 20 ônibus para conduzir os convidados, enquanto os outros se dividiram em contratar duas bandas de yê, yê, yê e providenciar um cozinheiro com suas respectivas panelas capazes de produzir uma feijoada para 500 pessoas. Além do mais tinha também as bebidas e os tira-gostos, tudo numa proporção gigantesca. Eis que chega o dia aprazado

para o tal picnic. Os ônibus sairiam às 9 horas da pracinha do Náutico. Às 9:30, 15 ônibus partiram lotados de convidados, faltando ainda 5 que não apareciam e nem o Mário Monteiro. Já eram quase 10 horas quando o TT já desesperado pela não chegada do Mariozinho, recebeu a informação de que o mesmo já se encontrava no Riviera com o restante dos ônibus e os respectivos comensais. O que não se sabia era que o Mário tinha lotado os coletivos com tudo que era pistoleira e pirangueira da Beira-Mar. E elas estavam lá, cheias de amor pra dar... Quando chegamos ao local do crime, a festa já tinha sido deflagrada... Cerveja e uísque corriam aos borbotões e o cenário, segundo o TT era dos mais promissores. A viúva Edith sentada numa enorme mesa decorada com flores a tudo assistia impressionada, tendo ao lado a filha Philomena. O nosso personagem central, Tarcísio Tavares, dizia bem alto: – "Dona Edith, nem Sodoma e Gomorra em seus dias de glória assistiu uma festa igual a essa. Tenho medo de despertar a ira dos deuses!!!". A viúva extasiada, de boca aberta estampava no rosto um misto de alegria e estupefação. Mas isso não era tudo. O pior ainda estava por vir, e veio...

Lá pras tantas, a pressurosa mãe da aniversariante perguntou ao TT: – "Seu Tarcísio eu gostaria de conhecer o tal Lago Katu que tanto falam. Vamos lá?". Ao que o Tarcísio rebateu: – "Dona Edith não é aconselhável irmos até esse lago, pois o diabo anda à solto nas redondezas!". Aí a viúva insistiu: "– Eu faço questão de ir até lá. Vamos seu Tarcísio?". Ainda relutante, TT levantou-se e exclamou tal e qual Júlio César: – "Alea jacta est! (será que é assim que se escreve?). A sorte está lançada!". E conduzindo dona Edith dirigiu-se às margens do Lago Katu. Em lá chegando depararam-se com uma verdadeira praça de guerra. Era ali que estava a verdadeira reprodução de Sodoma e Gomorra. Um

verdadeiro festival de casais em série transavam a céu aberto, todos eles pelados e bêbados. A viúva Edith ficou estupefata e exclamou pondo a mão na boca: – "Seu Tarcísio que coisa horrível!". Foi aí então que o TT com aquele seu modo calmo e escrachado de falar disse: – "DONA EDITH, GUERRA É GUERRA!!!". Não se ouviu falar mais do conturbado picnic e nem da Philomena Mary e muito menos de sua mãe, a rica viúva dona Edith...

O DIA EM QUE O CINEMEIRO FOI INVENTADO

Pedro Martins Freire era um rapaz muito simples que fazia de tudo na Publicinorte. Ele não tinha função específica, simplesmente ficava ao alcance da voz do TT para ser chamado a executar qualquer coisa que surgisse. Uma das suas habilidades era praticar o jogo da paciência diante dos gritos do Tarcísio. Embora nunca tivesse dito, Pedro era um profundo conhecedor dos mistérios da 7ª Arte. Sabia e sabe só tudo sobre cinema. Também pudera, freqüentava assiduamente as salas de cinema e lia muito o que os críticos diziam sobre os filmes em exibição. A sua adoração por filmes foi descoberta pelo TT, quando um belo dia ele perguntou:– "Onde anda o Pedro Martins Freire?". Ao que o Leonam respondeu: "Deve estar no Cine Diogo ou no São Luiz. Ele não sai de lá!". Foi aí que o TT gritou: "Temos um CINEMEIRO na agência! Quando ele chegar quero falar com ele!" Foi só o Pedro Martins Freire chegar e o Tarcísio avistá-lo e gritar: "Rápido Cinemeiro, que filme você estava assistindo?" Ao que o interpelado respondeu meio trêmulo: – "Seu Tarcísio era 2001 – Uma Odisséia no Espaço". Aí o TT aduziu: "Rápido Cinemeiro diga logo, este filme foi premiado?". "Foi seu Tarcísio. Recebeu várias estatuetas do Oscar!". "E quem é o diretor?"

"Oto Preminger"– respondeu de bate pronto o Cinemeiro ainda temeroso de um carão. Foi aí que o TT falou e disse: – "De hoje em diante você vai assistir a todos os filmes e me contar o enredo e tudo sobre os artistas e diretor do mesmo. Caso eu me interesse, você vai comprar o ingresso e ir na frente guardar meu lugar!"

E assim foi dito e assim foi feito. Até hoje o Pedro Martins Freire assiste a tudo que é filme e depois conta pro TT e faz suas recomendações...

PEQUENOS RELATOS DA FASE RICA DO TT...

Os anos dourados se foram... Com eles desapareceram os clubes suburbanos. A magia dos anos 60, onde tudo era alegria e felicidade transformou-se numa triste realidade dos dias de hoje, recheados de violência. Tarcísio Tavares, o nosso TT das Madrugadas enveredou por novos caminhos. Ele agora já era o morador de uma mansão nas Seis Bocas, num bairro que estava a nascer logo após a Cidade dos Funcionários. No entanto TT nunca perdeu a fleuma, continuava sempre o mesmo, debochando e gozando a tudo e a todos. Tornou-se um ícone da chamada alta sociedade e passou a receber os colunáveis da cidade em noitadas memoráveis na sua mansão. Nesta nova fase, a de rico, ele costumava dizer que ficava no alpendre superior de sua casa de binóculos em punho a ver o desfile de torcedores que demandavam ao Castelão. "Fico lá vendo a pobreza passar em carros com bandeiras desfraldadas de seus clubes de futebol. Aí me lembro dos meus dias de freqüentador assíduo do Romeu Martins".

GUILHERME NETO FUSTIGA O TT

Quando o TT aparecia pela TV Ceará, o Guilherme Neto perguntava: "E aí TT vai haver reunião neste final de

semana na sua mansão?" Ao que o TT respondia: "Vai Barão. Vou receber um bocado de gente da família Gentil, da família Pinheiro, Macedo e outros menos votados!" "E qual vai ser o cardápio?"– perguntou o Guilherme. Aí o TT suspirava e dizia: – "Anote meu caro, anote... Vou servir na entrada, Salmão Grelhado do Arkansas, com molho de alcaparra e champignon. O prato principal vai ser Pato Selvagem do Canadá Avec Orange, tudo regado com alguns vinhos franceses de minha adega, de safra nunca depois de 1947. Como sobremesa teremos Damascos A La Omar Shariff, colhidos no Oásis Al Kameha pelas virgens do Saara. E quem quiser pode beber Água Mineral à vontade, pois a caixa d'água da minha mansão foi cheia com a legítima Perrier francesa".

TT NA PRAIA

Estava o TT na Avenida Beira-Mar de bermuda azul escura contrastando com a camisa pólo azul La Coste usava tênis também meio azulado e portava na mão direita uma valise no mesmo tom carregada de todo tipo de loção bronzeadora. Usando óculos escuros Pierre Cardin, TT parecia um lorde de férias na Riviera. Foi dessa maneira que encontrou o Geraldo Fontenele, Ciro Saraiva e Narcélio Limaverde. O Fontenele não perdeu tempo, foi logo chamando o TT, fazendo-o sentar-se numa cadeira num dos bares da orla. Aí chamou uma mocinha de cabelos longos que ia passando, e depois de confabular com a mesma deu-lhe algum dinheiro. O que se viu daí em diante foi algo típico de se registrar em filme para ser exibido até os dias de hoje. A mocinha contratada pelo Fontenele entrou no bar e saiu de lá com uma bacia com água. Ajoelhou-se diante do TT, descalçou seus tênis e começou a lavar os pés do mesmo. Após lavar bastante, ajoelhou-se ainda mais e

enxugou-os com seus cabelos. Terminado o ritual, o Ciro Saraiva já estava ao lado de TT acompanhado com dois moleques. Um deles carregava uma enorme sombrinha de praia e o outro pegou a valise e fazendo o TT levantar-se, encaminharam-no em direção à areia da praia. E lá se foi o Tarcísio Tavares caminhando contra o vento debaixo da enorme sombrinha acolitado pelos dois "secretários"... Foi uma visão inesquecível.

Hoje Tarcísio Tavares é visto dando seus palpites em júri de televisão usando um bonezinho que passou a ser sua marca registrada. Divide seu tempo trabalhando na sua agência de publicidade e dando assessoria a alguns empresários locais. Com muito humor escreve diariamente algumas linhas na coluna do Cabral. Todos os seus amigos reconhecem sua letra em seus escritos nos jornais. O seu estilo é inconfundível. E, para terminar, eis a que eu reputo a melhor entre as melhores de todas as suas estórias.

CRÍTICO DE FILMES PORNOGRÁFICOS

Um belo dia o nosso TT resolveu tornar-se crítico de filmes pornográficos. As suas análises figuravam num dos cadernos do Diário do Nordeste e para apimentar os seus escritos usava sempre os nomes de pessoas notoriamente conhecidas na cidade como ativos espectadores de algumas produções cinematográficas eróticas. Foi assim que passou a narrar cenas do filme "Como Era Gostoso o Meu Cavalo...".

Tratava-se de um filme zoofílico que era assistido pelo Guto Benevides em seu escritório na superintendência da então TV Manchete. Segundo o TT, Gutinho ficava com o olhar fixo nas cenas do tal filme enquanto gemia e se contorcia todo. Os gemidos do Guto ecoavam por toda a Avenida Antônio Sales chegando até aos ouvidos

das beatas que freqüentavam a igreja bem próxima dali na esquina da Desembargador Moreira.... A descrição do Guto assistindo à película era para dar ao leitor uma idéia do alto grau de erotismo da produção cinematográfica. Mas aí veio o complemento... Segundo o TT o dono da Manchete Adolfo Bloch foi visitar a filial em Fortaleza. E ao chegar no escritório do Gutinho, observador arguto como era, notou algumas manchas na enorme cortina que cobria uma das paredes do escritório. Foi aí, que virando-se para o Gutinho falou com aquele sotaque de judeu: "Guto, você pode assistir os filmes erróticos que quiserr. Você pode se masturbarr... Se babarrr todim... Mas por favorr, não limpa a pingolim no meu cortina, non!!!...

O DIA QUE A CIDADE PAROU PRÁ VER O MÁRIO MONTEIRO PASSAR

O negócio foi mais ou menos assim. O TT detinha a conta das Lojas Couto, que ficava na Rua Pedro Pereira baixos do Edifício do IAPC. O dono da tal loja, o Couto queria popularizar o estabelecimento através de uma grande promoção. Foi aí que entrou o nosso Tarcísio Tavares. Primeiro ele convenceu o empresário a liberar uma verba suficiente para fazer uma grande festa popular no Centro da cidade que culminaria com um show com os artistas do TV Juventude na loja. Mas era preciso um apelo mais do que popular para levar o povão até as Lojas Couto. Não é preciso que se diga que a solução foi utilizar o Mário Monteiro, àquela altura já uma figura extremante amada e adorada por tudo que era mulher de Fortaleza. Passamos uma semana anunciando que o Mariozinho das Meninas iria desfilar pelo Centro da cidade num carro aberto até as Lojas Couto onde ele daria autógrafos e beijaria quantas mulheres pudesse. A cidade ficou alvoroçada

no dia aprazado, e olhe que era uma terça-feira. Foi aí que tudo começou...O Mário sentado no encosto do banco traseiro do conversível do Ernani Guilhon, distribuindo beijos iniciou o préstito lá no Edifício Triunfo, sede da Publicinorte e demandou ao centro da cidade. Parecia até aqueles desfiles de heróis americanos pela 5ª Avenida de Nova Iorque.

O nosso desfile tinha direito a papel picado e tudo. Durante o trajeto, moçoilas contratadas pelo TT, se rasgavam, gritavam histericamente e até desmaios aconteceram. Teve uma velha, que não tinha sido contratada pra nada que rasgou a roupa e ficou peladinha na esquina da Liberato Barroso com Major Facundo. Uma loura bastante avantajada nas pernas, nos seios e quadris, arrancou a calcinha e depois de beijá-la, jogou-a para o Mariozinho que incontinenti pegou-a no ar e levou ao nariz para cheirá-la. Continuou cheirando a peça seguidamente, quando foi advertido pelo TT: – "Mário não seja radical, cheire outras coisas. Beije as outras moças, não cause ciumeiras!!!"

O TT parecia um técnico à beira do gramado orientando todos os jogadores. Gritava num transmissor portátil que queria mais papel picado. Esbravejava com o motorista pedindo pra ele diminuir a velocidade e insuflava as mulheres para que elas atacassem o Maiozinho... Foi um pandemônio! Quando finalmente o cortejo parou nas Lojas Couto, Mário foi arrancado do carro nos braços da mulherada, enquanto ele próprio gritava: "TT sei que desta não escapo. Mande avisar minha família em Salvador que eu morri feliz nos braços das mulheres!!!"

Todas essas palavras eram registradas no microfone da PRE-9 a mais ouvida emissora da cidade, que transmitia o evento com exclusividade. Quando aconteceu uma ligeira calma no alvoroço, TT pegou do microfone e falou:

– "Mulheres de Fortaleza, em suas mãos entregamos o Mário Monteiro. Que Deus tenha compaixão dele!!!" Aí o que se viu foi o clímax de tudo com o Mário ficando totalmente nu e escapando enrolado numa toalha que estava em remarcação na loja. Enfiaram-no numa Kombi que desapareceu lá pras bandas da Cidade da Criança. Foi um sufoco!!

PEDRO CASEMIRO – ANDAR DE ÔNIBUS PARA CONHECER O POVO

A SAMARITANA

A disputa ingênua por uma prima acabou por aproximar e selar a amizade entre dois quase vizinhos. Eles moravam perto da Rua Dom Manuel, no Centro de Fortaleza, conhecida nos anos 50-60 como a rua das mulheres bonitas. Pedro Casemiro, a partir daí, teria em Tarcísio Tavares muito mais que um amigo. Alguém que ajudou a consolidar sua vida empresarial.

Mas antes de conhecer pessoalmente, Casemiro ouviu a voz de TT. Ele recorda: "As festas da igreja eram as quermesses. E eu o conheci como locutor da irradiadora, transmitindo mensagens sonoras. Era o locutor oficial da Irradiadora do Colégio Cearense". A partir daí, passaram a ser companheiros. E é nesse período que entra a disputa pela prima, citada na primeira frase deste texto. TT passou a atuar no rádio profissionalmente. Teve uma passagem importante pela Rádio Uirapuru, talvez a terceira rádio naquela época. Daí nasceu o interesse por uma parente de Casemiro. "Ele andou de 'asa caída' para a Socorro Martins, que era minha prima em terceiro grau e morava na minha casa. E eu mandei ele parar em outro terreiro!" (risos).

A amizade só veio se consolidar nos anos 60. Casemiro sempre observava o lado "sociológico" de TT e se admirava: "O que me chama atenção no Tarcísio é que naquela época ele já era preocupado com o social. O hábito que ele tinha, não sei se ainda tem, de andar de ônibus, de procurar identificar e conhecer o perfil do morador de Fortaleza. Ele pegava o ônibus, ia e voltava, conversando. Tinha final de semana que ele fazia três incursões dessas", garante.

Casemiro passou a trabalhar e depois virou sócio da loja A Samaritana, especializada em confecção infantil, armarinho e moda íntima. Precisou, então, de alguém para tocar a publicidade. "Nos anos 60 ele era o precursor da profissionalização da publicidade. Naquele tempo só existia o corretor de anúncio, onde os principais era o Virgílio Machado, dos Diários Associados, o Almir Pedreira e o Dudu Brígido, que depois viria a ser sócio dele na Publicinorte", relata.

A partir de 1965 TT ficou com a conta da Samaritana. Os anos foram passando e a marca chegou a ter oito lojas: quatro no Centro, Center Um, Montese, Iguatemi e Carlito Pamplona. TT acompanhou o crescimento: de três para oito lojas e cunhou o slogan que virou lema: "Samaritana – Sempre Perto de Você".

TT já tinha contas grandes, como as do Romcy, Ocapana e King Jóia. Mas nem por isso considerava a conta da Samaritana pequena. As reuniões eram constantes e um espetáculo à parte. Casemiro recorda: "Eram no meu escritório ou no dele. Mas pelo papo leve, descontraído, sempre terminávamos com um uísque, principalmente Old Parr, que naquele tempo não era fácil de achar...". "O importante no TT é o conhecimento sociológico da cidade. Isso ajudou muito a ele ter êxito nas campanhas porque

ele conhecia o perfil do povo. Essas viagens dele de ônibus, a participação em programas de rádio e depois televisão deram a ele uma facilidade de se comunicar melhor com o público". As campanhas da Samaritana se caracterizavam mais pelo uso da mídia Rádio, com algumas incursões pelo Jornal e TV.

Casemiro diz que a característica cumpria os prazos, entrega de produção, veiculação e acompanhava muito bem", concluiu. Não foi à toa, portanto, que TT foi o único publicitário da Samaritana em 55 anos de história.

QUANDO CONHECEU O TARCÍSIO...?

PC – Desde os idos da década de 50, quando ele começou a abraçar o microfone, nas festas do Colégio Cearense e nas quermesses do Coração de Jesus.

COMO FOI A PRIMEIRA VEZ EM QUE VIU O TT?

Foi num encontro casual. Eu morava na Senador Pompeu e ele na Barão de Aratanha. Naquele tempo tinha um quadrilátero Antônio Pompeu, Dom Manuel, Pedro Pereira e Imperador, que convergia o buchicho daquele tempo. E as festas de igreja eram as quermesses. E eu o conheci como locutor da irradiadora, transmitindo mensagens sonoras. Era o locutor oficial da Irradiadora do Colégio Cearense.

ELE TINHA QUE IDADE?

Acredito que uns 16 a 18 anos.

AÍ VOCÊ FEZ AMIZADE COM ELE...

Fiz, passei a ser companheiro, depois ele passou a atuar no rádio profissionalmente. Teve uma passagem importante pela Rádio Uirapuru, talvez a terceira rádio naquela época e ele sempre voltado para a juventude. Inclu-

sive tem um fato interessante, que ele andou de "asa caída" para a Socorro Martins, que era minha parenta e morava na minha casa, era prima em terceiro grau. E eu mandei ele parar em outro terreiro.

VOCÊS COSTUMAVAM SAIR JUNTOS NESSE PERÍODO?

Não, até porque naquele tempo tinha a turma de cada local. Havia cada um na sua área. Turma da Dom Manuel, da Senador Pompeu. E o tempo passou e nos encontramos... A Dom Manuel era conhecida na época como a rua das mulheres bonitas... Poucos de nós tinha carros, mas fazíamos aqueles passeios para "pegar uma lebre". E o que me chama atenção no Tarcísio, é que naquela época ele já era preocupado com o social. O hábito que ele tinha, não sei se ainda tem, de andar de ônibus, de procurar identificar e conhecer o perfil do fortalezense. Ele pegava o ônibus e ia e voltava, conversando. Tinha final de semana que ele fazia três incursões dessas.

QUANDO A AMIZADE ESTREITOU MAIS?

Na década de 60 quando eu já empresário, e ele precursor da profissionalização da publicidade. Naquele tempo só existia o corretor de anúncio, onde os principais eram o Virgílio Machado, dos Diários Associados, o órgão que realmente dominava a mídia do Ceará, o Almir Pedreira, e o Dudu Brígido, que depois viria a ser sócio dele na Publicinorte. Aí ele mais maduro, mas continuando a preservar esse comportamento dele de lealdade e de companheiro...

A SUA EMPRESA ERA A SAMARITANA...

Isso. Minha primeira loja ficava na Liberato Barroso. Chegamos a ter oito lojas. Teve no Centro, Center Um,

Montese, Iguatemi e Carlito Pamplona. A Samaritana durou 56 anos. De 1965 em diante o TT ficou com a conta da Samaritana. Ele tinha outras contas importantes, as do Romcy, Ocapana, King Jóia...

E NA SAMARITANA, TEVE ALGUMA VITRINE, ALGUMA COISA QUE FOI NOVIDADE NA ÉPOCA, PENSADA EM CONJUNTO, DIFERENCIADA, UMA LIQUIDAÇÃO?

No Carnaval nós éramos muito fortes em artigos carnavalescos, principalmente na orla marítima. Ele foi muito importante.

E COMO ERA A CAMPANHA, ENVOLVIA QUE MÍDIAS?

Era mais rádio, principalmente. O slogan era: SAMARITANA, SEMPRE PERTO DE VOCÊ. Por nós termos oito lojas na cidade e o TT acompanhou o crescimento da Samaritana, a partir de três lojas...

COMO ERAM AS REUNIÕES DE TRABALHO DE VOCÊS?

Ou no meu escritório ou no dele. Mas pelo papo leve, descontraído, sempre nos levava a terminar com um uísque, principalmente Old Parr, que naquele tempo não era fácil de achar... O importante no TT é o conhecimento sociológico da cidade. Isso ajudou muito a ele ter êxito nas campanhas porque ele conhecia o perfil do fortalezense. Essas viagens dele de ônibus, participação dele em programa de rádio e depois televisão deu a ele uma facilidade de se comunicar melhor com esse povo e embasou muito a ele – acho que ele é uma das pessoas que mais conhece o perfil do nosso povo. Até porque ele sempre preferiu não andar de carro – sempre de ônibus

ou a pé. Tem um detalhe interessante, em 1962, nós nos reuníamos na Praça do Ferreira, e daí as caminhonetas da Parangaba, quando batia a hora a gente tinha de correr.

FALE MAIS DAS REUNIÕES DE VOCÊS...

Como a conta era pequena, não tinha a necessidade de reunião diariamente. Mas como eu trabalhava na Liberato Barroso e ele também, meu escritório era no caminho dele, daí sempre tinha um cafezinho, 3 ou 4 vezes por semana.

TT SEMPRE FOI UM MULHERÓLOGO. NESSES ENCONTROS DE VOCÊS A CONVERSA GIRAVA EM TORNO DISSO?

Se conversava muito. Tinha aqui ou acolá. Ele sempre foi muito apreciador do belo sexo. Para nós era importante.

E ELE COM A CONVERSA BOA...

Afável, inteligente, muito atualizado e o papo dele realmente chamava atenção. Foi um fato importante, pois essa visão de mundo dava um embasamento especial. Começou a viajar para o exterior...

A CAMPANHA QUE MAIS LHE IMPRESSIONOU?

Do Romcy, Cervejaria Astra. Na Ocapana foi marcante.

TEVE ALGUMA CAMPANHA MARCANTE, EM QUE ELE TROUXE ALGUMA ATRIZ DE FORA?

Não, mas ele sempre teve essa preocupação de trazer gente importante da área artística.

TENTE LEMBRAR...

Teve uma... Como era o nome... Lembre: Samantha!!! Ela fechou Romcy, Ocapana. Foi um furor, um negócio sério. Ela era boa demais.

QUAL ERA O ENFOQUE QUE ELE DAVA NAS CAMPANHAS DE RÁDIO, ERA POPULAR?

Era sempre a moda. Lá nós vendíamos confecção infantil, armarinho e moda íntima. Fizemos mais Rádio. TV muito pouco e jornal só quando fizemos 40 anos e fizemos uma bonita campanha institucional.

QUAL A PRINCIPAL CARACTERÍSTICA DO TT?

A responsabilidade profissional. O caráter. Sempre cumpria os prazos. Entrega de produção, veiculação. Acompanhava muito bem.

E HOJE, VOCÊS SEMPRE SE REÚNEM?

Infelizmente não. Mas socialmente nos encontramos. Embora hoje ele circule pouco e eu muito menos. Mas às vezes vou à empresa dele, ele vem aqui, tomar um uísque. (NR: HOJE ELE É SECRETÁRIO EXECUTIVO DO PSDB, HÁ DOIS ANOS). Ele também sempre foi um cara voltado para o social. Sem extremismo, mas defendendo as causas sociais. Muita gente acha que ele é mais mundano, mas não...

TÓPICOS

* Viajou com ele para Feiras, em SP.

* Começou na SAMARITANA com 12 anos. Foi como contínuo. Depois com 16 anos virou sócio, em 1955, a idéia do nome SAMARITANA partiu da tia. Ela era muito católica.

* TT foi a única agência da SAMARITANA.

* "O TT tem um marco importante na cidade não só na publicidade, mas pela pessoa que ele é. Competente, correto. Muitas pessoas julgam sem conhecê-lo. Ele tem uma participação importante nas PERNAMBUCANAS, na KING JÓIA. Às vezes as pessoas não entendem bem o que é o Tarcísio. A publicidade profissional consolidou-se no Ceará com ele".

PEDRO MARTINS FREIRE – UMA PESSOA ESPECIAL

Certamente não sou o mais indicado para falar de Tarcísio Tavares. Centenas de outras pessoas que desfrutaram e desfrutam da amizade do pioneiro da publicidade de Fortaleza terão mais coisas para contar e recordar. Mas, igualmente, não posso me furtar ao pedido de uma pessoa pela qual tenho a maior consideração e carinho, Lustosa da Costa, o qual cito sempre como "meu papai do jornalismo", pois foi dele, aos 16 anos, que recebi as primeiras instruções de como seguir e me portar na profissão, a qual fui levado pelas mãos do saudoso Darcy Costa à velha "Gazeta de Notícias".

Outrossim, é a oportunidade para reconhecer a importância de TT durante uma fase na minha vida: a adolescência. Foi como estudante da Sétima Arte do Clube de Cinema de Fortaleza e autor das primeiras linhas no jornalismo que conheci Tarcísio Tavares, o qual fazia, na época, com Maurílio Arraes, o Cinema de Arte no Cine Familiar. Reforço para o conhecimento de cinema e do exercício das primeiras análises fílmicas. Ao mesmo tempo, fui levado para a Publicinorte e ao trabalho de "auxiliar de escritório", conforme escrito em minha primeira carteira de trabalho.

O convívio com TT me ensinou a ser competente e exigente no exercício do trabalho, principalmente "consigo mesmo". Ao mesmo tempo, me senti "protegido" por Tarcísio, principalmente quando resolvi largar o convício familiar e criar "minha própria vida". Como amigo leal orientou-me quando procurado a fazê-lo. Nunca ouvi de Tarcísio orientações pessoais tipo "faça isso, execute aquilo". A amizade gerou uma cumplicidade, já que TT me levava para os lugares dos mais diversos saberes. Sim, porque aonde se vá, se estará sempre aprendendo algo novo. Foi através de TT que vi e entendi a alta sociedade, seu "glamour" nas colunas de Marcondes Viana (que depois passaria ao automobilismo) e Lúcio Brasileiro. Mas meu olhar sobre essa sociedade é profundamente crítico, nada lisonjeiro. Não posso admirar uma sociedade enclausurada em si mesma, que viva apenas em si e para si.

Existem determinados fatos na relação de amizade com Tarcísio Tavares que podem e devem ser esclarecidos. Entendi sempre a excentricidade de Tarcísio. E excentricidade não é para todos. "Reservei" lugares nos cinemas para TT chegar à sessão seguinte, fui sua "bengala ambulante" quando retornou com o pé quebrado de uma viagem à Europa. Ouvi gente reclamando de que situações como essas eram humilhantes. Visão de fora. Nunca ninguém percebeu a cumplicidade, no sentido de parceiro, existente entre nós. Jamais aceitaria qualquer ato que, partisse de quem partisse, pudesse ofender-me – especialmente de patrões ou amigos. Tínhamos respeito mútuo, a amizade sincera, a companhia partilhadora através da qual discutíamos cinema, literatura, os rumos da ditadura e sexo.

Sinto muito decepcionar quem me via como um ingênuo ou um explorado. Desde cedo – mesmo porque nasci naquela área social desprivilegiada – soube que fora do

estudo nada mais me levaria a ser alguém. Tarcísio me auxiliou a alcançar isso, não apenas me pagando o salário justo como empregado, ou com os livros que eu queria devorar, ou ainda apoiando-me a cursar cinema na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mas com os ensinamentos de ética e respeito. Retribuí como um funcionário exemplar, fazendo meu trabalho corretamente e sendo capaz, como ocorreu certa vez, de dar lucro à empresa numa função sem este fim, como o de relações públicas.

Fizemos juntos o Cinema de Arte no Center Um, experiência pioneira para mim, a qual definiu o rumo a ser tomado: era chegada a hora da autonomia. Me apropriei, sem peso na consciência, de toda essa bagagem de vida, comportamento e intelectualidade recebida na adolescência – de Darcy a Lustosa, de Lustosa a TT. E hoje transmito-a a meus filhos.

Posso dizer: tive em Tarcísio Tavares um grande professor, um patrão, um amigo. Quantas pessoas podem dizer isso de outras? Por tudo isso registro, ao lado dos parabéns TT por chegar à fase da grande sabedoria, o meu muito obrigado. Você foi importante na formação de um homem que, até hoje, se lembra de você. Para muitos, pode não ser muito, mas é a forma de reconhecimento que tenho das pessoas especiais. Iguais a você, TT.

RICARDO BACELAR – TT – O ÁS DA COMUNICAÇÃO

Um ótimo sujeito. É assim que defino Tarcísio Tavares – o TT.

Tê-lo como amigo é dádiva. É com muito prazer que escrevo sobre essa figura folclórica. Indiscutivelmente, um ícone do nosso tempo.

Dotado de extrema capacidade de comunicar, Tarcísio é agitador cultural de marca maior. Desde cedo, aproximou-se dos programas de rádio, escreveu em jornais, revistas e atuou no teatro e na televisão.

A jornada como publicitário transformou-o em mestre. Respeitado e admirado, TT ganhou diversos prêmios importantes. Em seu caminho, trabalhou com grandes nomes nacionais da propaganda, produzindo grande número de filmes publicitários, muitos deles premiados.

Atraído pelo cinema, foi signatário de colunas sobre a sétima arte, tecendo ousados e picantes comentários na mídia.

A convivência com o rádio, o teatro, a película e a televisão conferiu-lhe forma peculiar e original de ordenar as idéias.

Tive a oportunidade de conhecer a performance do TT na hora de avaliar uma peça publicitária. Ele vê coisas onde ninguém vê, entende de diagramação como poucos, tem uma forma singular de criação e transforma os clichês da sua profissão em elementos sutis que agradam o espectador, conduzindo a mensagem com leveza e elegância. Sua experiência o fez ás da comunicação.

Como homem de mídia, tem faro para a notícia. Sabe transmitir muito bem. Diz o que quer de forma clara e objetiva. Ao microfone é sempre espirituoso e engraçado, descontraindo a platéia.

Tarcísio é profissional como poucos. Cumpre sua missão com muita dignidade, construindo sólida história de realizações que marcam a vida cultural de Fortaleza.

Fui enviado ao Tarcísio por Carlos Roberto Martins Rodrigues, meu amigo-irmão. Queria eu, em 2001, fazer o lançamento do meu CD *in natura* no recém-inaugurado Centro Cultural Oboé. Lá chegando, foi uma surpresa o

encontro. Com bom humor inigualável e ótima prosa, a identificação foi imediata. O lançamento do disco foi um sucesso, com mais de quatrocentas pessoas.

A amizade estendeu-se ao trabalho quando fomos designados por Newton Freitas diretores do Centro Cultural Oboé – ele, na área de comunicação, e eu, na música. Começamos juntos com o projeto Quarta Cultural. Sua idéia era promover uma série de shows semanais, destacando artistas da terra. O movimento começou há quatro anos e continua a entreter o público cativo que aprecia, semanalmente, a boa música.

No Oboé, o TT consegue aglutinar artistas e intelectuais, além do público, em diversos eventos, lançamentos de livros e exposições inusitadas, tais como a de rádios antigos, cédulas brasileiras, relógios e outras mais.

A convivência com o TT é sempre pacata. Muito educado e atencioso, é amigo fiel e companheiro. Sempre se posiciona de forma inteligente nas situações que se apresentam. Ele está no rol dos meus melhores amigos. Tanto o é, que foi meu padrinho de casamento, juntamente com a Marcília, sua esposa.

Louvo a iniciativa do Lustosa em capitanear esta publicação, para que possamos dar testemunho sobre essa pessoa tão interessante e curiosa, que dá leveza à vida dos que lhe são próximos.

SALES ANDRADE – O PULO DO GATO

Conheci Tarcísio Tavares quando fui pedir-lhe emprego como redator, em sua agência de publicidade – a Publicinorte, que ficava localizada nos altos do Edifício Triunfo, na Liberato Barroso com Senador Pompeu. À época, Tarcísio dominava o segmento do varejo. E dentre o

cartel de clientes estavam as lojas Ocapana e Abarama, do empresário Assis Vieira. A veiculação era maciça. E assim como o slogan "A força do poder jovem", tornou-se motivo de brincadeira. Dizia-se que o pessoal do Interior comentava:

– Fulano, tá sabendo que lá em Fortaleza tão capando e aparando?

A turma da criação mandava pau na máquina. E quando os trabalhos sofriam um pequeno atraso, o almoço vinha do Restaurante Kury, que ficava nas proximidades. Mas Tarcísio não era só trabalho. Com um enorme cordão no pescoço circulava pela cidade e tinha trânsito livre nos clubes suburbanos, a alguns, inclusive, deu nome, como o Tiro e Linha. Mas também marcava presença no Secai, sem falar no General Sampaio, Romeu Martins, Santa Cruz, Terra e Mar e outros. Muito vivo, fez de um baixinho chamado Mariozinho Monteiro um galã. Sempre bem-humorado, Tarcísio falava que não ensinava para ninguém o chamado "pulo do gato". Mas também insistia em dizer que a coisa mais fácil era abrir uma agência de publicidade. E foi aí que um colega redator se empolgou e abriu a sua. Não durou muito. Depois, fez a confidência:

– É, o Tarcísio falou que o negócio era fácil, mas não foi.

Esquecera que o mestre não tinha ensinado o pulo do gato.

TARCÍSIO TAVARES – DEPOIMENTO

Fizemos um trabalho muito interessante, baseado numa experiência do *Orson Wells*. Fizemos o seguinte: o dia amanhecendo e nós numa emissora de rádio. Anunciamos que, dentro de alguns instantes, ali, naquele local, haveria uma liquidação. As pessoas iam ouvindo dentro

do ônibus, ouvindo nas casas, era uma emissora muito ouvida mesmo; então quando a loja abriu às oito horas da manhã, ali em frente, já tinha uma multidão. O povo foi sugestionado pelo rádio. A emissora mais importante no passado realmente foi a PRE-9, hoje Ceará Rádio Clube. Era o que é a Rede Globo hoje. Depois tivemos emissoras também na época áurea do Rádio no Ceará, a Rádio Iracema, tivemos a Rádio Uirapuru, hoje seria a Record. Foram emissoras que deram o recado.

Os textos do rádio e do comércio têm uma técnica. Essa técnica hoje é repetida aqui e muita gente critica, mas ela está certíssima, é a técnica da repetiição. Só acho que na televisão não precisa tanto, mas é a técnica. Você tem que usar pelo menos quatro vezes o nome da empresa, porque o rádio é o seguinte: você ouve aquela propaganda mas, você não está atento, então você vai pegá-la no meio, você tem que, pelo menos, quatro vezes em trinta segundos dizer o nome da empresa, da loja: 'Romcy é Romcy, barato todo dia'.

Havia uma casa interessante, chamava-se Casa Três Oito porque era na Rua Sena Madureira, 888. Então ficou Casa Três Oito, o slogan era o seguinte: 'Uma como nenhuma', eu achava isso ótimo, uma como nenhuma. Também ficou famosíssima aqui, virou assunto nacional, era a movelaria Furna da Onça. Dizia: 'A que mais caro vende'; 'Você não entre aqui', então era cheia; a própria loja dele era a antiloja. Era o marketing ao contrário.

Eu me lembrei agora de um *slogan* criado por um corretor que depois foi delegado de Polícia, o Virgílio Machado, o *slogan* dele era o seguinte: 'De hora em hora, compre na Farmácia Vitória', e tinha uma outra também, Farmácia Humanitária do Ceará, anunciava muito no começo do rádio aqui, era: 'A minha, a sua, a nossa farmácia', isso

era demais! Outra que eu achava interessante, era o da Pasteur: 'Farmácia que vende saúde', eu achava bom isso, achava criativo. Ah, o Gerardo Bastos, 'um pneu é um pneu', eu acho isso ótimo, é uma redundância, mas pegou. Já que nós estamos falando de *slogans*, de grandes textos, a Ocapana no começo eram duas lojas, a Ocapana e Abarama, e um belo dia nós fizemos uma campanha muito forte para a Ocapana e Abarama. Chamava-se: 'A ordem é vestir os nus', baseado no Nélson Rodrigues: 'Toda nudez será castigada, a ordem é vestir os nus'. Isto foi pra Ocapana.

Eu lembrei do maior jingle, o mais lindo feito aqui no Ceará, em toda a propaganda do Ceará: 'O galo acordou cedo, fez verdadeiro carnaval no galinheiro, pois foi ele que comeu primeiro, a ração balanceada Avecedo'. Isso é muito bom. Macarrão Fortaleza... Como era? 'Macarrão Fortaleza, não pode faltar na sua mesa', isso era muito bom, marcou época. O meu forte é o varejo, desde menino eu gostava muito de propaganda e trabalhei na propaganda do Ceará até poucos anos atrás. E eu me recordo perfeitamente de uma feita em 1950, no caso chamava-se Casas Novas. Era uma propaganda que era lida pelo Paulo Cabral, que ainda hoje é vivo, Paulo Cabral de Araújo, foi prefeito da cidade, era um grande locutor de rádio, ele dizia: 'Em 1950, a metade do século XX, os anos passam, as coisas mudam, mas permanece inalterada a preferência popular pelas Casas Novas de Gutemberg Ltda e Cia. '

Outro que também conheci, um dos maiores varejistas além de revolucionário no varejo do Ceará, chamava-se Rubens Lima Barros. Foi o primeiro homem de varejo do Ceará a desenvolver uma política de marketing realmente ligada ao varejo. A loja dele chamava-se A Cruzeiro, ela saiu do eixo, do então eixo comercial de Fortaleza, na épo-

ca as principais ruas de comércio: Major Facundo e Floriano Peixoto, e ele foi para a Rua Barão do Rio Branco, que era uma rua ainda de café, uma rua familiar. Então aquela região era uma região difícil de comercializar, e ele criou um nome pro quarteirão, que ainda muita gente repete: 'O Quarteirão Sucesso da Cidade'. Outra figura também que recordo foi o senhor Aprígio Coelho, dono da A Cearense. Outro que marcou o comércio do Ceará foi Romeu Aldigueri. Foi o dono da primeira loja, de magazines da cidade, chamava-se Loja de Variedades, ele foi uma figura também, ele não era cearense, era paulista, mas criou raízes aqui. Ele tinha uma outra loja chamada Flama, digamos assim, de classe A. Destaco já nessas épocas modernas, como o maior homem de varejo no Ceará, ainda está vivo, o senhor Antônio Romcy. Ele acreditava e bancava as idéias.

E outra figura também muito interessante no varejo do Ceará, eu acho que foi o Clóvis Rolim que primou, primeiro por um estilo de varejo elegante, alinhado, que ele transferiu aos filhos. O lojista que vence no Ceará vence em qualquer parte do Brasil, porque aqui é extremamente disputado. Então, essa é uma característica do lojista cearense, ele tem uma garra muito grande. Aliás, tem um ditado, que diz que o cearense é o judeu do Brasil. Não o povo judeu, mas o povo árabe, eu diria. O povo árabe é o povo comerciante por excelência, são os judeus-árabes que vieram para o Brasil, esses sim que foram, digamos, a gênese do lojista cearense. Esses que vieram para o Brasil, e alguns deles ficaram aqui no Ceará, daí veio uma geração muito vendedora. Então, o cearense, por essa influência, e por ter descendência de judeus e árabes, é realmente um grande vendedor; então eu sempre tive essa teoria: um cara que vence aqui, ele vence em qualquer parte do Brasil. E de fato. Todos eles venceram.

WILSON IBIAPINA – ESSE TT É UM DANADO

Só aqueles que se arriscam
indo longe têm a oportunidade
de ver quão longe podem ir.

T. S. Elliot

Fortaleza era tão pequena que o Augusto Pontes, de gozação, pedia aos amigos que não se falassem no Centro da cidade. Era para dar a impressão de que não se conheciam, como se a cidade fosse grande. Estávamos entrando nos anos 60. Os moradores de Fortaleza não tinham muitas opções de diversão. Aliás, diversão era coisa de fim de semana. Missa, futebol, cinema e quermesses promovidas pelas paróquias de São Gerardo, Nossa Senhora das Dores, em Otávio Bonfim, São Benedito, Coração de Jesus e Mucuripe. A Festa da Imprensa, montada uma vez por ano, no Parque da Liberdade, fazia a alegria da rapaziada. Nessa época a gente alugava calção para mergulhar no mar, com direito a banho de água doce nas barracas da orla.

Os ricos que ainda ocupavam os bairros de São Gerardo, Jacarecanga, Benfica e Gentilândia, estavam começando a se mudar para a Aldeota. A cidade era tão provinciana que um dia acompanhei uma multidão que se deslocava da Praça do Ferreira para a Praia de Iracema. Alguém deu a notícia de que uma mulher estava tomando banho de biquíni, coisa raríssima. E estava. Só que ela estava metida num maiô azul de duas peças, bem comportado. A mulher, uma americana branca, feiosa, não merecia tanto esforço. Por isso levou uma vaia, o que a deixou sem entender nada.

Quando as cadeiras nas calçadas começavam a sair de moda, o fortalezense se apaixonava pelo rádio. Além da pioneira Ceará Clube e da Iracema, dos irmãos Zé e Flávio Parente, a cidade ganhava mais uma estação. José Pessoa instalava a Uirapuru na Praça da Bandeira, Rua General Sampaio esquina com Clarindo de Queiroz. O prédio tinha o formato de um rádio e abrigava, também, a Gazeta de Notícias. A sede virou atração. Foi neste cenário que surgiu para a fama o jornalista, radialista e publicitário Tarcísio Tavares.

Era lá, na Uirapuru, que ele trabalhava, ao lado de Baman Vieira, Frota Neto, Carlos Alberto, Alfredo Sampaio, Cid Carvalho, Nazareno Albuquerque, Juarez Silveira, Ayrton Rocha e os irmãos Kemal e Luciano, dois sonoplastas, operadores de áudio que logo se transferiram para a Rádio Bandeirantes, em São Paulo. O Kemal inventou uma câmara de eco, que era usada nas partidas de futebol: gol...Gol. Goooll. A cidade era dominada pela Igreja Católica. Quando morria pessoa importante, as emissoras suspendiam a programação e passavam a transmitir música clássica, em sinal de pesar. Até hoje tem cearense que basta ouvir uma música clássica para pensar em morte, em luto. A programação das rádios era comportada. A atração ficava por conta dos programas de auditório comandados por João Ramos, Augusto Borges, Armando Vasconcelos, Matos Dourado, ou dos programas do Eduardo - Dudu Fernandes, e do Irapuan Lima.

Foi neste contexto que surgiu o primeiro programa de estúdio, diferente, que me impressionou. Era o Variedades TT. Ia ao ar pela Uirapuru. Com sua voz metálica, diferente do vozeirão que caracterizava os apresentadores de então, TT falava com as ouvintes, contava histórias, dava notícias, uma interação que se completava com a par-

ticipação de repórteres falando de diferentes lugares. Apresentava "povo fala", aquelas enquetes feitas, ao vivo, no meio da rua. Tarcísio Tavares chamava de rádio verdade. Era o povo emitindo sua opinião sobre o preço do feijão, a alta da carne, todo mundo metendo a bronca, ao vivo. Um radiojornalismo pioneiro, vibrante.

Claro que o rádio Verdade do TT não era uma fórmula definitiva. Mas serviu de escola. Ajudou a mudar a sociedade cearense. O redator do Washington Post, Ben Bagdikian, no livro Sociologia da Comunicação diz que "a evolução da informação perturbou as classes dominantes como os novos canais parecem ameaçar a situação, do mesmo modo como a alfabetização o fazia em relação à igreja na Idade Média." E mais: os homens continuarão a lidar uns com os outros do jeito que acharem melhor em sua época e suas interações darão ensejo a novos relacionamentos que serão noticiados por outros comunicadores.

Tarcísio Tavares passou pela Rádio Verdes Mares antes de trabalhar na Uirapuru. Era redator e, segundo o Edilmar Norões, escrevia e apresentava seus programas. Naquela época o rádio cearense era mais elaborado. Toda programação previamente escrita por redatores especializados. Usava-se pouco improviso. Quer dizer, quase não se diziam besteiras no ar. Tarcísio, de improviso ou por escrito, não media palavras quando queria dar seu recado. Na sua luta para mudar costumes, liberar homens e mulheres lançava slogans tipo "virgindade dá câncer". Um dia, apaixonado por uma linda donzela, escreveu que ela tinha "a cor do primeiro minuto da aurora". Era também o rei da cantada. Inteligente e irrequieto, o rádio era pouco para dar vazão ao seu poder de criação.

Quando a TV Ceará era o único canal da cidade, Tarcísio Tavares marcou presença, produzindo programas

que revelaram muitos jornalistas-apresentadores. E bolando comerciais que marcaram época. Mário Monteiro, que hoje mora em Salvador, onde é conhecido como Mário Pontes, lembra uma das presepadas do Tarcísio na televisão. Estava no auge da beatlemania. Paul MacCartney, John Lennon, Ringo Star e George Harrison deixavam os jovens da década de 60 alucinados. Todo mundo cantava Help, Love Do, Michelle, Penny Lane e outros sucessos. Tarcísio teve a idéia de anunciar os Beatles no programa da Juventude, na TV Ceará. Mandou chamar um conjunto de rock, da cidade mesmo, e incumbiu o próprio Mário de providenciar a transformação dos cearenses nos famosos artistas ingleses. Mário conseguiu perucas, bigode, paletós e a banda atacou de Beatles, cantando as músicas que não saem, até hoje, da boca da moçada. Um delírio. Todo mundo viu que era mais uma sacada do Tarcísio e levou na galhofa.

Ele foi inovador, também, na publicidade. Ajudou, inclusive, a mudar a mentalidade dos comerciantes, que achavam que estavam fazendo o maior favor aos veículos da mídia ao anunciar suas lojas, seus produtos. Foi autor de memoráveis campanhas publicitárias, que revelaram garotas e garotos propaganda e fez muito comerciante ganhar dinheiro. A série de TV Bat Masterson fazia sucesso. Tarcísio resolveu pegar a onda. Caracterizou um modelo de chapéu e bengala e, bastou anunciar que o artista do seriado da TV estava nas Lojas Couto para que uma multidão acorresse em busca de um autógrafo. Até hoje o modelo é conhecido como Bat Masterson. Acho que nem lembra mais seu próprio nome de batismo.

Tarcísio Tavares foi o primeiro animador cultural do Ceará. Colocou na ordem do dia as festas dos clubes suburbanos até então desconhecidas da maioria das pessoas. Inventou inúmeros cronistas sociais. Chegava a entre-

gar prontas as colunas de alguns deles que não sabiam escrever. "O biquíni é necessário", escrevia ele, fazendo campanha na coluna do Carlos Medeiros. Durante anos patrocinou concursos para escolher as meninas mais bonitas dos bairros, elas eram exibidas nos programa da TV Ceará. Chegou a transformar o Mário Monteiro em galã, um garoto propaganda que tinha a roupa rasgada pelas fãs nas festas da periferia. Tarcísio fez tanta propaganda das festas nas colunas sociais que muita gente da alta sociedade passou a freqüentar os clubes suburbanos. E o que a moçada apostava como grande aventura de repente se transformou numa diversão sem precedentes.

O Sérgio Costa, advogado e compositor, jura que a ascensão dos clubes suburbanos, promovida pelo TT, decretou o fim dos clubes elegantes. Comunicadores como Paulo Limaverde compraram a idéia de Tarcísio e passaram a propagar as festas suburbanas. Para entrar era só pagar um convite. Os sócios do Maguary, Comercial, Diários, Massapeense, Líbano partiram rumo ao subúrbio, onde as meninas eram muito mais liberadas. As animadas noitadas em clubes como o Acrem, Tiro e Linha, Aerolândia, Romeu Martins, Waldemar Falcão, o Secai, da vereadora Lalinha no Pirambu, ou o Terra e Mar, do Cirênio Cordeiro, no Mucuripe, iniciaram o processo de decadência dos clubes elegantes, que acabaram fechando. Os ricos se esforçam hoje para manter o Ideal, o Náutico e o Iate, Depois dessa incursão do TT pelos subúrbios a freqüência aos clubes que restaram nunca mais foi a mesma. Nem as noites da Capital cearense.

Tarcísio Tavares gostava de receber os amigos em casa, metido num quimono vermelho, presente do Inácio de Almeida comprado no Japão. Certa feita vestiu-se de branco e foi desfilar na Beira-Mar, acompanhado por dois

negros, elegantemente vestidos. Um segurava uma sombrinha de praia, branca, e o outro com um grande leque ia abanando o irrequieto publicitário, como num filme. A atriz Lourdinha conta que um dia Tarcísio chegou ao Theatro José de Alencar numa limousine. Quando o motorista desceu para abrir a porta, causou o maior espanto. O motorista estava de fraque.

"– É do Camboja? Quero falar com Lo Nol". Era o Tarcísio Tavares ligando para a Embaixada do Brasil em Tóquio. A ligação internacional começou depois do quinto uísque, quando todos que estavam na residência de Gustavo Silva resolveram testar o sistema DDI, recém-inaugurado em Fortaleza. Um gozador, homem de frases inteligentes, críticas, estava sempre abrindo portas, mentes, ajudando a modificar o comportamento preconceituoso e conservador do fortalezense. O hábito de fazer juízo antecipado, sem fundamento, não é exclusividade nossa. Vem de muito tempo e parece ter origem na falta de conhecimento. Já o apego às tradições, a oposição às inovações, também não é privilégio dos ignorantes, afeta a todos.

Veja esses exemplos de conservadorismo: quando a primeira locomotiva foi construída, peritos em transporte diziam que ao atingir a velocidade de 30 milhas por hora as pessoas sufocariam. O engenheiro químico Clifford Furnas, no livro "Os próximos cem anos", editado em 1936, dizia que a energia atômica era improvável. O astrônomo Simon Newcomb demonstrava cientificamente que a aviação era impossível. O jornalista Bem Bagdikian lembra que "as pessoas ameaçadas pelas reformas, ou que estão contentes com a situação, tendem a não acreditar num futuro diferente". Tiremos, pois, o chapéu para Tarcísio Tavares, este incrível comunicador que mexeu com a mente dos cearenses, ajudando a mudar costumes.

Quem me chamou a atenção foi o Pádua Lopes. Tarcísio Tavares parece que não precisava muito de bebida para estimular suas ações e garantir noites alegres. O Pádua acredita que ele era movido mesmo a emoções. Uma qualidade que sempre admirei nele, porque falta em mim, é a competência com que administra seu tempo. Presepeiro, farrista, ainda consegue tempo para ler e ir ao cinema... E entre as suas leituras prediletas estava a vida dos milionários. Gostava de saber como eles fizeram suas fortunas e como se divertiam gastando seus milhões. A vida do magnata Howard Hughes, que passava o tempo trancado, de luvas, com medo de ser devorado por germes, encantava Tarcísio Tavares. O nosso homenageado deliciava-se lendo Scott Fitzgerald, o ídolo da juventude insatisfeita de seu tempo. O dinheiro que ganhava fazendo roteiros de filmes e escrevendo romances Scott gastava em Paris. Lá ele alugava príncipes russos, desempregados pela revolução comunista, para fazer as honras nas festas que promovia. Ernest Hemingway, no livro "Paris é uma Festa", conta que Scott mandava escrever na porta da adega, antes de começar os embalos: "Não arrombe a adega, mesmo com ordem do dono da casa".

Outro americano que TT curtia adoidado era Frank Sinatra e seu extravagante modo de vida. Para "The Voice" o lugar perfeito onde passar a madrugada tinha que ter um bom pianista, conversa agradável e gente que gostasse de dormir tarde. Um pouco de comida sempre ajuda, dizia o velho Frank. O jornalista Bill Zehme, para mostrar que Sinatra era mesmo um bon vivant, conta no livro "A Arte de Viver" um fato hilário, impagável, que ocorreu em Los Angeles. Um dia, ao sair de um restaurante, Frank pediu ao manobrista do estacionamento que lhe trouxesse o carro, um Dual Ghia. O cantor, já no automóvel, per-

gunta qual a maior gorjeta que o manobrista recebeu. O rapaz diz: cem dólares. Frank mete a mão no bolso e lhe dá duzentos dólares. Em seguida pergunta quem lhe deu os cem dólares? E o manobrista: "O senhor mesmo, na semana passada". Histórias como essas fazem a alegria do Tarcísio que, a exemplo de Scott e Frank sabe aproveitar a vida. Aliás, lembra Frota Neto, que um dos desejos de Tarcísio Tavares é, um dia em Londres, vestido num robe de chambre, tomar o breakfast com a Rainha.

TT é um cinemeiro apaixonado. Guarda na cabeça uma invejável cinemateca. Entende tanto de cinema quanto o Lúcio Brasileiro de futebol. Quando menino já era viciado em cinema. Um dia ficou doente e, para não perder os filmes em exibição nos cinemas, pagou ao B. de Paiva, seu colega de rua, para ir assistir os filmes em cartaz. Em troca tinha que contar tudo, o que o B. de Paiva, ator, já fazia com grandes encenações. A propósito, foi o Tarcísio quem batizou o José Maria Bezerra de Paiva, de B. de Paiva. Ele conta essa história aqui no livro. No "Jornal da Rua", vespertino da Editora Verdes Mares, do Grupo Edson Queiroz, Tarcísio tinha duas páginas para comentar inclusive filmes pornôs. Ele estabeleceu um júri de mentirinha e dava votos engraçados, espirituosos, em nome dos amigos que escalava a cada dia para aparecer nas páginas do Jornal da Rua.

Hoje, aos 70 anos, Tarcísio Tavares continua na ativa. A convite do Newton Freitas, ataca de animador das artes plásticas, da música, e da literatura. E pode muito bem usar as palavras do toureiro americano Sidney Franklin: "Idade nada tem a ver com a arte, com a profissão. Tudo se resume ao que você tem na cabeça". E uma das coisas que TT tem na cabeça é mulher, uma de suas especialidades. Entende do assunto como poucos

mulherólogos deste País. Por isso não sente o menor constrangimento quando é convidado pelo comunicador Will Nogueira para participar do júri do programa de sábado na TV Diário. Em meio àquele mulherame Tarcísio Tavares se sente um menino.

XYCO THEÓPHILO – SORRIA, TT CHEGOU...

A vida tem um jeito de surpreender a gente. Só conhecia o Tarcísio Tavares de televisão com seus famosos tira e bota óculos, ou com uma perninha dos óculos na ponta da boca. Vim até ele, convocado pelo colega de Faculdade e grande amigo sempre, José Leite Sobrinho – Leitinho. TT perdera seu braço de redação – Assis Santos que havia ido prolongar o seu sucesso na Bahia. Estava na Norton agência do afamado Geraldo Alonso, onde entrei pelas mãos da minha professora Adísia Sá. Digo, portanto que foi a Adísia que me abriu as portas da profissionalização, duas vezes: fiz a Faculdade de Jornalismo atraído por ela no seu Programa da TV Ceará "Panorama Universitário" e como queria enveredar na propaganda ela me conduziu à Norton, e, me entregou a um outro grande mestre Nivaldo Rangel que certamente dissera, "vou encaminhar esse magricela de bengala"-. E me abriu oportunidades de conviver com planejamentos e criativos da Norton, pelas vias dos malotes. Foi uma Universidade de saber para mim.

A proposta do TT via Leitinho era tentadora e fomos só conversar. Não saí mais. Já fomos sentando e assumindo uma ronceira máquina de escrever. Em 68 não existia computador, facilitador que só pintou nos idos de 80. Fiquei lá quatro anos e meio e saí, renunciando um grande salário (já era o campeão da folha).

TT pagava bem, e, regularmente. Mas você sabe como é cabeça jovem (libido aflorado e falta de juízo), abdiquei do grande salário para sofrer por conta própria, embora sem perder o convívio do querido TT, pessoa que me proporcionou, indelevelmente, a arte da agilidade mental, pois na Publicinorte tudo era pra ontem.

Lá chegávamos a fazer oito campanhas diárias, e, quase sempre, todas veiculadas. Não eram textos; eram oito campanhas mesmo. Como a Publicinorte era movida a varejo, o atendimento trazia a necessidade do cliente e no mesmo dia (quero dizer logo depois) estava no ar. A agência era um agito só: ráápiiiiddooooo meu filho, tamborilava o Tarcísio, tocada a boiada.

E ainda nesse frisson rolavam episódios memoráveis com os personagens que marcaram nossas vidas, com o jeito surpreendente das eternas gozações do TT.

Nossa sala era o palco da efervescência. Glice Neide, Tarcísio, Seu Dudu, Maninho e Eu dividíamos o mesmo vão, e brincávamos da chegada à saída, a partir de uma originalíssima porta de saloon legítimo cowboy americano, de molas, que se abria em duas bandas.

Tudo lá virava motivo para um riso sólido. Percebi que quanto mais dura fosse a luta, mas gloriosa seria a vitória. Campanha no ar era sinal de sucesso. Os caixas dos clientes tilintavam.

Como minha escola era outra, do briefing bem colhido e bem discutido, de informações, de analogias, de pesquisas, dos posicionamentos do produto e dos concorrentes, da manifestação estratégica; todo dia tínhamos choques. O varejo era frugal demais, não era o meu espelho, mas o TT insistia que "campanha no ar tinha sempre um objetivo inteligente" e a recompensa do mérito vinha com o recall das compras. Essa convicção dele era o elixir da miraculosa mídia.

Se aquela conduta era um bem, e, como me deixava levar pela regra búdica "fazer o bem, traz o bem" fui pela linha da perspectiva do TT. O dito foi o feito.

Como a alegria é primordial para a vida. TT não deixava passar nada. Mariozinho Monteiro, sobrinho do Seu Dudu, primo do Maninho e do Estacinho, irmão do Fernando Pontes foi dimensionado pela TV Juventude como ídolo. Era o galã produzido das meninas. TT um dia, ao ler uma manchete do Correio do Ceará, que faltavam ovos na cidade, me fez fazer um anúncio de ofertas de ovos, baratíssimos.

O Mariozinho Monteiro morava nas Damas na casa do tio Dudu. O anúncio vendia duas dúzias de ovos a preço de seis e *pedia para ligar somente das 21 às 02 da manhã.*

O telefone não parava de tocar, Mariozinho para não acordar nem dona Edna nem seu Dudu, abafou o telefone com travesseiros espessos. No outro dia foi um pega pau danado na agência. TT, às gargalhadas, negava pouco convicto que a brincadeira era dele. Quando Mariozinho saía da sala ele exclamava: "A boa propaganda é a alma do negócio... E ainda dizem que jornal não funciona".

Voltava à vítima do conto dos ovos a preço de banana e ele dizia: "Deve ter sido engano". Mariozinho replicava: "Engano o cacete, foram mais de 220 ligações e isso foi a madrugada inteira... Abafei o telefone para o tio Dudu não acordar...".

Fizemos a campanha de lançamento do relógio Technos. Veio toda a diretoria da Technos e a propaganda sairia no programa de maior audiência da Tupi – Flávio Cavalcanti, que era ao vivo, retransmitido a partir da cinco da tarde pela TV Ceará. Ensaiamos o comercial de lançamento que entraria naquele domingo com os dois

Tarcísio (Tavares e Azevedo). Nenhum dos dois pronunciava a palavra correta Technos (só falavam *técnicos*) passava a quinta, a sexta, o sábado, e, nada. Criamos um facilitador de leitura no roteiro *T.é.q.u.i.n.ó.s.* Dizíamos *Tequi* de Tequila... *Nós* (você, eles e eu), *Noz* (de nozes natalinas). Nada dava certo.

No domingo todos os dois, TT e Tarcísio Azevedo, falaram o nome do relógio errado – *Técnicos* (a língua de ambos não dava). E assim aconteceu em toda a extensão dos breaks do Flávio Cavalcanti.

As ópticas relojoeiras, que tiveram a palavra de exclusividade da Technos, para comercializar o produto, explodiram-se de público comprador. Antônio Romcy assistia aquele enxame de clientes do mercado relojoeiro. Pressionou de todo o jeito a Technos para vender o relógio para seu grande magazine, o trator do varejo na época. Pacto era pacto. Antônio pegou seu diretor do jurídico (o hoje não menos famoso Máximo Fortinho) e o mandou para o Rio, falar com seu compadre, dono da casa Masson, e trazer o máximo de relógios Technos. Jogada rápida, vaptvupt, o porta-voz estava de volta e a própria Publicinorte foi instada a fazer a oferta no meio de um comercial de fim de semana. Outra explosão de venda. Os lojistas ópticos juntaram todos os pedidos e ameaçaram devolver a mercadoria restante à Technos, que a essa altura já tinha o Euniro Farah (diretor nacional de vendas da Technos) a bordo de um avião chegando agitado a Fortaleza. Reunimo-nos na Publicinorte e traçamos com aquele poderoso chefão, uma tática de comprar todos os relógios do Romcy, recrutando gregos e troianos que lá pudessem chegar. O Romcy delimitou as compras a duas unidades Technos por pessoa. Tivemos que recrutar todos os amigos do Edifício Triunfo, além de toda a agência. Às 17 ho-

ras a missão estava cumprida. Compramos tudo, pago pela Technos, para dissipar o mal-estar com o mercado relojoeiro cearense. Antônio, ao medir esse resultado de vendas, disparou de novo o Máximo Fortinho, para trazer todo o estoque da Masson e do comércio do Rio e até de São Paulo. Não tínhamos mais bala, nem Euniro, nem gás, nem ânimo para ultrapassar essas fúrias suíças...

TT era um repositório de estórias extraídas do povão. Vinha ele de ônibus (pagava todas as passagens de todos que estavam no ônibus com direito às estórias). Dali extraía grande campanhas com um faro incrível de povo. E chegava na agência contando aquelas estórias e extraindo eixos de abordagens e de expressões popularíssimas.

TT seria uma lenda ou uma realidade?

Para uns foi, é, e sempre será um mito de grande gozador.

TT reedita como central de sua felicidade, o riso acima de tudo. Um personagem muito recorrente na sua vida, foi sua cria imortal, Pedro Cinemeiro, que atendia pela alcunha original de Pedro Martins Freire. Cinemeiro patrocinado pelo Tarcísio assistia a todos os filmes e contava o enredo, a fotografia, o desempenho de elenco, as tomadas, os cenários com uma realidade incrível. TT gritava detalhes Cinemeiro, detalhes...

Um dia Cinemeiro cismou que tinha que ir pro Rio de Janeiro se aperfeiçoar. TT disse que só patrocinaria a ida: "Seu desejo Cinemeiro, só tem bilhete de ida. Vá às minhas custas, e volte às suas custas, mas só volte, meu bom Cinemeiro, famoso. Não me chegue aqui sem fama". Ora essa intimação ortodoxa não o fez desistir. Cinemeiro foi para o Rio do Negrão de Lima, e sempre escrevia, contando como a vida no Rio tava difícil. Numa dessas cartas, confessava que o dinheiro acabara, e, nem mais para a co-

mida tinha. Afirmara que todos os dias ia às 11 horas da manhã para a Cinelândia para, pelo menos, sentir o cheiro da comida.

A carta foi de tocar o coração. Cinemeiro deixava nas entrelinhas seu desejo de voltar. Lemos a carta várias vezes para o Tarcísio, que gargalhava a cada passagem de forma majestosa. Nos mobilizamos junto ao Pirajá e a ex-professores, pró-reitores e, a Reitoria, mandou o bilhete de retorno do Cinemeiro, sem Tarcísio saber desse conluio. Queríamos o Cinemeiro de volta, mesmo às custas da Reitoria.

Ao chegar de modo surpreendente, TT fazia o Cinemeiro sentar e contar a dor da fome e pintava esse quadro como um roteiro fílmico. Foram quatro semanas de narrativas que dilaceravam corações. Alguns mais comovidos, como o Leitinho choravam sacanamente.

Quem o via apenas de fora achava certamente que TT era um bárbaro agressor da dignidade humana. Promovia naquela época a homofobia que o vulgo hoje chama de pegadinha. Conde Maurício de Nassau é o seu mais evidente exemplo. TT achou um técnico holandês que consertava aparelhos de TV na sua própria casa, ali pela Floriano Peixoto. Era um homem grandão, tinha uma perna dura, muito alto (mais de 2 metros), andava meio curvo para não bater nos tetos. TT caracterizou *o holandês dos televisores* de Conde, com vestuário do Curso de Arte Dramática facilitado pelo B. de Paiva. Pegou um Iate personalizou com uma bandeira da Holanda, o holandês foi lá pra Praia Mansa e de lá aquela "Nau" veio até o Iate Clube onde TT, aguardava com um singelo colunista – que havia embarcado no conto do Conde. Demonstrando a mesma ansiedade de expectativa duas dúzias de socialites amigos aguardavam a chegada do nobre Conde Holandês

(que ensaiadamente não falaria nada de Português). Flashes pipocavam, whysky rolavam risos e até discurso para ofertar a cidade ao Conde. Dizia a nota do colunista, escrita pelo TT: "Aportou ontem no pier exclusivo do Iate um legítimo representante da alta nobreza européia, o Conde Maurício de Nassau, proveniente da Holanda, a terra que fornece para o mundo divinas e coloridas florzinhas..." Antes de rodar a edição, TT pressionado por todos daquela "comitiva de recepção" foi no Correio do Ceará e retirou a nota. Ao voltar, chorando de tanto rir: "Adoro viver perigosamente, my lorde".

TT tinha um catálogo de grandes mulheres bem fotografadas pelo Esdras e pelo Tavares. Pintava um tipo exótico, diferente guardava-se um book para uma propaganda proveniente. Apareceu num desses lances uma Miss (Miss mesmo tinha faturado três títulos, inclusive de Miss Ceará). Queria ser apresentadora. TT dizia: "Essa Miss se queixa que é virgem. O que eu faço para esclarecê-la que a virgindade dá câncer".

A miss estava iniciando-se na arte de apresentar comerciais. Estudante ainda, vinha com aquelas saias de colégio de freira, sentava-se em cima das mesas com coxas à vista, mexia com a cabeça de toda a agência. Todos eram alucinados pelos dotes da miss. No fundo, no fundo, era uma pessoa extraordinária, bom papo, muito alegre, embarcava nas presepadas e sempre estava descontraída.

Cheia de estórias sem maldades e bastante engraçadas. Fez uma carreira fulgurante tornando-se até a exclusiva anunciadora do Romcy, a maior conta da agência. A miss era toda alegria. Esperta percebia as brincadeiras do TT e não engrossava. Tinha dia que a miss chegava com a mãe e TT desfechava frases tipos: "Mãe de Miss nessas horas sofre". E a mãe bastante simpática exclamava: "Seu

Tarcísio é muito diferente do que eu imaginava. É sempre alegre, brincalhão". TT mal sabia que o pai da miss era sargento do Exército, salvo engano, e estávamos em plena linha dura. TT, quando a miss vinha, só atacava: "Miss Virgem não pode. Falta é homem nessas passarelas. Convença essa mulher que não há nenhuma vantagem em ser virgem se um dia isso vai se acabar numa péinha de nada". Essas observações fechavam com uma frase lapidar: "Virgem só a Nossa Senhora de Nazaré, e isso é coisa de Círio, mas Círio de Belém do Pará. E olhe, a Nazaré do Pará é virgem santa, mas todo mundo passa a mão na corda dela". Todos entendíamos, menos a miss, pois um expressivo empresário tinha um amor platônico pela miss. TT filosofava junto a esse empresário: "Para um amor platônico, meu caro amigo, só uma trepada homérica". Para arrematar a estória da miss TT concluía sua vã filosofia: "Ou essa mulher é muito resistente ou todos os homens são uns desistentes".

Quando TT viajou para o exterior houve uma primavera silenciosa na agência, era como se acordássemos e não ouvíssemos os pássaros cantando. E aí para acender a chama de instante a instante vinha um, como se ele fora, Leitinho, Hélio Catunda, Barthô, Valnir Borges Assiszinho (Assis Baixinho), Gadelha e até o Souto. Sabe o que era isso, saudade daquelas, do venha logo.

Costumava ter um fajuto poder profético; TT vendia o sonho das soluções imediatas para tudo. Sempre que saía voltava com uma surpresa, muitas vezes era o Bob Nelson (aquele paulistano que fazia questão de dizer que era Nelson Roberto Perez) um caixeiro-viajante que fez uma versão da música do compositor americano Stephen Foster que ele (Bob Nelson) ganhou fama "Suzana" uma versão brasileira da música folclórica americana. Nelson Roberto,

o popstar Bob Nelson tiroletava da porta a letra que em bom português falseava "ô tira o lei-itiiii..." (Eu tiro o Leite). TT gostava quando ele dizia que aquela música era um canto dos pastores dos Alpes americanos.

Bob Nelson era um grande pracista do mercado óptico e como era famoso no cinema, nos shows e na TV não esquentava cadeira. Os lojistas mandavam entrar e de repente toda a loja ganhava 10 minutos de show e de muito riso. Na agência o show era mais prolongado. Tempos bons do velho caubói, cantor...

Se existia um nó TT sabia quem poderia desatá-lo. Vendia a nós todos o sonho de soluções imediatas para tudo, lembro de um episódio com o cliente Empório das Meias – na época apenas um pequeno ponto, de portas estreitas na Liberato Barroso. Elaboramos uma campanha, trouxemos o cliente à agência. Traçamos uma mídia impactante muito bem elaborada pelo Souto Paulino. E o cliente ignorando toda a equipe voltou-se secamente para o Tarcisio e disse: "Seu Tarcísio depois das 19 horas ninguém mais assiste televisão. Assim é na minha casa, terminou 'a janta' vai todo mundo pra cama". Aquilo me fez dizer: "Mas o Sr. não faz propaganda para si nem para sua família. O Sr. faz propaganda para atrair consumidores que vão na sua loja, escolhem as meias e lhe pagam. Se o Sr., ou a sua família, quiser uma meia, vai lá na loja e tira, esburaca o estoque e as explicações posteriores". Foi um riso geral, inclusive do cliente e pensamos que ele havia se convencido. Para encurtar a estória, o Souto mudou toda a mídia deixando a exibição até as 18h30. O Empório das Meias ainda existe, nunca mais vi mídia dele. Certamente foi dormir mais cedo, não é TT?

Até hoje muitos de nós queremos entender porque dizem que amor é um prazer ligeiro. Tirávamos essa

sentença que fataliza os colóquios das quase cotidianas expulsões de pessoas intimadas a desocupar a sala onde nosso TT sempre bem acompanhado trancava-se certamente para assistir o Dimensão Total da TV Ceará. Isso acontecia regiamente de meio-dia e trinta às 13 horas e trinta. Espaço de tempo onde se fazia silêncio e acolhia-se noutras dependências da agência um time de futebol de salão expurgados da sala pelo TT. Lá apareciam com cara de besta e matreirices nosso contador Arruda, seu assistente Júlio, Josineide, Nilma e Souto. Perguntávamos: "O que houve para essa debandada coletiva? O homem precisou da sala". Continuamos rindo desse nosso silêncio cúmplice, pois aqui e ali chegava uma dessas amigas atrasadinha que passava batida e muitos paparam como sobra, levando-as para "Assistir o Dimensão Total" noutros lugares...

Um dia fiquei na agência até perto de 10 da noite e quando cheguei em casa recebi a notícia que uma tia-avó havia falecido, fui à sua casa, ali no Jacarecanga e lá velamos o corpo de minha tia Letízia até as 2 da manhã. Voltamos pela manhã (depois de ligar para a agência comunicando que iria me atrasar) para sepultá-la às onze horas no São João Batista. Cheguei na agência numa precisão britânica, às 11h45. TT com as mãos na cabeça sentou-se ao meu lado e disse-me: "Tiiiiooooofiloooo daqui pra frente faça um acordo com suas tias para não morrerem mais nas sextas-feiras... Sexta-feira não é pra morrer ninguém da família...". Graças a Deus esse profético perdura até hoje. Seja feita a vontade do nosso TT...

Também digo para o quatro cantos que todos os palavrões que aprendi na vida, foram pronunciados na agência de Propaganda, às sextas-feiras...

Para encerrar, como última narrativa do ano, o nosso querido TT costumava fazer sempre um Réveillon mar-

cante. Num desses anos arranjou um importador paulista para fornecer-lhe uma carne exótica: Lebre da Patagônia, um prato especial para consagrar a passagem de ano de inúmeros amigos convidados. Ele ficava dizendo o tempo inteiro que a lebre era proveniente das estepes salinas do Nordeste da Argentina, era uma carne muito saudável, pois a lebre era uma comedora compulsiva de ervas. A passagem do ano seria de sábado para domingo. Na sexta ligou 12 vezes para o tal importador, e de um modo tão insistente. No sábado idem. Na segunda não trabalharíamos. Só na terça. Quando chegamos na terça ele afirma que a aflição cumulou até o sábado, 18 horas. Foi pegar as Lebres da Patagônia no Aeroporto Pinto Martins direto para a panela. Levantei uma maliciosa e cruel dúvida. "TT me diga como é a lebre. Ela tem uns 60cm, certo? Tem uma calda que o vulgo chama de rabo de uns 5cm, certo? Tem unhas compridas e pontudas onde costuma cavar o chão. Veja bem TT será que esse importador paulista matou seis gatos e mandou para você, como se fora as lebres? São tão parecidos". TT teve uma crise de repugnância toda a terça-feira. Suando e pálido, saindo do banheiro a toda a hora, indagava: "Será!!!". E pra lá voltava correndo. Essa cena repetiu-se muitas vezes naquele dia.

TT é uma caixa de ressonância de fatos pitorescos. Se a alegria é o grande conteúdo da cultura a alegria do TT é admissível que passe pelo deboche, pelo desregramento, pelo gargalhar distribuído a todos os que estão perto, e se tornaram próximos, quando o que estava perto passou a gozação, com o rigor narrativo, para aquele próximo.

Amor e alegria se amoldam. Alegria comporta o conteúdo da vida. Alegres são todos aqueles que aprovam e se afinam com o mundo, mesmo com o rito das brincadeiras do TT talvez fossem sua forma somática de pen-

sar sorrindo, o que para mim, que trabalhei com ele, era um contra-senso, pois a propaganda da Publicinorte mais parecia de universalização sisuda, nem ele, nem ninguém de lá, soube transportar isso para o vídeo. Gozar o próximo, quando está bem próximo, é invocar a função do riso, o cumprimento saudável de seus deveres de gozador. O riso lá era um surto, parecia estar escrito: faça-me alegre todos os dias.

Em nossas dimensões humanas, temos uma coisa absolutamente comum, ficamos mais sozinhos do que goleiro na hora do pênalti.

O homem é feito de carne, sangue e riso. Viva a felicidade desse momento de registrar essas saudades da Publicinorte de TT, de seu Dudu, do Maninho, da Glicineide. Pois a felicidade desses momentos, querido TT, é a sua vida. Continue assim, enchantèe, com sua altivez heróica, cobrando e reclamando das mesmas coisas. Construindo "becos com saída" (diferente até nisso) e o que mais desejo é que você na sua incrível comunicação pessoal construa uma janela dentro da sala com vista para o mundo.

Xyco Theóphilo.
Jornalista por formação.
Publicitário por vocação. Empresário por descuido.
Arrependido por ter deixado a Publicinorte em 73.

ICONOGRAFIA

No SECAI, Tarcísio Tavares, de quimono japonês, c/Mário Monteiro brinca o Carnaval

Da esq. p/dir.: Clóvis Rolim, Dudu Brígido, Paulino Silva, TT, Almir Pessoa, Paulo Carvalho e o jornalista Edilmar Norões

Ao lado do jornalista Walse Barbosa cumprimenta o cliente José Dias Macêdo

TT, de pé, ladeado pelos falecidos jornalistas Edmundo Maia e Wilson Fernando, vendo-se, ainda, Frota Neto e Newton Pedrosa.

TT no tempo da brilhantina

TT diverte-se no extinto Clube Massapecnse

Arimatéia Santos e Edson Queiroz ladeiam TT, no lançamento do fogão Tropicana, no late Clube do Rio de Janeiro

Tarcísio Tavares no final dos anos sessenta

Marcília, Tarcísio, Maurício Xerez, Milton Dias,
Lustosa da Costa e Josué de Castro em acontecimento social.

Tarcísio, Marcília Tavares e Lustosa da Costa ladeiam o Cel. Emílio Burlamaque.

- Fortaleza, meu amor, Stylus Comunicações, 1987.
- Clero, nobreza e povo de Sobral, Centro Gráfico do Senado, 1987.
- Vida, paixão e morte de Etelvino Soares, Editora Maltese São Paulo, 1995.
- Louvação de Fortaleza, Edição Casa de José de Alencar, 1995.
- No après-midi de nossas vidas, Edição Casa de José de Alencar, UFC, 1997.
- Rache o Procópio!, Edições Casa de José de Alencar, UFC, 1998.
- Como me tornei sexagenário, Edições Casa de José de Alencar, UFC, 1999.
- Foi na seca do 19, ABC Editora, 1999.
- O senador dos bois, Edições UVA, Sobral, 2000.
- Vida, paixão e morte de Etelvino Soares, Universitária Editora, Lisboa, 2002.
- Sobral, cidade das cenas fortes, ABC Editora, 2003.
- Dicionário do Lustosa, ABC Editora, 2003.
- Clero, nobreza e povo de Sobral, ABC Editora, 2004.
- Ao cair da tarde, ABC Editora, 2006.

Digitalizado com CamScanner

Se Tarcísio Tavares era um personagem em busca de um autor, já encontrou 41

Alfrízio Melo - Grande TT
Antônio Romcy - Depoimento a André Marinho
Assis Vieira Filho - Depoimento a André Marinho
Audifax Rios - TT é uma festa
Augusto Figueiredo - TT e eu
Aurora Miranda Leão - Território da alegria
Ayrton Rocha - Tarcísio Tavares e o Banco Nacional
B. de Paiva - Ta-Tá e sua Lu...Ta!!!
Blanchard Girão - Tarcísio Tavares, variações sobre uma figura singular
Braz Henrique - Tarcísio inventou TT
Cordeiro Filho - Na crista do sucesso
Dimas Macedo - T(É)T(Ê) para principiantes
Fernanda Quinderé - Tarcísio, um homem sem idade
Fernando Costa - Ao mestre com carinho
Frota Neto - Tarcísio Tavares o agitador cultural
Gervásio de Paula - O TT que conheço
Gilmar de Carvalho - Briefing para um texto sobre Tarcísio Tavares
Glice Neide Sales - Personagem de ricas experiências
Guto Benevides - Sobre o nosso TT
Inácio de Almeida - Um tipo inesquecível
José Augusto Lopes - TT é coisa de cinema
José Mapurunga - Sobre Fortaleza, TT e outros papos mundanos
Juarez Leitão - Tarcísio Tavares nos tempos da brilhantina
L.G. Miranda Leão - TT, figura ímpar de Fortaleza
Luciano Diógenes - O filé mais caro do mundo
Lúcio Brasileiro - Gosto pela vida social
Lustosa da Costa - Tarcísio, cinqüentão
Mino Castelo Branco - Pilouras sedutoras
Maurício Silva - Dossiê TT
Narcélio Limaverde - Desde o Colégio Cearense
Nilto Maciel - Gritos de amigo
Paulo Roberto Pinto - A boemia espiritual do TT
Newton Freitas - Tarcísio Tavares, incentivador da cultura
Newton Pedrosa - "Mulheres, mulheres, whisky, ave"!
Paulo Limaverde - As 3 fases da vida de um homem
Pedro Casemiro - Andar de ônibus para conhecer o povo
Pedro Martins Freire - Uma pessoa especial
Ricardo Bacelar - TT o ás da comunicação
Sales Andrade - O pulo do gato
Wilson Ibiapina - Esse TT é um danado
Xyco Theóphilo - Sorria, TT chegou

ISBN 85-7536-171-6
9 788575 361719

Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há!

Digitalizado com CamScanner